

CULTURA POLÍTICA MENTALIDADES



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1989

A FÉ POLÍTICA LIBERAL

«Juro cumprir fielmente, em execução dos poderes que me foram dados, as obrigações de deputado nas Cortes extraordinarias que vão fazer a Constituição da monarchia portuguesa, e as reformas e melhoramentos que ellas julgarem necessários para bem e prosperidade da nação, mantida a religião catholica apostolica romana, mantido o throno do Senhor D. João VI, rei do reino unido de Portugal, Brazil e Algarves, conservando a dynastia de Bragança»

Fórmula do Juramento prestado pelos deputados em 26 de Janeiro de 1821

«O Meu Coração afflicto pela existencia de tão horribéis males consola-se porem, reconhecendo a Protecção visivel que Deos, Dispensador dos Thronos, concede á nobre e justa Causa que defendemos»

Manifesto de D. Pedro em 2 de Fevereiro de 1832

Nos anos vinte e trinta do século XIX a sociedade portuguesa esteve envolvida num processo revolucionário — o da Revolução Liberal — e na defesa dos princípios constitucionais em consequência da mudança política operada em 24 de Agosto de 1820.

É desde essa paradigmática data que o liberalismo se irá afirmar como uma nova «fé política» — que não visava substituir-se à fé religiosa, nem sequer contestar a religião católica ou mesmo menosprezar o sentimento religioso (de

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

séculos) da sociedade portuguesa (1) através do recurso a uma eficaz propaganda política que então ensaiou com a apelação a práticas e representações perante a vida e a morte onde estão presentes normas de um certo comportamento religioso secular, mas que também prenunciam uma sociedade laicista.

O liberalismo vintista concebeu a religião não só como um importante instrumento de coesão social (todos os seus principais actos políticos, oficiais ou não, passaram pelos templos religiosos ou maçónicos ficando consagrados pelos inúmeros *Te Deum*), mas também como portadora de uma mensagem moral catalizadora da adesão dos fiéis à causa constitucional. Vários foram os testemunhos dos clérigos, seculares e regulares, que mostraram aos portugueses as vantagens do Sistema Constitucional. Dessa importância da religiosidade política vintista são também um reflexo interessante as alusões «santas» ou «santificadas» às instituições, ideias e figuras que marcam a nova realidade política. Assim, a Sala das Necessidades é quase unicamente referida como «Soberano Congresso» ou «Santuário das Leis»; a causa da Liberdade é vista como uma «santa causa» e o próprio Manuel Fernandes Tomás é muitas vezes designado como o «corifeu do Sistema» ou o «Patriarca da Regeneração». De resto todos os textos oficiais vintistas (proclamações, manifestos, Constituição) declaram «manter a religião católica». Em todas as comemorações festivas empreendidas ao longo do triénio, públicas ou privadas, nas paradas militares, nas representações teatrais, nos banquetes e nos outeiros, se lançaram «Vivas» à «Santa Religião». E ao longo de todo o processo político vintista velou-se sempre pelo cumprimento do mais importante preceito político-religioso e simbólico que foi o acto do Juramento (ao novo governo em 1820; o dos deputados em 26 de Janeiro de 1821; o do novo governo da Regência em 30 de Janeiro de 1821; o do Rei D. João VI em Feve-

(1) Uma definição do que foi o sentimento religioso da sociedade portuguesa nos inícios do século XIX é afluída em Teresa Bernardino, *Sociedade e atitudes mentais em Portugal (1777-1810)*, Lisboa, I.N.C.M., 1986. Sobre a problemática religiosa em Portugal nos inícios do século XIX pode consultar-se Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, Tomo IV, 1750-1910, Parte I, Coimbra, 1922; António Matos Ferreira, «Portugal — Le Catholicisme aux 19^e et 20^e siècles», in *Dictionnaire de Spiritualité*, vol. 12, Beauchesne, Paris, 1985 e Manuel Augusto Rodrigues, «Problemática religiosa em Portugal no Século XIX no contexto europeu», *Análise Social*, vol. XVI (61-62), 1980.

reiro de 1821; o das Bases da Constituição em 29 de Março de 1821; e o da Constituição em 3 de Outubro de 1822) (2).

Políticos e religiosos preconizaram, desde então, a simbiose cristianismo/regeneração política. Assim o define claramente Borges Carneiro nas Cortes Constituintes:

«Se bem considerarmos a natureza da nossa Regeneração acharemos que ela não é outra coisa senão o puro cristianismo» (3).

E numa perspectiva escatológica, o P.º Galvão Palma fez ver num Discurso oferecido ao Soberano Congresso:

«...que a monarchia constitucional proclamada pela Nação, uma vez executadas as suas leis é mais conforme á religião de Jesus Christo que o antigo governo porque obvia grande número de pecados» (4).

Mas se os liberais (desde 1820) não põem em causa a religião, a sua atitude perante a Igreja/instituição é bem diferente. Com efeito encetam um processo de conflito com a Igreja, com os seus representantes máximos, o Cardeal Patriarca e o Núncio Apostólico. Ao criticarem as congregações

(2) Abordámos já esta problemática no nosso estudo «Linguagem religiosa e propaganda política (1820-1823)», in *Revista de História das Ideias*, vol. 9, Coimbra, 1987. Aliás, como o definiu Maria Cândida Proença, *A Regeneração. O conceito e a experiência nacional, 1820-1823*, Lisboa, 1987, Dissertação de mestrado policopiada, o discurso da regeneração de 1820 tem fundamentos profundos «na religiosidade que povoa o universo mental da maioria do povo português» (p. 270). Em 1823 interrogava Fr. Fortunato de S. Boaventura notando essa outra forma de religiosidade liberal: «Donde viria aos séculos XVIII e XIX a excessiva cópia de juramentos em que deixão muito aquém de si todos os séculos precedentes?... Veio-lhe da sua assaz demonstrada falta de sentimentos religiosos». (*O Punhal dos Corcundas*, n.º 12, Lisboa, 1823, p. 122). Assinale-se, também, que a cerimónia religiosa do juramento dos deputados como órgão colectivo verificar-se-á, pela última vez, em 25 de Janeiro de 1837. O juramento político manter-se-á mas como um acto individual aconselhado a todos, ficando portanto ao livre-arbítrio de cada um o seu cumprimento. Só em 1883 Manuel de Arriaga, na sessão da Câmara dos Deputados de 10 de Janeiro, proporá um projecto de lei que revogaria o juramento político.

(3) Borges Carneiro na sessão de 28 de Abril de 1821, *Diário das Cortes Gerais Extraordinárias e Constituintes da Nação Portuguesa*, n.º 66, vol. 1, Lisboa, p. 710.

(4) Joaquim Plácido Galvão Palma, *Discurso. Em que o Prior da Matriz de Monçarás... fez vez ás suas ovelhas que a Monarchia Constitucional... hé mais conforme à Religião de Jesus Christo...*, Lisboa, na Imp. Nacional, 1822, 16 p.

religiosas⁽⁵⁾ e os privilégios eclesiásticos, defendendo a redução do número dos conventos e ao manifestarem-se contra a admissão de noviços e de noviças, os vintistas dão um novo impulso ao movimento secularizador na sociedade portuguesa.

Mais: em alguns dos seus paradigmáticos discursos insistem na necessidade de se criar uma Igreja nova, depurada do luxo, do «fanatismo» e das «superstições»:

«A nossa Regeneração política deve compreender igualmente a nossa regeneração moral... A nossa Regeneração política não só não se oppõe á nossa Santa Religião Catholica e Apostólica, mas quer a sua perfeição quer a sua pureza, e não quer vê-la envolta em superstições»⁽⁶⁾.

Por essa razão, entre outras medidas tomadas ao longo do triénio, aboliu-se, desde logo, um dos baluartes da Igreja/instituição — o Tribunal do Santo Officio (31 de Março de 1821). Os representantes máximos da Igreja, o Cardeal Patriarca e o Núncio, como que anteviram o perigo de ruptura que a proliferação das «ideias liberais» iria lançar sobre a Igreja. Tinham presente as sequelas da Revolução Francesa e a sua Constituição Civil do Clero. Como tal não aderiram pacificamente ao movimento constitucional. O cardeal D. Carlos da Cunha, logo após a formação da Junta do Supremo Governo do Reino, em 1820, «zelando pela pureza da doutrina» vem denunciar-lhe as «ímpias e perigosas doutrinas do livro intitulado *Exposição da Lei Natural* ou *Cathecismo do Cidadão* e do *Cathecismo Moral e Filosofico* que o procedeo»⁽⁷⁾.

(5) A questão é analisada em José Eduardo Horta Correia, *Liberalismo e Catolicismo. O problema congreganista (1820-1823)*, Coimbra, Publicações do Seminário de Cultura Portuguesa, 1974.

(6) *Superstições descobertas. Verdades declaradas, e desenganos a toda a gente. Voz que ainda não se ouviu; mas que he bem conveniente sôe forte, e em bom tom. Aparecem as superstições nas Missas; Indulgencias, Altares privilegiados, Almas do Purgatorio, Stabat Mater, Porciuncula, Terra Santa, etc. Vocação do Clero. Juizo sobre a sua Continencia. Descrição dos Beatos. Abuso no Cordão, Correa, Bentinhos, etc. Maleficios, Agouros, Sonhos, etc. Tudo se prova pela Escripura, Canones, Santos, Padres, Leis Civis, argumentos Theologicos, e Filosoficos. Assim como pela Constituição somos regenerados civilmente, também pela mesma Constituição devemos ser moralmente regenerados*, Lisboa, na Impressão de João Baptista Morandó, Anno 1822, pp. 11-12. Este panfleto foi um dos mais polémicos que se publicaram no triénio vintista. Em 1823 foi excomungado pelo Cardeal Patriarca. É atribuído ao religioso trinitário Fr. José Possidónio Estrada. Em 1833 teve uma 3.ª edição. Lisboa, N.I. Silviana.

(7) O protesto do Cardeal e a resposta do governo estão transcritos em *Mnemosine Constitucional*, n.º 40, 9 de Novembro de 1820.

O próprio governo, que não era um órgão de vontades solidárias no processo revolucionário, resolveu a questão mandando retirar de circulação os exemplares impressos dessa tradução do *Catecismo* de Volney e, em relação ao segundo catecismo, afirma claramente desconhecê-lo⁽⁸⁾.

O Cardeal Patriarca ficou porém na mira dos liberais de 1820. E, em 1821, quando abertamente se recusou a jurar as Bases da Constituição (por não concordar com dois parágrafos), foi, tal como o determinava a lei, expulso do país de onde esteve ausente até 1823. Não foi o único caso. Quanto ao emissário papal, o Núncio Apostólico, D. José Cherubini, verá as suas instalações apedrejadas pela população lisboeta por «não ter posto luminárias» na sua residência nas noites dos festejos comemorativos do mesmo juramento. Não foi também o único caso.

Em 1823, quando com a Vilafrancada, o liberalismo vintista sossobra, o Cardeal regressa em triunfo. Todo o trajecto da viagem, desde que entrou no país até à chegada a Lisboa, se encontra descrito na folha oficial do novo governo, a *Gazeta de Lisboa*, que assim queria mostrar à sociedade uma «entrada triunfal» capaz de esmagar qualquer veiledade liberal.

(8) Refere-se à *Exposição da Lei Natural ou Catecismo do Cidadão*, Lisboa, Tipografia Rollandiana, 1820. Esta foi uma das primeiras traduções de Volney entre nós e é normalmente atribuída ao professor do Colégio dos Nobres P.º José Portelli, vintista de inegável passado liberal pois já em 1810 fora um dos setembrizados. Muito provavelmente pelo seu prestígio foi um dos membros da Comissão de Censura nomeada pelo governo interino de Lisboa por portaria de 21 de Setembro de 1820. Sobre a importância do texto de Volney e de outros publicistas na construção do ideário liberal e sobre o movimento de traduções das suas obras entre nós pode consultar-se o nosso texto «Do 'Século das Luzes' às 'Luzes do Século'. Notas sobre a presença das Luzes e da Revolução nas origens do liberalismo português», *Cultura, História e Filosofia*, vol. VI, Revista do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 1987. Quanto ao outro catecismo, cuja existência o governo manifesta 'desconhecer', deve tratar-se de: *Deveres do homem ou catecismo moral compilado e traduzido de diversos autores para uso da mocidade... por Eusebio Vanerio*, Lisboa, Impressão Regia, 1819. Apesar da indicação de autor, um professor brasileiro, este texto foi editado em Portugal por Inocêncio da Rocha Galvão e a sua venda é anunciada, embora com ligeiras alterações, no periódico *O Portuguez Constitucional*, n.º 5 de 27 de Setembro e n.º 8 de 30 de Setembro de 1820. Devemos também referir que a Mesa Censória dera o seu aval à tradução já em 1786 de um outro catecismo, o *Methodo de ser feliz ou Catecismo de Moral, especialmente para uso da Mocidade, comprehendendo os deveres do homem e do cidadão de qualquer Religião e de qualquer Nação que seja*, Versão do francez para o Idioma Vulgar

Aliás, ao lado do Cardeal Patriarca, eclesiásticos e outras personalidades coligam esforços numa campanha, que visou a denúncia do liberalismo enquanto origem dos males que dilaceravam a sociedade portuguesa. Surgem assim, em 1823, vários escritos que procuram refutar as «máximas irreligiosas e anárquicas» do liberalismo⁽⁹⁾ visto como o «último refúgio dos inimigos da Religião e do Trono»⁽¹⁰⁾ ou, identificado também, com o maçonismo⁽¹¹⁾.

A crítica do liberalismo — em 1823-1824 e depois em 1828-1833 — conduzida por D. Miguel, passou, sobretudo, pela defesa da aliança entre «o trono e o altar».

Os defensores e fiéis à causa miguelista⁽¹²⁾ prosseguem essa missão de demonstrar que o liberalismo:

«...para onde estava o Altar põe a Arvore da Liberdade, ou a figura da Razão, se não he antes huma prostituta; para onde estava a virtude põe o vício; para onde estavam os Cofres publicos põe a rapina; para onde estava a

por G.C.F. (A.N.T.T., *Mesa Censoria*, 575). Este mesmo *Cathecismo* continuava a ser anunciado em 1789 na *Gazeta de Lisboa*, 2.º suplemento ao n.º 20 de 23 de Maio de 1789.

(9) P.º José Morato, *Refutação Theologica e Filosofica das máximas irreligiosas e anárquicas bases do systema constitucional do novo cunho*, Lisboa, 1823. Joaquim Antonio de Lemos Seixas Castelo Branco, *Antidoto ou verdadeiro preservativo contra as máximas e doutrina do presente seculo em que se mostra e evidencia como a filosofia moderna conduz á anarquia e se combatem os princípios e máximas mais importantes da sua tão pessima, como infernal doutrina tais são — a soberania do povo — o pacto social — a liberdade e igualdade civis — e o indiferentismo, ou tolerantismo absoluto em matéria de religião...*, Lisboa, Tip. Maigrense, 1823. Estes são apenas dois dos vários textos que, após 1823, surgem contra o liberalismo, contra a Constituição, contra a maçonaria, procurando demonstrar que o sistema constitucional era inimigo do Trono e do Altar.

(10) Joaquim José Pedro Lopes, *As ideas liberaes, ultimo refugio dos inimigos da Religião e do Throno*. Obra traduzida da lingua italiana, da segunda edição feita em Florença em 1817, e destinada à instrução da Mocidade Portuguesa por..., Segunda Edição Lisboa, na Impressão Regia, Anno 1823 (a 1.ª edição, publicada no princípio de 1820, esgotou-se depois de 24 de Agosto).

(11) P.º José Pinto de Almeida, *Triunfo da Religião, do Trono e da Patria e Morte aos Pedreiros-Livres*, Lisboa, 1823.

(12) A partir de 1823 a contra-revolução vai insistir na defesa de uma ordem política estabelecida historicamente — o tradicionalismo — contra a inovação que representava o liberalismo. No entanto o tradicionalismo não viria a concretizar-se. D. Miguel como seu representante acabou por pautar a sua acção num sentido absoluto. Estes aspectos são particularmente estudados por Luis Reis Torgal, *Traçionalismo e Contra-revolução. O pensamento e a acção de José da Gama e Castro*, Coimbra, Publicações do Seminário de Cultura Portuguesa,

A fé política liberal

justiça põe a venalidade, e peculato; para onde estava a sciencia põe a ignorancia; para onde estava a Religião põe a impiedade» (13).

Em contrapartida, os liberais, através da palavra de D. Pedro, continuaram a pugnar pela sua identificação a verdadeiros cristãos:

«Dizer-se por tanto Christão, trazer sempre na boca Throno, Altar, Virtude, Religião, etc., e ao mesmo tempo destruir e fazer guerra a este mesmo Throno, profanar o Altar, ser perjuro e traidor, violar a Religião e santidade do juramento, pedir forcas, sangue, morte, exterminio em nome de Deos, que manda e ordena o contrario, he paradoxo absurdo e mentira. Isto posto e estabelecido proponho o seguinte problema: — Quais são os Portuguezes que adoram a Jesu Christo, que crem no Evangelho, na existencia de Deos, na Vida futura; os subditos de S.M.F. a Rainha de Portugal, ou os do Usurpador da Côroa da mesma Monarchia?» (14)

D. Pedro desejava legitimar o seu projecto de institucionalização da sociedade liberal e compreendeu, desde logo, a necessidade de ganhar o apoio do clero. Assim veio a decretar (em 30 de Abril de 1826) que todo o prelado português que ocupasse um cargo episcopal seria também Par do Reino. É sabido como D. Miguel quis não propriamente a legiti-

1973 e também por José Marinho Afonso Alvares, *A parenética portuguesa e os principais acontecimentos políticos de 1820 a 1834*, Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Letras, Coimbra, 1966. Sobre os estratos sociais, intervenientes na revolução liberal portuguesa, a sua participação ou recusa, consulte-se, fundamentalmente, J. S. da Silva Dias, «A revolução liberal portuguesa: amálgama e não substituição de classes», in *O Liberalismo na Península Ibérica na primeira metade do Século XIX*. Comunicações ao Colóquio organizado pelo Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa, 1981, v.º vol., Lisboa, Sá da Costa Edit., 1982; António Ferrão, *Reinado de D. Miguel. O Cêrco do Porto (1832-1833)*, vol. I, Lisboa, Publicações da Comissão de História Militar III, 1940. E também o estudo da sociologia da revolução liberal elaborado por Rui Cascão, «A Revolta de 1828 na Comarca de Coimbra. Contributo para uma sociologia da Revolução Liberal», *Revista de História das Ideias*, vol. 7, Coimbra, 1985. Sobre a participação do clero veja-se: Eugénio dos Santos, «Opções Políticas do Clero Regular Nortenho nas vésperas do Triunfo do Liberalismo. Uma sondagem», *Arquipélago. Série Ciências Humanas*, 3, Ponta Delgada, 1981; e, Armando Malheiro da Silva, «O Clero Regular e a 'usurpação'. Subsídios para uma história sócio-política do Miguelismo», *Revista de História das Ideias*, vol. 9, Coimbra, 1987.

(13) *Correio do Porto*, 17 de Janeiro de 1832.

(14) *Chronica Constitucional do Porto*, 28 de Julho de 1832.

mação mas o reconhecimento da legitimidade do seu poder absoluto e, para isso, recorreu, particularmente ao clero português ⁽¹⁵⁾.

O «duelo» entre D. Pedro e D. Miguel, isto é, a guerra civil, saldou-se, como sabemos, pela vitória do primeiro. Vitória essa pronunciada já em 1832:

«Consinta o Governo Usurpador que os verdadeiros Oradores do Evangelho préguem livremente na Capital, e nas Províncias; prégando ao mesmo tempo livremente todos os missionários, frades, e clérigos apostólicos; e no fim de alguns mezes veremos o resultado da opinião, e vontade nacional. A Nação decidirá qual he a verdadeira Política; e qual a verdadeira Religião, que J.C. nos ensinou, e que os Apostolos annunciarão em toda a terra. Se o usurpador não aceita este duello mostra que treme da verdade; e ficará convencido de que a sua Política he impostura, e roubo; e a Religião hypocrisia e fanatismo» ⁽¹⁶⁾.

O liberalismo defendia, assim, uma Igreja mais pura, fiel ao primitivismo evangélico e, como tal, desencadeia todo um movimento de verdadeira aproximação ao cristianismo ⁽¹⁷⁾. De resto, esta tentativa continuaria nos meados do

⁽¹⁵⁾ Armando Malheiro da Silva, *O Clero Regular e a 'Usurpação' ... cit.*

⁽¹⁶⁾ São palavras do pregador régio, Inácio José de Macedo em *O velho Liberal do Douro*, n.º 63, Anno 1832, p. 824. Já em 1826-27 Inácio José de Macedo procurava demonstrar a influência da religião nos três opúsculos que publicou em anexo à 1.ª série de *O velho Liberal do Douro (1826-1828 — 54 n.ºs): Influência da Religião sobre a Política do Estado* Pelo autor do Velho Liberal do Douro, Lisboa, Imp. da Rua dos Fanqueiros, 1826; *Influência da religião sobre os costumes, Ibidem*, 1826; e *Ensaio politico de Macedo... Ibidem*, 1827.

⁽¹⁷⁾ As opções religiosas, e mesmo anti-religiosas, do século XIX são determinantes na vida política e social da Europa pós-revolucionária e explicam-se pela renovação religiosa que então tem lugar. Não devemos omitir o impacto desse «despertar» produzido, por exemplo, através das obras de Chateaubriand (*La Génie du Christianisme* — 1802), Lamennais (*Essai sur l'indifference en matière de religion* — 1817-1823) e Benjamim Constant (*De la religion* — 1829). Em Portugal as suas obras foram divulgadas e traduzidas. O poema de F. A. de Chateaubriand, *Os Martyres ou a religião christã em triumpho*, conheceu, na primeira metade do século XIX, quatro traduções: uma da autoria do Reitor da Sé de Coimbra e Bacharel em Cânones, P.º Manuel Nunes da Fonseca, Lisboa, T. Rollandiana, 1816; outra, do clérigo teatino e depois presbítero, D. Benevenuto António Caetano de Campos, Lisboa, 1816-1817; outra de Francisco Manuel do Nascimento, Paris, 1816; e, finalmente, a de Camilo Castelo Branco em 1865. Relativamente a *O genio do Christianismo ou belleza da Religião cristã* de F. A. de Chateaubriand são conhecidas duas traduções: a de D. Benevenuto A. C. de Campos, em 1817 e a de Camilo

século XIX como o revelam os nossos românticos e socialistas de 1848, portadores de uma outra «Boa Nova» (18).

Mas da parte do Papado ela viria a ser contrariada como o expressam os textos das encíclicas *Mirari Vos*, *Quanta cura* e *Syllabus*. E assim se alimentaria a chamada «questão religiosa» do século XIX (19), que se não podemos identificar com a guerra civil foi, no entanto, uma polémica fundamental — não, pelo mero confronto entre pedristas e miguelistas — para a compreensão das atitudes de crítica ou de apoio que esses grupos políticos procuraram nas suas relações com a Igreja em busca da própria institucionalização. Aliás, o que acabará por definir o movimento anticlericalista (20) no republicanismo português ao promulgar-se a lei de separação entre a Igreja e o Estado em 1911 (21), foi o ressurgimento clerical em Portugal nos fins do século passado.

Mas não queremos afastar-nos do nosso tema de reflexão: o de que o liberalismo (do Vintismo ao Setembrismo) se realizou também de certa forma como uma prática política onde é patente o recurso a normas consuetudinárias de um Estado político organizado e a comportamentos de uma sociedade que não recusa padrões religiosos como o vemos através

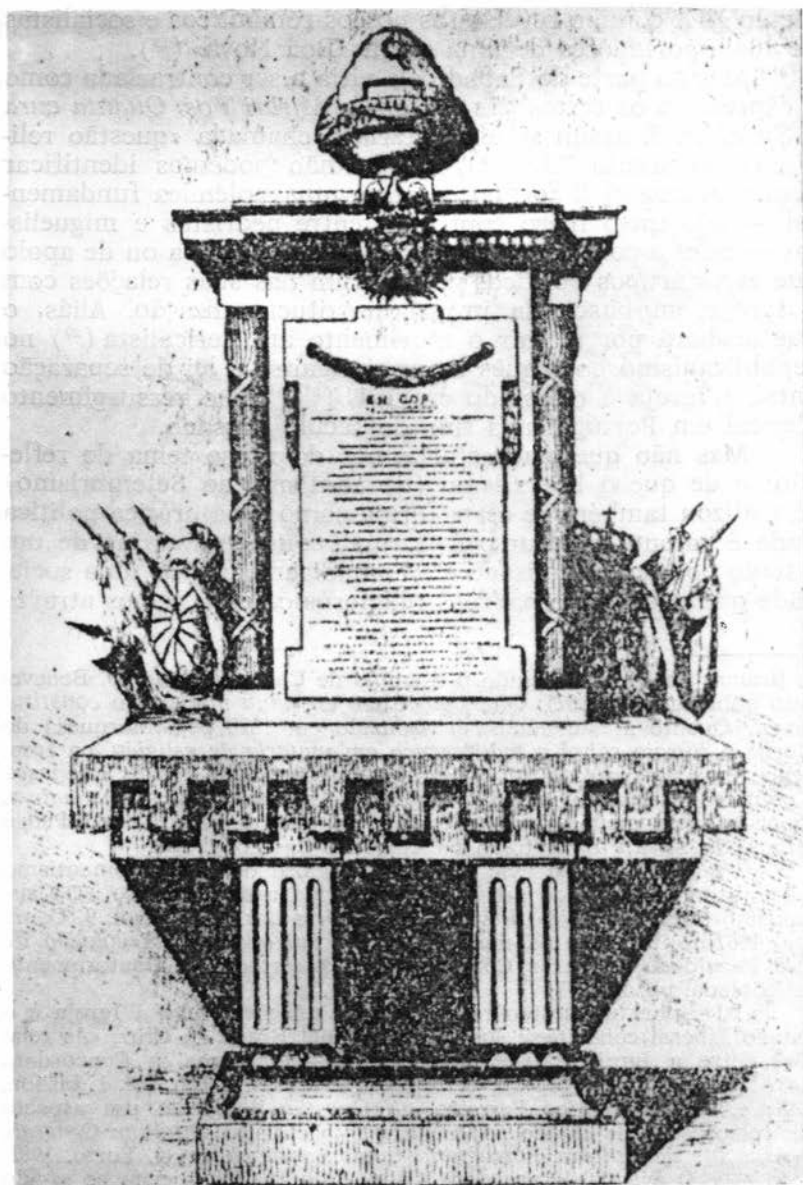
C. Branco, em 1860. Seguindo o exemplo de Chateaubriand, D. Benevenuto publicaria em 1821: *Que he o Clero em uma monarchia constitucional?* Quanto a Lamennais, é traduzido em 1820 pela Marquesa de Alorna o *Ensaio sobre a indiferença em materia de religião*, na Imp. Regia; e as *Palavras de um crente, ou escudo contra abusos religiosos e politicos, escriptas em 1833 pelo celebre abbade F. de Lamennais...*, conheceu pelo menos duas traduções no ano de 1836 (as de Pedro Ciriaco da Silva e de António Feliciano de Castilho).

(18) Em Portugal esse renascer religioso de que o romantismo foi portador é analisado por Maria Manuela Tavares Ribeiro, «O Cristianismo Social de 1848», *Revista de História das Ideias*, vol. 9, Coimbra, 1987; e, também da mesma Autora, *Portugal e a Revolução de 1848*, Faculdade de Letras, Coimbra, 1987, Dissertação de Doutoramento policopiada, pp. 223-297.

(19) Sobre a questão religiosa e as relações entre a Igreja e o Estado Liberal consulte-se sobretudo Manuel Braga da Cruz, «As relações entre a Igreja e o Estado Liberal — do 'cisma' à Concordata (1832-1848)», in *O liberalismo na Península Ibérica...*, cit., vol. 1, Lisboa, 1981; e, António Matos Ferreira, «A Questão Religiosa: um aspecto das relações Igreja-Estado no Portugal Oitocentista», *Studium Generale — Aspectos da Cultura Portuguesa Contemporânea*, n.º 4, Porto, 1982.

(20) O avanço do anticlericalismo e da atitude laicista no século XIX foi analisado por Fernando Catroga, *A Militância laica e a Des cristianização da Morte em Portugal (1863-1911)*, 2 vols., Coimbra, 1987, Dissertação de Doutoramento policopiada.

(21) Consulte-se Vítor Neto, «A questão religiosa na 1.ª República. A posição dos padres pensionistas», *Revista de História das Ideias*, vol. 9, Coimbra, 1987 (sobretudo as pp. 680-690).



Monumento funerário que encerra o coração de D. Pedro IV na Igreja da Lapa. A obra concebida em molde de sarcófago grego exhibe, no espaço entre as duas colunas, uma lâmina de cobre adornada com um festão de carvalho dourado onde se colocou uma inscrição latina (na gravura é ilegível), em que são referenciadas as datas marcantes da actividade política liberal de D. Pedro: 1826, 1832 e 1834.

da apropriação política e propagandística de certas fórmulas e usos como as orações, ritualizações, testamentos, profetismos e, até mesmo, dos seus mitos: o da Constituição em 1820-23, o de D. Miguel como uma reencarnação do Desejado ou de S. Miguel Arcanjo em 1828, e o do «Rei-Soldado» D. Pedro que, em 1834, num acto original mas repassado de profundo significado cristão e romântico, legou o seu coração à Cidade Libertadora (Porto). Sugestivamente, tal qual o Filho de Deus, ele oferece o seu coração à terra da Liberdade — num gesto repassado de humanitarismo, dádiva de gratidão aos liberais, fiéis cristãos que levaram a bom termo a missão libertadora da Pátria. O simbolismo deste gesto e a mensagem deste acto são bem reveladores da importância e do acolhimento que o Culto do Sagrado Coração de Jesus tinha em Portugal. Devoção, aliás, partilhada por liberais e absolutistas⁽²²⁾.

Vejamos pois como o processo de institucionalização do liberalismo português por um lado, e as tentativas de aproximação entre o liberalismo e o cristianismo por outro, conduziram à afirmação de uma nova «fé política» portadora de uma sacralidade renovada.

Oposições entre liberais e absolutistas (1823-1834)

A revolução liberal não se esgotou com a Vilafrancada nem com a Abrilada. O período que decorre entre 1823 e o fim da guerra civil em 1834 vai apresentar-nos uma outra face do processo cujas características mais salientes foram pautadas pela outorga da Carta Constitucional; por uma

(22) O legado de D. Pedro, o «Libertador», foi por ele próprio determinado em 27 de Julho de 1834, como o transcreve o *Diário do Governo*, n.º 37 de 1835. Como sabemos D. Pedro falece alguns meses depois a 24 de Setembro. Após essa ocorrência, pensar-se-ia mesmo, entre outros projectos, num Monumento/Mausoléu destinado a encerrar o «magnânimo coração». Dessa tarefa se encarregou o artista português Joaquim Rafael que cedo apresentou um modelo com a forma de pirâmide egípcia «feita de pedra nativa da cidade do Porto para se erigir na Torre da Marca», um símbolo importante da arquitectura medieval. Cfr. «Descrição do Modelo para o Monumento que encerra o Magnânimo Coração de S. M. I. o Duque de Bragança, de saudosa Memória», em Henrique de Campos Ferreira Lima, *Joaquim Rafael. Pintor e Escultor português*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1923, pp. 89-91. Hoje o coração «reliquia» de D. Pedro está depositado na Igreja da Lapa. Sobre as origens do culto do Sagrado Coração em Portugal é esclarecedor o artigo de Maria Manuela Tavares Ribeiro, *O cristianismo social de 1848*, cit.

outra vivência constitucional (o bicameralismo); pela questão jurídica da sucessão de D. João VI (falecido em 1826) que fez desencadear as lutas fratricidas entre D. Pedro e D. Miguel; pela 'ditadura' miguelista (1828-1834), e, pelo aumento significativo do número de emigrados políticos que de Inglaterra, de França e dos Açores, através da imprensa, combatem o miguelismo com base na tese da «usurpação» do poder que D. Miguel levava a cabo. Com efeito, a partir de 1828, o confronto agudizou-se não só pelo derrame de sangue como pelo número de prisões efectuadas, como ainda pelo uso 'desenfreado' da palavra. É nesse momento da revolução liberal que os campos políticos mais se definem, não só por essa situação interna dividida, mas sobretudo pela própria intervenção internacional, diplomática e militar, na vida política portuguesa. D. João VI morre em Março de 1826. O seu herdeiro legítimo era o primogénito D. Pedro. Mas D. Pedro era também o Imperador do Brasil. Aí se iniciou a campanha contra o seu direito à Coroa portuguesa. Em Março, após a morte do pai, D. Pedro é formalmente reconhecido como rei de Portugal e por se encontrar no Brasil, é em seu nome que a irmã (a Infanta D. Isabel Maria) preside a uma Regência. Ainda do Brasil, através da mediação de um emissário inglês (Lord Stuart), D. Pedro envia em 29 de Abril de 1826 a Carta Constitucional, texto pelo qual se regularia o novo governo de Agosto de 1826 marcando o início das Cortes (com duas Câmaras) em 1826.

Foram as pressões internacionais da Santa Aliança, e mais directamente da Inglaterra, que fizeram com que D. Pedro renunciasse à Coroa portuguesa em favor de sua filha D. Maria da Glória (a futura rainha D. Maria II). E levam-no também a nomear o irmão, o Infante D. Miguel, ainda no exílio em Viena de Áustria desde 1824, como seu lugar-tenente em 3 de Julho de 1827, o que acontecerá após este ter jurado a Carta Constitucional ainda em Viena, negociando-se só depois o seu casamento com a sobrinha D. Maria da Glória (então com 7 anos).

Assim se explica como D. Miguel vem para Portugal em Fevereiro de 1828 e como D. Pedro, ainda no Rio de Janeiro, renuncia definitivamente a favor de sua filha em 3 de Março. Mas D. Miguel quase logo à sua chegada faz-se aclamar como rei absoluto (em 11 de Julho de 1828).

É, pois, sob este pano de fundo que se pode compreender como se tornaram alvos preferidos da propaganda política as principais realizações liberais, os textos da Constituição de 1822 e da Carta de 1826, e os seus baluartes e garantes que foram intervenientes no processo revolucionário

liberal: D. João VI, D. Carlota Joaquina, D. Isabel Maria, D. Pedro, D. Miguel, D. Maria da Glória. Foi à sua volta que se elaboraram as correntes políticas em litígio e que se congregaram os grupos políticos, liberais e absolutistas, os que defendiam os direitos de D. Pedro e de D. Maria da Glória e os que apoiavam D. Miguel, o «usurpador» (no vocabulário do grupo liberal).

Como já afirmámos, é a partir de Julho de 1823 que se torna notória a campanha de refutação do liberalismo e de crítica ao constitucionalismo. Assim, entre outros textos então «saídos à luz», ganham especial significado os que se preocupam em descrever a «morte da illustrissima e excellentissima senhora D. Constituição» e a ritualização da sua necessária «entrada no Inferno»⁽²³⁾ acompanhada de discursos fúnebres ao mesmo tempo que se divulgam as suas últimas vontades no *Testamento da Constituição* (Doc. 1), um testemunho que tem como intenção demonstrar a origem revolucionária do texto constitucional de 1822 cuja elaboração só pode ser atribuída aos maçons (aqui, mais uma vez, identificados aos liberais): «Sou Filha da Maldição, / Meo Pay hera Mação, / Meu Avô, e minha Avó / Forão Voltaire, e Rousseau. E por filhos verdadeiros / Tenho todos os Pedreiros». Paralelamente enumeram-se as últimas vontades da Constituição e prescreve-se o ritual do seu cortejo fúnebre associados a símbolos e a membros da sociedade política e maçónica vintista tratados criticamente. Aí são referidos o militar Stubbs, os ex-deputados Borges Carneiro, José Joaquim Ferreira de Moura, António Lobo Barbosa Teixeira Girão, o ex-ministro José da Silva Carvalho que no

(23) *A Morte da illustrissima, e excellentissima senhora D. Constituição, e destruição do monumento: discurso fúnebre de Zé Goibinhas, recitado em a Caverna Maçónica do Grande Oriente Pedreiral perante a Augusta Sociedade: escripto por tachigrafia, e pilhado a dente pelo Anão dos Assobios* [A= José Agostinho de Macedol, Lisboa, Em a Nova Impressão da V.^a Neves e F.^{os}, Anno 1823, 8 p.]; *Entrada que deu no Inferno a Illustrissima e Excellentissima Senhora D. Constituição, depois que expirou neste mundo, e foi levada pelo Diabo a tomar chá com Lucifer, que a tratou com a decencia constante da Obra, em Gazeta de Lisboa, n.º 155 de 3 de Julho de 1823*, [A=José Daniel Rodrigues da Costa]; *Vida e morte, milagres, enterros e honras para todos os ministerios que tem havido em Espanha desde que ressuscitou a constituição no ano de 1820* [Tradução portuguesa anunciada na *Gazeta de Lisboa*, n.º 173, de 24 de Julho de 1823]; *Carta que hum homem de boa feição, me escreveu de Lisboa, contendo os detalhes da molestia, obito, enterro, e exequias da augustissima, e omnipotentissima soberania Congressal do reino de Portugal e Algarves...*, Lisboa, na Typ. de António Rodrigues Galhardo, 1823, 15 p.



Participa a V. Ex. a Constituição
que foi Deus servido chamar a melhor vida
a seu Amado o Dispotismo
e se hade dar a sepultura hoje pelas 2 horas no Pe-
lourinho, onde devio Esperar lhe honrre este acto
ser corregad
com a sua presença yi seu immenda, seinda
difo he Capaz

M. Sr. Ant. José da Costa
Cornel q' queria ser da Policia

cortejo fúnebre são chefiados por Sebastião Drago Cabreira, um dos militares cuja actuação no processo revolucionário de Agosto de 1820 também não deixa de ser satirizada pela propaganda política.

No mesmo teor e com a mesma intenção crítica também em 1823 se publicou o *Testamento que fez á hora da morte a illustrissima e excellentissima senhora D. Constituição* (Lisboa, Na officina que foi de Lino da Silva Godinho, 1823, 7 p.). Assim como acontecerá à Carta de 1826 cuja última vontade se prescreve no *Testamento* (Doc. 2).

Desde a Vilafrancada, senão mesmo antes, era conhecido o apoio da rainha D. Carlota Joaquina e do seu filho D. Miguel à causa absolutista e 'apostólica'. Disso nos dá conta o *Credo realista* (Doc. 3) e a *Salve Rainha* (Doc. 4) que nos mostram exactamente para onde se voltavam as esperanças dos absolutistas.

Por seu lado, os liberais rogavam a D. Pedro, ainda no Brasil, com o *Padre Nosso* (Doc. 5) para que os livrasse do «mal que os inimigos [absolutistas] nos podem fazer por sua perversidade». E apelavam também para D. Maria da Glória à semelhança dos que se opunham à 'legitimidade', com uma *Ave Maria* (Doc. 6) e com a *Confissão dos Dissidentes da Legitimidade* (Doc. 7). Aí como pecadores dissidentes se confessavam a El Rei (D. Pedro), à Rainha (D. Maria da Glória), à Infanta Regente (D. Isabel Maria), às duas Câmaras, a todos os portugueses e portuguesas fiéis e à Carta Constitucional.

Circulavam então, em versos, outras formas da mesma propaganda política com um figurino religioso e de tal modo concebidas que a sua leitura podendo ser cruzada, tanto servia os interesses de pedristas como de miguelistas. Foi esse sentimento ambivalente expresso nas quadras da *Profissão de fé* (Doc. 8). Com os *Mandamentos dos Miguelistas* (Doc. 9) os liberais sugerem satiricamente como se comportavam e como se regulavam os seus opositores.

Como já vimos D. Miguel chega a Portugal em 1828. No entanto, e apesar de ter jurado fidelidade a D. Pedro, a D. Maria da Glória e à Carta, convoca em 3 de Maio os ancestrais Três Estados do Reino que o aclamam rei absoluto em 11 de Julho ficando assim nulo o seu juramento anterior. E até ao seu afastamento definitivo de Portugal, pelos fins da guerra civil, o confronto entre liberais e absolutistas-miguelistas entrou numa fase de grande agudização não só pelas lutas que no país fizeram grandes baixas em ambos os lados, como pelas prisões realizadas em números consideráveis como

ainda pelo significativo movimento de emigração política que então aconteceu.

Ora, neste acto de perseguição e combate ao liberalismo teve D. Miguel um aliado poderoso em alguns sectores da sociedade portuguesa ⁽²⁴⁾ e, particularmente, no clero português. No púlpito e na imprensa salientaram-se Frei Fortunato de S. Boaventura (com a sua *Contramina*), o P.º José Agostinho de Macedo (sobretudo na *Besta Esfolada*) e o P.º Alvito Buela (na *Defesa de Portugal*). Paralelamente a esta acção mitificava-se a figura de D. Miguel. Mito de importante feição mística destinado a fortalecer nos espíritos a ideia de um apoio divino à causa miguelista. D. Miguel é visto como um Desejado e como a encarnação de S. Miguel Arcanjo invocado para enviar os seus «celestiais esquadrões» em auxílio do «Senhor D. Miguel». É este o sentido dado às quatro orações impressas em Coimbra «para se espalharem com profusão pelo Reino» e que estimulavam uma atitude de fanatismo em torno de D. Miguel (Doc. 10), o «Anjo Tutelar» que é abençoado no *Padre Nosso Glozado para instrução da Filozofia Moderna* (Doc. 11).

Também as lutas entre os grupos políticos liberais e miguelistas colocaram a sociedade portuguesa perante o problema da morte e da doença. E assim vemos a epidemia que grassou em Portugal nos anos 30 do século passado, a *cólera-morbus*, fazendo grande número de vítimas, ser aproveitada pela propaganda política liberal na publicitação de um *Remedio Saudavel contra a peste* (Doc. 12). Para tal sugere o desenho de uma cruz onde, em código, é apresentada uma 'receita' na qual se podem ver quais os verdadeiros sentimentos «do usurpador». Criticava-se deste modo o decreto de D. Miguel (28 de Maio de 1832) pelo qual o «usurpador» ordenava ao clero que se fizessem preces por todo o país para esclarecimento dos povos sobre a epidemia a qual D. Miguel apresentava como um castigo contra o «espírito de impiedade e de perversidade que se fazia sentir».

No exílio açoriano, os emigrados traduziam o *Catecismo* de Volney e liam «os credos patrióticos a vintem» como nos esclareceu Vitorino Nemésio ⁽²⁵⁾. E aí as suas esperanças tor-

⁽²⁴⁾ Ver nota 12.

⁽²⁵⁾ *Exilados, 1828-1832. História sentimental e política do liberalismo na emigração*, Lisboa, Livraria Bertrand, s.d., p. 293. Também a *Chronica Constitucional do Porto* anunciava a venda de obras impressas na Ilha Terceira e particularmente os *Credos Patrióticos* a 20 reis (C.C.P., n.º 4 de 18 de Julho de 1832). Volney, como já referimos

CREDO PATRIOTICO.

CREIO em D. PEDRO IV. Todo Liberal, Creador da CONSTITUIÇÃO, e da Independencia: e em D. MARIA II., Sua Filha mais velha, nossa Soberana: a Qual Foi Constituida por obra do Amor Patrio: Nasceo de LEOPOLDINA: Padeceo sob-poder dos vis rebeldes; por quem Lhe foi negada a Legitimidade, abjurada, e substituida atraçoadamente; mas sem descer da Sua Grandeza, Resurgio do Brazil: Ha-de subir ao Throno: estar Assentada á mão direita de Seu Esposo Todo-Prudente: aonde a havemos ver julgar os servís, e os LIBERAES. Creio na Constancia dos LEAES PORTUGUEZES: na Dynastia da Real Casa de Bragança: na *Communicação das Idéas Liberaes*: na Remissão da Nação: na Ressurreição do Nome Portuguez: na sua Paz, União, e Fidelidade eterna. Amen.

AVE MARIA

CONSTITUCIONAL

Para os Cidadãos de menor idade.

Ave Maria Segunda,
Cheia de Graça e Belleza;
O Senhor Teu Pae Dom Pedro,
E' com Tigo Alta Princeza.

Benta és Tu e Soberana
Entre as mulheres Primeira.
Bento é o fructo vindouro
Do Teu ventre, o Ceo o queira!

Sancta Maria Te Guarde,
May de Deos Dá-lhe Sciencia,
Roga por nós que hemos sido
Peccadores de innocencia.

Agora ao Reino Tu volve,
E na hora de alcança-lo,
Da nossa morte politica
Amen, amen, Vem livrallo!

nam a voltar-se para D. Pedro e D. Maria II, como nos mostra o *Crede Patriótico* (Doc. 13) em que mantinham a sua crença «na constancia dos Leais Portugueses; na Dinastia da R. Casa de Bragança; na Comunicação das Ideias Liberais; na Remissão da Nação e na Ressurreição do nome Português».

Mas é sobretudo para D. Maria II que, ao findar este conturbado período de lutas políticas e confrontos ideológicos, se viram os interesses de propaganda liberal triunfante em 1834. É ela que é superiormente invocada como «Mãe dos Constitucionais» com a *Salve Rainha* (Doc. 14), e, é para ela que se pretendem cativar «os Cidadãos de menor idade» com a *Ave Maria Constitucional* (Doc. 15).

Confrontos liberais entre cartistas e setembristas (1834-1836)

Com a Convenção de Évora Monte (26 de Maio de 1834), finda a guerra civil em Portugal e atinge-se o ponto terminal da implantação do liberalismo. Mas as forças liberais que derrotaram o miguelismo não ficarão unidas nem serão homogêneas: até 1836, e mesmo depois, vão confrontar-se na cena política várias correntes de opinião que normalmente se situam entre os partidários de D. Pedro, de D. Maria, da Carta Constitucional ou os fiéis à sua memória que professam um liberalismo moderado — os cartistas —, e os que se lhes opõem, herdeiros do ideário vintista e portanto de uma mensagem mais radical — os setembristas —, como a partir de 1836 são designados, constituindo dois grandes grupos políticos embora com uma certa heterogeneidade ideológica.

A regência de D. Pedro restabelece a Carta (que anteriormente tinha outorgado em 1826) e o bicamaralismo convocando a reunião de Cortes Gerais para 15 de Agosto de 1834. As eleições dos deputados ocorrem no mês de Julho e na data prevista D. Pedro, dirigindo-se aos «Dignos Pares do Reino» e aos «Senhores Deputados da Nação Portuguesa», declara instaladas as duas câmaras legislativas. Estão pois de novo vigentes a Carta e o bicamaralismo, prontos a encetar a reorganização da sociedade portuguesa. Essa reorganização da vida nacional, abalada por muitos anos de guerra, enfraquecida pela doença, morte, prisões e pelo grande atraso econó-

(nota 8), foi um dos «ideólogos» mais divulgados entre nós no período liberal. Em 1833, um emigrado traduzira, também, o *Cathecismo da Lei Natural: ou princípios physicos de moral*, Angra, Impressão da Prefeitura.

mico, fora empreendida antes, nos Açores, pela legislação de sentido claramente desamortizador de Mouzinho da Silveira em 1832; e depois, fundamentalmente pela lei das indenizações de Agostinho José Freire (31 de Agosto de 1833), pela lei da extinção das ordens religiosas de Joaquim António de Aguiar (26 de Maio de 1834) e pelo decreto de venda dos bens nacionais de José da Silva Carvalho (18 de Junho de 1834).

Ora serão estas, entre outras tomadas de posição do governo cartista, que irão ser criticadas e ironizadas pelos seus opositores.

D. Pedro morre em Setembro de 1834 ascendendo, assim, definitivamente à chefia da monarquia constitucional portuguesa, sua filha D. Maria II. Um dos seus primeiros actos foi o da formação de um novo governo (cartista) presidido por Palmela. Começou então outro confronto político na sociedade portuguesa agora entre os vários governos que se irão multiplicar pelo desgaste público dos seus membros e as oposições radicais — na imprensa, no parlamento e nos clubes políticos. (Ver Anexos).

A polémica foi viva, complexa e multifacetada. Teve o seu desfecho na Revolução de 9 de Setembro de 1836 e deu um sentido muito especial à propaganda política liberal agora polarizada entre cartistas e setembristas de várias gradações⁽²⁶⁾.

Que sentido para a divisão no seio do liberalismo português oitocentista? A resposta é-nos sugerida por Alexandre Herculano (ele próprio um liberal cartista) na seguinte reflexão escrita trinta anos depois:

«A denominação de cartista, que esse partido adoptou, não correspondia rigorosamente às causas da sua existência, nem aos seus intuitos ou à sua índole. Mas representava até certo ponto isso tudo ao mesmo tempo que era conciso,

(26) Sobre a Revolução de Setembro consultem-se as obras clássicas de José d'Arriaga, *História da Revolução de Setembro*, 3 vols., Lisboa, 1892-1900 e a de J. Martins de Carvalho, *Apontamentos para a história contemporânea*, Coimbra, 1868. E ainda os estudos mais recentes de Victor de Sá, *A Revolução de 1836*, Lisboa, 1978; Sacuntala de Miranda, *A Revolução de 9 de Setembro de 1836 — Geografia eleitoral*, Lisboa, 1982; e Maria de Fátima Bonifácio, «A Revolução de Setembro de 1836: a lógica dos acontecimentos», *Análise Social*, 71, 1982. Uma leitura do conflito entre os grupos liberais é o estudo de Albert Silbert «Cartismo e Setembrismo. A vida política no Porto de 1836-1839...», inserto em *Do Portugal do Antigo Regime ao Portugal Oitocentista*, Lisboa, 1972. E um estudo sobre os grupos cartista e setembrista e as suas cambiantes é-nos apresentado por Benedicta Maria Duque Vieira, *A Revolução de Setembro e a Discussão Constitucional de 1837*, Ed. Salamandra, Lisboa, 1987.

e facilmente compreensível para o vulgo. O cartista não reputava todas as instituições, todos os preceitos da Carta como a mais alta manifestação da sabedoria humana. Nesta parte os liberais eram em geral ecléticos. Tanto o partido da revolução, como o anti-revolucionário nenhum tinha em si unidade completa de princípios; nem entre um e outro havia senão antinomias parciais quanto às doutrinas de direito político. No primeiro [p. setembrista], que tomava por base das ulteriores reformas uma Constituição democrática, exagerada até o despotismo das turbas, havia indivíduos para quem, como o tempo mostrou, as teorias da democracia ainda mais moderada eram altamente odiosas, ao passo que outros forcejavam por chegar, senão à república, ao menos a instituições republicanas.

No partido cartista dava-se o mesmo fenómeno. Todas as modificações do governo representativo tinham aí factores; tinham-nos, talvez, até as doutrinas do absolutismo ilustrado. *A meu ver, a distinção profunda e precisa entre o Cartismo e o Setembrismo consistia em negar o primeiro o princípio da revolução, dentro das instituições representativas livre e solenemente adoptadas ou aceites pelo país, e em afirmá-lo o segundo. Tudo o mais em ambos os campos era flutuante e vago* (27).

Assim vemos enunciadas as diferenças que opunham os dois grupos liberais. E é essa opposição que será responsável pelas constantes mudanças ministeriais. Opposição de despeitos talvez mais que de princípios: por isso os cartistas injuriam os seus oppositores apelidando-os de *mijados, irracionais, farroupilhas* e estes em retribuição chamam àqueles *devoristas* e *chamorros* (ver Anexos).

A propaganda política foi então violenta. Questões polémicas da legislatura de 1834-35 (à qual Oliveira Martins chamaria o «regabofe»), como por exemplo, a validação das eleições no Porto, a legitimidade da regência de D. Pedro, a eleição do deputado Rodrigo Pinto Pizarro, o projecto de lei das indemnizações, o caso da urzela e do salitre e a venda das lezírias do Tejo e do Sado, provocaram um debate veemente que a opinião pública seguia com sofreguidão. Multiplicaram-se os ataques dos deputados da opposição ao sistema financeiro posto em curso pelos ministros da Fazenda, sobretudo por José da Silva Carvalho. Mas também em resposta, vêm as críticas cada vez mais duras dos sectores cartistas.

E é então que vemos o liberalismo assumir-se definitivamente como uma prática política usando renovados figurinos religiosos. Verifica-se mesmo que «na falta de artigos de

(27) Alexandre Herculano, *Opúsculos*, vol. VI (sublinhado nosso).

fé cristã, usa-se agora muito o artigo de fé política» (palavras que antecedem o Doc. 17). Aliás, o termo já nos aparece em 1823 ⁽²⁸⁾.

O *Nacional* (um dos mais importantes jornais de oposição ao cartismo) publicava em 1835 o *Acto de contrição de certo figurão* (Doc. 16) pretendendo com essa «oração» criticar a actuação do ministério do «Josezinho» e do «Rodrighinho» (Rodrigo da Fonseca Magalhães, ministro do Reino e José da Silva Carvalho ⁽²⁹⁾, ministro da Fazenda) porque distribuía empregos entre os seus partidários.

Por seu turno um jornal satirico-político cartista do Porto, *O Artilheiro* fazia a sua *Profissão de fé política e Credo* (Doc. 17) na Carta Constitucional «criadora do Céu e da Terra da abundância» que «subiu ao Céu de Portugal; está sentada à mão direita da Justiça, aonde ha-de vir a julgar os facciosos e anarquistas» [aqui leia-se setembristas].

O mesmo jornal (redigido por José de Sousa Bandeira), procurando dar relevo e, no fundo, reconhecer a importância do papel da imprensa da época na formação e modelação da opinião pública, faz num dos seus números de 1835, uma descrição dos jornais (cartistas e setembristas) em molde de *procissão* onde passa em revista os principais órgãos da imprensa liberal dos anos 30: é o *Programa para a Procissão dos Periódicos projectada para o dia 31 do corrente, aniversário do juramento da Carta Constitucional* (Doc. 18).

Ainda a mesma folha glosará a imprensa na *Confissão da Imprensa Livre Portuguesa* (Doc. 19). Em estilo dialógico (a Imprensa Livre confessando-se ao Padre) salienta magistralmente, o poder e a força da imprensa na modelação da opinião pública liberal.

Em Março de 1836 a Câmara dos Deputados intensifica as suas críticas ao governo presidido por José Jorge Loureiro. O golpe de morte deste ministério foi dado precisamente pelas acusações ao ministro da Fazenda (Francisco António de Campos), pela dificuldade no pagamento e conversão das apólices e pela previsão do fecho das câmaras sem se discutir

⁽²⁸⁾ Ver o nosso estudo *Linguagem religiosa e propaganda política cit.*, p. 471.

⁽²⁹⁾ José da Silva Carvalho fora já no triénio vintista um reputado ministro liberal, cujo governo então, como agora, foi bastante criticado pelas oposições. Em 1835-1836 satiricamente são-lhe atribuídos os epítetos: o Zé, o Josezinho, Zé dos foles, Zé Ferreiro, Zé do Chapelorio, Zé das Silvas, Zé dos Carvalhos, Zé de vinte, Zé da Carta, Zé dos Patacos. Consulte-se o artigo inserto no jornal *O Nacional*, n.º 232, de 26 de Agosto de 1835.

o orçamento. Em consequência disso a 20 de Abril é nomeado outro ministério presidido agora por Terceira (ver Anexos).

É esta situação que encontramos descrita em dois jornais cartistas. Um, o já citado *O Artilheiro* (jornal portuense) recorre à narração de um rito de passagem: o *Funeral* (Doc. 21). A cerimónia é presenciada por assistentes: os deputados setembristas «os Srs. Leonel, Barjona, Sanches, Ribeira de Saborosa, Macario, João Poêr, Rio Tinto, Midosi, etc.»; officia «o deão da esterelidade, o excellentissimo Sr. Campos» e «acólitos o Frei Luiz das Chagas e o Monsenhor Loulé»⁽⁸⁰⁾.

O outro jornal cartista é de Lisboa — *O Raio*. Também ele nos descreve um *Enterro de Judas* (Doc. 22) e, mais tarde, um *Serviço funebre* (Doc. 27) onde está patente a mesma crítica que aos ministérios tinham feito os setembristas. Por isso são estes que nos são apresentados em desfile caricatural: João Bernardo da Rocha Loureiro é «João Martim Alho» ou «João Poêr»⁽⁸¹⁾; António Bernardo da Costa Cabral é «Cabra da Costa»; Júlio Gomes da Silva Sanches é «Sancho Pança»; António Joaquim Barjona é «Barjano»; Bernardo de Sá Nogueira é «o comendador Sá» ou «o guerreiro maneta»⁽⁸²⁾; Paulo Midosi é «Paulo Mido»; Rodrigo P. Pizarro é o «Barão de Cócoras»⁽⁸³⁾; José Ferreira Pinto Basto é o «Barão dos Cacos»⁽⁸⁴⁾; José Pinto Basto Júnior é o «Barão dos Charutos»⁽⁸⁵⁾; António M. Lopes Vieira de Castro é o «Vieira Je-

(80) Tratam-se, respectivamente, dos setembristas Leonel Tavares Cabral, António Joaquim Barjona, Júlio Gomes da Silva Sanches, Rodrigues Pinto Pizarro, Macário de Castro Fonseca, João Bernardo da Rocha Loureiro, Vicente Gonçalves Rio Tinto (director d'*O Nacional*), Paulo Midosi e Francisco António de Campos (min. Fazenda), Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque (min. Reino) e o Marquês de Loulé (min. Estrangeiros).

(81) Alusão provável ao facto de João Bernardo da Rocha Loureiro ser cronista. Martim Alho, era um dos personagens que quis retratar em crónica e João Poêr alude ao próprio cargo de cronista escrito em forma arcaica: «poêr em coroniqua» isto é, o cronista é «aquele que põe em crónica».

(82) Referência ao acidente que Sá da Bandeira sofrera na guerra civil e que o deixara mutilado.

(83) Rodrigo Pinto Pizarro, o «Barão de Cócoras», assim se satirizava a actuação desde a Vilafrancada (a «Campanha da Poeira») do Barão de Ribeira Sabrosa.

(84) José Ferreira Pinto Basto, o «Barão dos Cacos»: certamente alude ao epíteto ao facto de ter sido o fundador, em 1824, da Fábrica da Vista Alegre.

(85) José Pinto Basto Júnior, o «Barão dos Charutos», era filho de José Ferreira Pinto Basto e com esse nome se retratava, caricaturalmente, a sua ligação à administração do Contrato do Tabaco.

suíta»⁽³⁶⁾; Leonel Tavares Cabral é o «Burjaca», o «Jesuíta do Pico», o «Ambrósio Lamela»⁽³⁷⁾, José da Silva Carvalho é o «Zé das Mantas»⁽³⁸⁾; Vicente Gonçalves Rio Tinto é o «Larápio da Imprensa»⁽³⁹⁾; Rodrigo Pinto Pizarro é «Sabrosa»⁽⁴⁰⁾; Manuel da Silva Passos é o «Senhor dos Paços de Bouças» ou o «Sendeiro Bouçainho»⁽⁴¹⁾ e o Conde da Taipa é o «Tigre dos Pares»⁽⁴²⁾.

Mesmo cerimónias religiosas de grande tradição e impacto no Antigo Regime, os *Te Deum*, não escapam à propaganda política liberal. É o que vemos no soneto apresentado n' *O Artilheiro* (Doc. 23).

Como afirmámos, desde Abril de 1836 que o país era governado por outro ministério de carácter mais repressivo senão mesmo ditatorial, cujo Presidente do Conselho era Terceira e cujos ministros (principalmente Agostinho José Freire, Joaquim A. de Aguiar, Silva Carvalho e Manuel Gonçalves de Miranda) se tornavam cada vez mais impopulares. Sobem de tom as críticas não só nas duas Câmaras parlamentares, mas sobretudo, nos clubes políticos. Essa foi a razão do encerramento da Sociedade Literária Patriótica por parte do governo e esta determinação contribuiu ainda mais para acirrar a oposição que então movem os clubes políticos (clandestinos) — o dos Camilos e o do Arsenal.

Entretanto, a 4 de Junho, as Cortes foram dissolvidas e, aproveitando uma nova época de eleições, a imprensa pró-governamental a que não era indiferente a acrimónia crescente dos oposicionistas, apresenta no jornal já nosso conhecido (*O Raio*) o *Signal da Cruz d'um Chamorro* (Doc. 25) pretendendo assim evitar a eleição «dos Sanches, dos Leões/dos embustes de Judeus/D'uma nova usurpação/Livre-nos Deus».

⁽³⁶⁾ Trata-se do P.^e António Manuel Lopes Vieira de Castro, o «Vieira Jesuíta», que assim ficou caracterizado por ser homónimo do seu antepassado o P.^e António Vieira.

⁽³⁷⁾ Leonel Tavares Cabral é o «Burjaca»: caricaturização da veste com o mesmo nome que normalmente usava e «Jesuíta do Pico» que alude à sua proveniência açoriana.

⁽³⁸⁾ É mais um nome-caricatura a acrescentar à grande lista com que José da Silva Carvalho era tratado (ver nota 29).

⁽³⁹⁾ Alusão ao facto de Rio Tinto ser administrador do jornal *O Nacional* e da sua tipografia onde se usaram os primeiros prelos mecânicos.

⁽⁴⁰⁾ Quer dizer Barão da Ribeira Sabrosa.

⁽⁴¹⁾ Referência à localidade de onde eram naturais os irmãos Passos.

⁽⁴²⁾ O Conde da Taipa (D. Gastão da Camara Coutinho de Sande) é o «Tigre». Alude também à sua actuação em 1823 na Vilafrancada.

Um dos opositores setembristas mais atacados pela imprensa cartista foi Leonel Tavares Cabral. É ele o visado no *Credo d'um Farroupilha* (Doc. 26). Outros são também criticados: Sá da Bandeira, José Ferreira Pinto Basto, João Bernardo da Rocha Loureiro, Rodrigo Pinto Pizarro e o Conde da Taipa⁽⁴³⁾ que ficaram retratados no *Serviço Funebre* (Doc. 27).

A revolução de Setembro é um dos principais momentos na história do liberalismo português. Para isso contribuiu a especificidade da época, sobretudo a crise económica internacional e a crise agrícola nacional. Não é pois de estranhar que ela tenha sido um tema privilegiado na nossa historiografia e particularmente na historiografia republicana. Esta fez a apologia da Revolução e da soberania popular e vibrou com a acção dos personagens que mais se evidenciaram (Fernandes Tomás em 1820, D. Pedro em 1832, Passos Manuel em 1836). Mas independentemente dessa reflexão que aqui não fazemos, o que é indiscutível é que o ano de 1836 foi um ano decisivo para a própria revolução liberal. Assim o refere a *Gazeta de Portugal* de 7 de Janeiro de 1837, querendo mostrar que a 'regeneração' a que se assistia era efectivamente o começo de uma nova era:

«O ano de 1836 absorveu em nossa terra tamanha duração política como tiveram os quase sete séculos que decorreram desde 1139 até 1820; e se uma legenda como a dos dormentes de Éfeso apresentasse agora acordado um homem que houvesse dormido o período inteiro do ano passado nada acharia em que fosse versado, porque tudo quanto encontrava seria novo».

Testemunhos como este foram vários e são o reflexo da mudança que pretendia «regenerar» o país. E vimos como ela se traduziu no comportamento dos governos, das oposições, da imprensa e dos clubes políticos.

As eleições que decorrem em Julho-Agosto sob o ministério cartista do Duque da Terceira não foram pacíficas. Assim puderam ser eleitos no círculo do Porto elementos da oposição (setembrista). No momento da chegada a Lisboa desses deputados do Norte (para tomarem parte num parlamento que não chegou a abrir), a 9 de Setembro, os acontecimentos revolucionários desencadeiam-se organizados pelos chefes da Guarda Nacional, dos clubes políticos dos Camilos e do Arsenal com o apoio da própria população lisboeta. A rainha, perante as circunstâncias, é obrigada a nomear outro ministério a 10 de Setembro, um ministério que virá a exercer

(43) Ver notas anteriores.

um governo em 'ditadura' e cujos homens fortes foram Passos Manuel — o «Rei Passos», o P.^o Vieira de Castro e Sá da Bandeira (ver Anexos).

Aclama-se a Constituição de 1822 cujos princípios estarão vigentes até 1838. Logo a imprensa cartista noticia a morte da Carta Constitucional com a *Necrologia* (Doc. 28):

«Tal ha sido o fim desgraçado de huma Senhora, que tanto nos custou, que foi namorada de Portuguezes, Inglezes, Francezes, Hespanhoes, Belgas, Americanos e Suecos, que promettia tantas venturas, e tantos bens! Altos juizos de Deos!!»

Agora é a vez da propaganda política cartista subir o tom das suas críticas ao ministério setembrista. Passos Manuel — alcunhado de «O Senhor dos Passos da Graça» e os seus apoiantes — José Passos (o irmão) caricaturizado como o «Zé das Bouças»; Rodrigo Pinto Pizarro «a que chamam Barão de Cócoras e dizem que está para ser Visconde do Maranhão»; Sá da Bandeira «o que leva a Bandeira n'um braço só»; Leonel Tavares Cabral «o muito popular Desembargado Dom Leonel», João Bernardo da Rocha Loureiro, José Vitorino Barreto Feio, o Conde da Taipa, o P.^o Vieira de Castro, José Liberato⁽⁴⁴⁾ — são analisados na *Procissão dos Passos á moderna* (Doc. 29), que é o 1.^o número da série de folhetos *Camara Optica com vistas modernas*⁽⁴⁵⁾. De resto, todos os seus 14 números concentram grande parte das críticas ao ministério de 10 de Setembro e aos setembristas, e nelas, como registamos, continua presente um figurino religioso.

A revolução liberal assumiu-se, assim, como uma prática política que usou representações e normas de uma sociedade pautada por um forte comportamento religioso. Mais: visando a sua própria sacralização, realizou um verdadeiro processo de transferência, que concretizou na criação de um templo/memória. Referimo-nos ao decreto de Passos Manuel de 28 de Setembro de 1836 que criou o Panteão. No seu art.^o 1.^o determinava indicar um dos Edifícios Nacionais para nele se

(44) Trata-se de José Liberato Freire de Carvalho, também ele um liberal de fama já desde 1820.

(45) Aqui, a propaganda política recorre à descrição de uma das maiores procissões de Lisboa e também uma das mais importantes devoções que a população lisboeta viveu no século passado. Sobre a história da irmandade e da imagem do Senhor Jesus dos Passos da Graça podem ver-se as páginas de Ribeiro Guimarães, *Summario de varia história*, Lisboa, 1872, 1.^o vol., pp. 224-30. *Camara Optica com vistas modernas — 14 perspectivas*, Lisboa, Typographia Transmontana, 1837. Estes satíricos folhetos são atribuídos a José Joaquim Lopes de Lima.

depositarem as cinzas dos *Grandes Homens*, mortos depois do dia 24 de Agosto de 1820 (ver Anexos).

E Passos Manuel no Relatório que antecede a lei, justificava:

«É para animar os felizes engenhos e os corações generosos que me atrevo a propôr a Vossa Magestade a criação de um Monumento Publico consagrado à Memoria dos Grandes Homens, que bem mereceram da Patria».

Para ele propõe, desde logo, o nome de D. Pedro. Determinou-se posteriormente que o «Panteão Português» seria estabelecido na Basílica de S. Vicente de Fora (ver Anexos). A ideia não era nova: desde 1822, com a morte de Manuel Fernandes Tomás, que ela vinha sendo acalentada ⁽⁴⁶⁾. Novamente vemos a crítica a esta criação por parte dos cartistas no texto *O Panteão* (Doc. 30) onde se descreve, de forma sucessiva e hierárquica, os 'túmulos' dos principais vultos do setembrismo. Lá estão Passos Manuel e seu irmão José Passos, Vieira de Castro, Rodrigo P. Pizarro, o Conde da Taipa, Leonel Tavares Cabral, José Pinto Basto Júnior, entre outros.

Ao longo dos anos de 1836 e 1837 continuaram as investidas ao ministério de Passos Manuel. É o que nos indica o *Annuncio* que propõe os novos mandamentos que deverão nortear a actuação de um novo ministério (Doc. 31). O mesmo fazem o *Padre Nosso Politico* (Doc. 24) e a *Disposição Testamentaria* (Doc. 20) do «Irracionalismo de Portugal», isto é, dos setembristas no vocabulário cartista.

Concluimos aqui esta sucinta reflexão sobre uma faceta do liberalismo português oitocentista. Procurámos ver como, através de alguns exemplos, a revolução liberal se afirmou como uma nova ordem política, instituindo uma outra sociedade. Colocou-se em causa a ancestral situação aristocrático-clerical; criticou-se a instituição eclesial que a fundamentava; mas também se afirmou a necessidade do sagrado. E isto porque os liberais compreenderam a importante função moralizadora de uma «religião», a sua necessidade numa sociedade desunida e enfraquecida como era a da primeira metade do século passado. Por isso o liberalismo foi também vivenciado como uma «religião» uma «fé política» que renunciou a religiosidade cívica dos fins do século. A sociedade liberal portuguesa sacralizou, assim, a sua própria instituição realizando, na consagrada expressão de Mona Ozouf, uma «transferência da sacralidade».

⁽⁴⁶⁾ Sobre o Panteão e o seu significado veja-se Fernando Catroga, *ob. cit.*, vol. 2, pp. 955-99.

DOCUMENTOS *

I

TESTAMENTO DA CONSTITUIÇÃO

Eu Dona Constituição Que fui nascida na França, E sendo ainda criança Jurei a Revolução; Do Governo lancei mão Toda me fanfarronei, Vassallagem aceitei, Quasi de todos os Reys, Matei Luiz dezasseis E no Thrôno me assentei; Viajei terras e mares, Fui á Italia, e á Prucia, Porem da Hespanha, e Russia Me fizerão mal os ares; Nunca me dei a vagares, Com presteza sem igual, Vim á pouco a Portugal Pelos Pedreiros chamada; Mas estou muito deffecada, Estou muito, e muitó mal, Em tão triste situação, Por me achar mais achacada, E me vêr já desgraçada Dos que tem Religião, Faço já disposição, E quero primeiramente Separar me de tal gente, Que segue o Christianismo, E hir para o Paganismo A vêr se vivo contente. Chamo-me Constituição, E neste meo Testamento Declaro meo filiamento; Sou Filha da maldição, Meo Pay hera Mação, Meo Avô, e minha Avó Forão Voltaire, e Rousseau, E por filhos verdadeiros	Tenho todos os Pedreiros, Sem exceptuar hum só. Declaro que fui Senhora De mui grossos cabedaes, De mais de dois mil aventaes; Tambem fui possuidora, Porem nunca foi sabedora, De quando me darião córte, Pois conhecia que a sorte Ora anda, ora desanda Não quero que haja demanda Depois da minha morte, Quero partir por igual A minha grande mobilia, Por toda a minha familia Que tem mitra e avental; Dou pois a cada qual No tempo que for marcado, Tudo o que lhe houver deixado. Dê-se ao Abrantes palhaço Huma esquadria, e hum compaço Antes que seja enforcado; Dê-se ao Cidadão Manoel, Ao Stubs, Correia de Mello, A cada qual hum martello: Hum ponteiro, e hum olivel Ao Borges que he machavel Dê-se mais hum picão, Bem como ao Abbade Simão, Ao Moura, e ao Carvalho Huma cunha, e hum malho, Huma marreta ao Girão, Ao Conego J. M. Pois que tem mulher e filhos, Deixo todos os cadilhos, Em que os chumbos fundia; Deixar-lhe mais eu queria, Mas a tras de mim virá
--	---

* Nota: na transcrição dos textos mantivemos a ortografia original. Queremos aqui expressar o nosso agradecimento ao Dr. Henrique Barreto Nunes por tão gentilmente nos ter facultado alguns destes textos provenientes do Fundo Barca-Oliveira da Biblioteca Pública de Braga. O mesmo agradecimento é devido ao Prof. Doutor Manuel Rodrigues pela publicação da gravura Participação fúnebre pertencente ao espólio Jardim de Vilhena do Arquivo da Universidade de Coimbra.

Quem de certo premiará
Seos serviços sem medida,
E a triste Patria opprimida
De hum tal monstro o livrará;
Trolha, colher, e cordel,
Regoas, pinceis, e riacote,
Tudo que for deste lote,
Entrando tambem olivel
A esse innocente Abel,
Medico bem conhecido,
Seja tudo remettido,
Pois que lhe dou commissão
Para fazer petição
Por todos os do partido.
Como sou Mahometana,
E nunca sube outra Ley,
Por isso sempre abominei
A Catholica Romana
Quero que nessa Semana
Em que eu aterrar a béca
Cada hum com sua rebeca,
Com infernal harmonia,
Vão todos de romaria
A Medina, ou a Méca.
Quero ser amortalhada
Em trajes que a Seita inventa,
Em erva..... bem fedorenta,
Quero ser embalsemada;
Quero mais ser enterrada
N'hum boraco bem fundo,
Porque já me confundo
De tanta minha maldade;
Conheço na verdade
Ser o escandalo do mundo:
Quero assista ao funeral
Todo o bom Pedreiro, e Bife,
E que em alta eça, ou esquite
Me pintem no seo frontal:
O Mozinho de avental.
Leve a chave do caixão,
Mas se nesta occasião
Apparecer o Sub-Serra
Não quero que haja guerra,
Metão-lhe a chave na mão.
Os mais que são do partido
Formará a procissão,
Mas levará o caixão
Saldanha bem conhecido,
Brayner, Barradas, que he tido
Por grande meo Feitor,
Cunha, Taipa, e Villa-Flor
Sujeitos de muito sizo,
Sendo problema indciso
Qual será maior Pedreiro;
Quero mais que algum de perto
Me assista roendo as unhas,

Fazendo mil caramunhas,
Bem que seja o mais esperto,
E outros muitos que de certo
Já se não podem negar,
Pois que da força de fallar,
Não ha quem os não conheça,
Nem tardará que aconteça
Hirem todos a enforçar.
Quero que vão Cavalleiros
Fazendo lustrosa a acção,
Mas com pacto, e condição
Que sejam todos Pedreiros;
Faqueiros, e Bacalhoeiros,
Não faltando os Capelistas,
Que por não jogar as cristas,
Vão todos álas fazendo,
Para que muito recommendo
De todos se formem listas;
Por não faltar aos primores
Que pedem taes funções,
Hajão Sacristas Mações
Que levem prefumadores,
Levem pois estes penhores
Com firmeza, e adhesão,
Qual delles mais fanfarrão,
Caula, e Claudino infiel,
Levem seos potes de mel...
Com que perfumem a acção.
Quero para officiar
Hum que tenha exercicio
De algum Pedreiro por officio;
E para ninguem se queixar
Quero para acolitar
Tres Pedreiros em fim...
Pois que estes em quanto a mim
São patifes de bom lote,
E justo he que se lhe bote
Fóra a mascara por fim,
Oh horrenda catastrophe de dôr!
Faraõ de mitra e avental,
Alarve, Elvas sem igual
Fr. L. Mogador:
E como he meo pondenor
Em tudo hir coerente,
Para se não rir a gente
Das disposições que faço,
Em vez de trolha hum compasso
Se entregue a cada assistente.
Toda a corja Pedreiral,
De largas alvas vestida
Assim fará mais luzida
A pompa do funeral.
Ao acabar da funcção,
Liberato, Sá, e Ferrão
Marcos, Ozorio, que tudo arromba,
A cada hum sua grande bomba,

Salva propria desta....
E porque esta grande acção
Em tudo seja igual,
Ordeno que a cada qual
Nelle pregue seo Sermão;
Fallo só do que he Mação,
Sem hum só exceptuar,
E para em tudo se obrar,
Como he minha vontade,
Mando por toda a Cidade
Altos pulpitos levantar.
Sirva pois de exemplar
O que está no Caes do Tojo,
Que os Mações verão sem nojo
Visto ser triangular
Nelles se podem espraia
Vestidos de ponto em branco,
E porque não fique manco
O Sermão, devem a meo ver
O povo com as pernas benzer,
Até darem o final arranco.
E porque o Quichote Cabreira
Com a mais estranha mania,
Pertendeo a primazia
Nesta infame maroteira,
Justo he que na dianteira
Leve o pendão triangular;
Já que louco sem pensar,
Sendo talvez o derradeiro
Pertendeo ser o primeiro,
Seja o primeiro a prégar.
Se visesse Bonaparte,
Eu faria bem tenção

Que na minha procissão
Levasse elle o estandarte;
Porém qualquer outro borrachão
Supprirá o seo lugar,
Que a todos hei de pagar
Com o meo terno coração,
Nas profundas do inferno
Aonde os vou esperar.
E desta maneira assim
Hei feito o meo Testamento,
Quero o seo cumprimento,
Tudo Tintim por Tintim,
Rogo a todo o Beleguim
Ecclesiastico, e Civil,
Que delles ha muitos mil
Mo cumprão inteiramente,
E o fação cumprir á gente
Sem lhe faltar hum setil.
E por não saber lêr
Pedi a Borges Carneiro,
Que he astuto Pedreiro
Para este me escrever
O qual para mo fazer
De Rézende cá voltou;
E como este o dictou
Aos seis mezes depois de Janeiro
Deste ramo corrente,
A meo rogo assignou.

(A Trombeta Final. Folha religiosa, politica, e literaria, n.º 95, Lisboa, 8 de Julho de 1823)

2

TESTAMENTO

QUE FEZ

A ILLUSTRISSIMA E EXCELLENTISSIMA SENHORA

D. CONSTITUIÇÃO,

A' HORA DA SUA MORTE

Saibão quantos este Publico Instrumento aberto virem, que aos 17 dias do mez de Março do Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo, nas Casas da morada da Exm.^a Sr.^a D. *Constituição*, aonde eu Tabellião Constitucional vim a rogo da mesma Exm.^a Senhora, para o fim de lhe lançar em minhas Notas o seu Testamento, estando presentes as Testemunhas abaixo assignadas, e dou fé estar a dita Exm.^a Sr.^a D. *Constituição* enferma de cama com Assistente á cabeceira, sendo todos eles pessoas illuminadas, e de mim Tabellião conhecidas, e

tendo-lhe por mim Tabellião sido perguntado á Exm.^a dita Senhora, se com effeito estava disposta, e era sua livre e espontanea vontade fazer o seu Testamento solemne para que se passasse desta para a outra vida, sua ultima vontade se cumprisse; pela mesma Exm.^a Sr.^a D. *Constituição* me foi dito q sim, e para que chegasse ao conhecimento de todos, e nelle para o futuro não houvesse dolo, ou malicia, o desejava fazer publico, e aberto; pois queria em quanto tivesse alentos vitaes dispôr de todos os seus bens, e fazer todas aquellas declarações convenientes a bem de seus legitimos Herdeiros, e que tomava esta deliberação por se achar muito falta de forças, e sentir todos os seus membros muito relaxados, e logo assim principiou o seu Testamento da fórma, maneira, e methodo seguinte, para que se cumprisse, e fielmente guardasse como nelle se contém, ficando este sómente em seu vigor, nullos, e de nenhum effeito outro, ou outros Testamentos que tivesse feito, assim como derogadas quaesquer determinações, Sessões, ou Doações que neste presente não fossem declaradas, pois que só dava por validade, tudo, e todas as mais de nenhum effeito: disse que seu nome era D. *Constituição*, filha legitima do Sr. Doutor *Maçonismo*, e da Sr.^a D. *Rebellião*, neta pela parte Paterna do Capitão dos *Galeões* bordo; e pela parte Materna, do Exm.^o Illuminadissimo, e Sapientissimo Sr. *Oriente*, e da Sr.^a D. *Rosa da Cruz*, que era natural da Cidade do Porto, e baptizada segunda vez no Rio de Janeiro, por quanto não estiverão lá pelo seu primeiro baptismo, que foi no Campo de St.^o *Ovidio*; que sómente contava 23 meses, e tantos dias, e que esta mesma curta idade tinha passado em parocismos, e convulsões, a que já não podia viver mais tempo, pois queria morrer do que soffrer semelhantes ataques, que a não deixavão dormir nem socegar; e que demais a mais tinha nascido muito defeituosa, e por isso todas as pessoas de bem que a vião lhe viravão logo a cara, e cuspião fóra, e por isso se lhe não dava de acabar com huma vida tão pezada para ella, e tão aborrecida para o mundo. Disse mais que tinha sido casada com..... de cujo matrimonio havia tido alguns filhos legitimos os quaes tinhão hido todos educar a Inglaterra com os célebres *Radicaes*, que hum delles já era Marquez, alguns Condes, e os mais todos tinhão já suas Patentes de Officiaes Generaes; entretanto que como tinha tudo estreitissima amizade com..... Soborno delle tivera em bem pouco tempo mais de 300 filhos bastardos; que entre os muitos, e diversos bens que possuia era Senhora de hum grande, e vastissimo Morgado estabelecido na *Lua*, o qual deixava ficar muito de sua vontade áquelles seus filhos que se distinguissem mais nos Campos da *Rebellião*, por quanto as suas proezas nunca deverião ficar impunes, e muito menos sem recompensa; que o seu Palmar de *Gôa*, e mais prédios, rusticos, e urbanos, moveis, e amoviveis, que possuia na Costa da Africa Oriental assim como os *Arimbos* do Reino d'Angola com todos os seus utensilios, escravos, plantações, fructos pendentes, carneiradas, &c., ficarião pertencendo a seu filhos legitimos por toda a sua vida, para lá hirem tomar ares, mas com a condição de deixarem Portugal para sempre, e pena de morte se cá voltarem. Que a seus filhos bastardos deixava unicamente o palacio da *Cova da Moura* para sua residencia, o que fazia por commiserção para não andarem dormindo pelas Portarias, e que lhe perdoava a huns, e a outros o mal que sempre a tratárão. Que o seu jardim de Portugal ficaria pertencendo privativamente aos seus herdeiros, que legitimo direito a elle tivessem com as obrigações, e ónus seguintes: 1.^o Pagarem os milhões de Cruzados em que a dita Sr.^a D. *Constituição*

havia ficado empenhada, e que forão tirados do Thesouro Publico por diversas vezes para os seus alfinetes: 2.º Pagarem igualmente os milhões de dívida publica contrahida por elles mesmos; 3.º Pedirem dinheiro a juros para mandarem para o Erario, para cujo fim deixava livre as Ilhas dos Açores, e Madeira, que poderião servir-lhe de hypotheca; 4.º Serem obrigados a restabelecer o Commercio, as Artes, a Agricultura, e os Estabelecimentos Litterarios, e scientificos; 5.º Promover a extincção dos Mendigos; reedificar as Praças d'Armas, abrir Estradas cómodas, fazer Plantações, augmentar a Industria Nacional, e fazer à cobrança de todos os Rendimentos, Decimas, Sizas, Fóros, que ainda, [louvado Deos] se achavão pela maior parte nas mãos dos Rendeiros, e Proprietarios; cujos rendimentos, e mais objectos pela mesma Exm.ª Sr.ª D. *Constituição* foi dito, que se morresse os levava atravessados na garganta, por não ter tido tempo de pôr tudo em pratos limpos, mas que ella Testadora Exm.ª não fôra a culpada, mas sim o Sr. Doutor *Egoismo*, que não sabia de Casa de seus filhos, e sobrinhos, e deo com tudo em vaza barrís. E vendo eu Tabellião que a dita Sr.ª D. *Constituição* estava mesmo a finar-se, e que já tinha dado dous arrancos mortaes; por mim Tabellião lhe foi dito, se ainda queria fazer mais alguma disposição, e então pela mesma Exm.ª moribunda Testadora me foi dito que para os seus grande peccados lhe serem perdoados, livre, e espontaneamente perdoava a todas as Colarejas, Adellas, e Galinheiras da Ribeira Velha, assim como ás do Campo de Santa Anna as pragas que lhe tinhão rogado, e igualmente perdoava as injúrias que blasfemárão contra ella Exm.ª Testadora, as Contrabandistas, e as Gordas que vendião agoa debaixo da Arcada pelas mandarem despejar, e entrando neste meio tempo hum Exm.º..... lhe disse que se vinha despedir della para sempre, e que bem sabia os serviços que lhe havia feito, e que assim esperava da sua contrição, e arrependimento lhe deixasse ficar cousa util, quando não fosse aqui, ao menos nas Indias, ao que a Exm.ª Testadora annuo dando-lhe hum rouco, e trémulo sim, e logo engrillando-se quanto pôde disse, que já lhe hião esquecendo alguns seus bastardos a quem ella em sua vida sempre tinha dado huma diaria de 3\$700 e tantos reis, e como isto ficava cessando por sua morte, lhe deixava ficar a elles todos para viverem com a sua devida decencia as Ilhas de *Cafarnau*, e *Magdazaccar*, e que esta ultima pela sua extensão devia ser dividida em differentes Principados, e Condados, para serem repartidos por todos os que mais se havião distinguido tanto no Rocio como no Terreiro do Paço. A final disse, que no caso de fallecer em Lisboa desejava ser enterrada na terra onde nasceo, porque em Lisboa até julgava, que a tornassem a desenterrar, que bem lhe bastava a triste figura que sempre fizera, e os desprezos com que tinha sido tratada não só pelas pessoas mais honradas deste Reino, como pelo proprio povo, que só em lhe ouvir o nome se enfurecia, e desesperava; que em fim queria ser enterrada sem pompa nem grandeza, acompanhada sómente pelos Veneraveis Mitrados da Philantropia da sua terra; e no caso que a ella Exm.ª Testadora, lhe quizessem seus successores fazer as honras militares, lhe rogava, não mandarem dar descargas para não atemorizarem a visinhança, mas que desejava hir de Caixão á Cóva, e que finalmente era de sua vontade ultima nomear dous daquelles seus filhos que se achão lá para as partes do Porto, a cujos Senhores rogava cumprissem, e fizessem cumprir esta sua ultima espontanea vontade.

(Porto, Na Typ. á Praça de St.ª Thereza, 1828, 4 p.)

3

CREDO REALISTA

Creio no poder do Senhor D. Miguel primeiro, Criador do sistema realista e do exército do Marquês de Chaves, um só seu filho, nosso libertador, o qual foi concebido por obra dos apostólicos. Nasceu em Trás dos Montes, padeceu debaixo do poder dos maçons, foi crucificado pelos constitucionais, sepultado com o nome de rebelde. Desceu à Espanha, donde ha-de surgir glorioso, subir ao Trono e sentar-se à direita do seu legítimo Rei o Senhor Dom Miguel, aonde ha-de julgar os maçons de vivos e mortos.

Creio no espírito da Junta Apostólica, na destruição geral do maçonismo, na constância da Senhora Dona Carlota Joaquina, na remissão dos enganados, na eterna precisão da nossa Santa Inquisição e no extermínio total dos constitucionais. Para a vida eterna. Amen.

(João Jardim de Vilhena, «Considerações sobre a partida do príncipe regente D. João para o Brasil», *O Instituto*, n.º 102, Coimbra, 1943, p. 168)

4

SALVE RAINHA

1.

Findou, Amada Soberana,
A nossa sorte mesquinha;
O justo Ceo vos guardou,
Salve Rainha.

2.

A Virgem da Conceição
Nos deo taõ feliz victoria
Padroeira deste Reino
Mãi de Misericordia.

3.

Respira em nossos peitos
Do Mundo a maior ventura,
Em Vos ver no Throno temos
Vida e doçura.

4.

Vossos Vassallos fiéis
Sem se unirem à vil troça
Por Vós ao Ceo rogavaõ
Esperança nossa.

5.

Quantas lagrimas occultas
O Ceo justo bem o sabe
Que ainda lhe pedimos
Deos vos salve.

6.

Sepultados na tristeza
Fomos orfãos tantos annos; —
Hoje cheios de prazer
A Vós braçamos.

7.

Soffrendo o jugo tyranno
D'esses pérfidos malvados
Do Vosso poder Materno
Nós degradados.

8.

Graças a Deos Sempiterno
Que ao Throno Vos eleva:
Compadecido de nós
Filhos de Eva.

9.

Agora, Rainha Excelsa,
Que estaes vendo nossos damnos
Lembraí-vos, que noite e dia
Por Vós suspiramos.

10.

E no tempo que passou
Tempo cruel inhumano,
Todos os que vos amavaõ
Gemendo e chorando.

11.

Naõ nos espantou a sorte,
Nem succumbio nossas almas;
Do Ceo nos veio o asylo
Neste valle de lagrimas.

12.

Agora vejaõ tyrannos,
Que nossa Rainha sois,
E nós humildes Vassallos
Eia pois.

13.

Essa horrenda tempestade,
Que a Europa alvoroça
Desfez a Virgem Maria
Advogada nossa.

14.

E Vós, Rainha e Senhora,
Tirai do Reino os abrolhos,
Vejaõ-nos com piedade
Esses vossos olhos.

15.

Com Vosso Esposo no Throno
Todos somos venturosos,
Pois vos unio o Ceo justo
Misericordiosos.

16.

Agora em maior triunfo
O Vosso Povo Regei,
E a santa vigilancia
A nós volvei.

17.

Do Monarca o Cyrinêo
Só Vós, amada Mãi, sois;
O Céo vos dará o prémio
Ao depois.

18.

Presente ao nosso Deos,
Em cuja idéa me atérro,
Já livre dos infortunios
Deste desterro.

19.

Em quanto nelle existimos
Deos nos dê suprema luz,
E Vós, Rainha dos Ceos,
Nos amostrai a Jesus.

20.

Dai-nos a eterna gloria
Do vosso amor producto
Por Jesu Christo vos peço.
Que he bento Fructo.

21.

Em Vós, Virgem Immaculada,
Nossa fé taõ permanente
Do nosso bom Deos nascido
Do vosso Ventre.

22.

Sois do Ceo Imperatriz,
Sois a mais brilhante Rosa,
Ajudai nosso Soberanos
O' Clemente, ó Piedosa.

23.

Lá nesses cumes eternos,
Ouviste nossa agonia,
De Vós nos veio auxílio
O' doce, ó sempre Virgem Maria.

24.

Sois a nossa Protectora,
Tudo bom nos vem de Vós,
Livrai-nos da heresia,
Rogai por nós.

A fé política liberal

25.

Pela Vossa compaixão
Desculpai os erros meus,
Pois só no fim vos imploro
Santa Madre de Deos.

26.

Mas sendo dadiva vossa,
Nossos Soberanos benignos
A vossos pés me prostrei,
Para que sejamos dignos.

27.

Vós que tudo dominaes,
De Vós nosso Estado he visto,
Fazei-nos recebedores
Das promessas de Christo.

28.

Desça ao Throno Lusitano
Hum raio da Vossa luz,
Despachai-me como peço
Amen Jesus.

(*Salve Rainha*, dedicada à Excelsa e incomparavel Rainha N. Senhora D. Carlota Joaquina. Feita por Elena Rosa do Espirito Santo, Lisboa, Na Typ. de Bulhões, 1823, pp. 7-11)

5

PADRE NOSSO

Padre e Rei nosso que estais no Brasil, glorificado seja o vosso nome, venha a nós o benéfico influxo do vosso reinado, seja feita a vossa vontade assim no Brasil como em Portugal, os nossos direitos de cada dia, nos dai hoje e sempre, perdoai-nos nossas leves faltas involuntárias assim como nós perdoamos aos nossos inimigos, não deixeis que vos faltem ao respeito, mas livrai-nos do mal que nos podem fazer por sua perversidade. Amen.

(*João Jardim de Vilhena, ob. cit.*, p. 169 e *Cartilha Constitucional Realista*, 1.^a parte, Porto, Imp. do Gandra, 1826).

6

AVÉ MARIA

Avé Maria segunda, cheia de beleza e graça: a protecção do vosso Pai seja connosco: vós fostes a bem-aventurada entre todas as vossas irmãs, e bem-aventurado ha-de ser o fruto do vosso Consórcio.

Poderosa imperatriz Leopoldina, Mãe da nossa Augusta Rainha, rogai pelos pecadores dissidentes da Legitimidade, agora e na hora da sua morte, se a merecerem. Amen.

(*Cartilha Constitucional cit.*)

7

CONFISSÃO DOS DISSIDENTES DA LEGITIMIDADE

Eu peccador Dissidente me confesso a El-Rei, Poderoso Monarca de Portugal; à Bem-aventurada nossa Rainha; à Bem-aventurada Infanta Regente; às duas Câmaras que formam as Cortes; a todos os

portugueses e portuguesas fiéis; e a Vós Carta Constitucional, que pequei muitas vezes por pensamentos, palavras e obras, de que digo a El-Rei; minha culpa, minha culpa, minha grande culpa. Portanto peço e rogo à Bem-aventurada Infanta Regente; às duas Câmaras que formam as Cortes; a todos os Portugueses e Portuguesas fiéis, e a rogueis por mim a El-Rei. Amen.

(Cartilha cit.)

8

PROFISSÃO DE FÉ

Só reconheço Rei	—	Miguel Infante
Pedro e filha feliz	—	eu nunca quero;
Carlota Imperatriz	—	eu só venero
Constantemente odiarei	—	Pedro Imperante.
A fundamental lei	—	nem um instante,
Desejo em meu país	—	eu firme espero
Arrancar a raiz	—	ao monstro fero,
Ao Déspota farei	—	ver triunfante.
Livre Constituição	—	eu aborreço
Reinar desejo ver	—	o absolutismo,
P'ra glória da Nação	—	com grande excesso
Quem livre quiser ser	—	morra no abismo
Suba à alta mansão	—	quem faz apreço
Do feito prazer	—	do despotismo.

(J. Jardim de Vilhena, *Gazeta de Coimbra*, s.d.)

9

MANDAMENTOS DOS MIGUELISTAS

Primeiro:	Setimo:
Dar vivas por dinheiro;	Ser carrasco e ter bom prestimo;
Segundo:	Oitavo:
Chamar <i>malhado</i> a todo o mundo;	Ter a religião por alvo;
Terceiro:	Nono:
Dar que fazer ao vidraceiro;	Tirar o seu a seu dono;
Quarto:	Decimo:
De vingança nunca farto;	Dizer bem do que é pessimo.
Quinto:	Estes dez mandamentos
Pôr o mundo em <i>lavarinto</i> ;	Encerram-se em dois:
Sexto:	Viver como os burros,
Jurar por qualquer pretexto;	Ter canga como os bois.

(A. Thomaz Pires, *Cancioneiro Popular Político*, Elvas, 1906, p. 31)

PRECES

PARA AS ACTUAES CIRCUMSTANCIAS DO NOSSO REINO

Primeira.

Senhor meu JESU CHRISTO, pelas lagrimas, que chorastes na Cruz e pelas que derramastes, quando previstes a ruina da vossa Cidade Santa; lembrai-vos da tribulação d'este vosso Reino; compadecei-vos da grande afflicção do vosso povo Portuguez: pelo leite, que bebestes em vossa Santissima Mãi, livrai-nos dos terriveis flagellos da peste, fome e guerra, do fogo, dos terremotos e das tempestades e de tudo o que impede o bem espiritual e temporal d'este vosso Reino. Pelo vosso preciosissimo Sangue, Paixão e Morte defendei o Nosso Rei, e tende misericordia de nós os Portuguezes. Amen.

Segunda.

Senhor meu JESU CHRISTO, lembrai-vos das promessas, que fizestes ao primeiro Rei d'este vosso imperio Lusitano, D. AFFONSO HENRIQUES, e fazei que triunfe sempre a verdade da vossa Santa Fé Catholica, Apostolica, Romana em Portugal, e em todo o mundo; para que todas as creaturas, que dotastes de intelligencia, vos reconheçam, sirvão e amem por todos os seculos sem fim: e concedei ao Nosso Rei, e a nós todos as virtudes necessarias para sermos vossos fieis servos: dai-nos esforço e victoria contra os vossos e nossos inimigos, e permitti, que depois d'esta vida vamos todos louvar o vosso Santissimo Nome eternamente com os vossos Santos no Ceo. Amen.

Terceira.

Ó SENHORA, ó Rainha, ó Imperatriz dos ceos e da terra, concebida em graça, e sempre Immaculada, sem nódoa da primeira culpa; Vós, que estaes á Mão direita de vosso Filho reinando, rogai por nós os Portuguezes como nossa Padroeira, para que alcancemos as graças, que supplicamos, e tudo quanto Vós sabeis, que nos é preciso para nossa tranquillidade e socego, e para salvação das nossas almas; defendei o Senhor D. MIGUEL I., Nosso legitimo, e muito amado Soberano; abençoai-o, e tende com sua Augusta Pessoa a vigilancia de uma carinhosa Mãi; alcançai-lhe sempre victoria contra os seus e vossos e nossos inimigos; e pois todos os portuguezes estão debaixo do vosso Patrocinio; todos os verdadeiros e fieis Portuguezes com o seu Rei, e Legitimo Soberano confião, que sereis sempre em seu favor e auxilio, e que lhes alcançareis o cumprimento das Divinas Promessas feitas no Campo de Ourique. Amen.

Quarta

Supremo Principe das Potestades do ceo, e vigilante Patrono da terra, glorioso S. MIGUEL Archanjo, Capitão da milicia Angelica, e Defensor dos exercitos Christãos, supplicovos defendaes o Nosso Fidelissimo Rei, o Senhor D. MIGUEL I., como defendestes o Rei Ezequias contra o poder dos Assyrios, quando em uma noite matastes cento e

oitenta e cinco mil inimigos; rogo-vos alcanceis para o nosso Monarcha o zêlo de Josias, a confiança de Josaphat, a piedade de Ezequias, o valor e esforço de David, e a paz, tranquillidade e prudencia de Salomão. Olhai sempre pela Sua conservação e vida; protegei-o, e a toda a Sua Real Familia e Casa, que tanto tem defendido a Santa Igreja da qual sois tão digno Patrono e Defensor: amparai os Seus Reinos, armadas e exercitos para nossa quietação, felicidade e socego; enviai em seu socorro vossos celestiaes esquadrões, para que sejam vencidos todos os que o perseguem com tão grande crueldade, pertinacia e injustiça. Isto vos peço humildemente pelo amor, que tendes a JESU CHRISTO Nosso Redemptor, e Divino Fundador d'esta Monarquia Portugueza, para que todos os Portuguezes o sirvamos e louvemos com toda a liberdade e segurança, e com paz universal da Santa Igreja, e com victoria e triunfo, alcançado pela vossa poderosa intervenção contra os nossos inimigos. Amen.

Rezem-se cinco Padre Nossos, cinco Ave Marias, e cinco *Gloria Patri* ás cinco Chagas de Nosso Senhor JESU CHRISTO: uma Salve Rainha á Senhora da Conceição da Rocha e um Padre Nosso e Ave Maria e *Gloria Patri* ao Archanjo S. Miguel, e ao Santo Anjo Custodio do Nosso Reino, e ao Santo Anjo Custodio do Nosso Rei; tudo por tenção de Sua Real Majestade, e pelas felicidades d'este Reino, e bom successo dos nossos exercitos, e da nossa esquadra; para gloria de Deos e de MARIA SANTISSIMA, e confusão de todo o inferno, e de todos os impios e mações, seus ministros e sequazes.

(Joaquim Martins de Carvalho, «Fanatismo politico-religioso», *O Conimbricense*, n.º 4055 de 1886, p. 2)

II

PADRE NOSSO

GLOZADO PARA INSTRUÇÃO DA FILOZOFIA MODERNA

Miguel Anjo Tutelar, Rei, e Pai dos Portuguezes, Vos bem dizemos mil vezes, PAI NOSSO.	Louvado na christandade, SEJA O VOSSO NOME.
Grande he poder Vosso, Deos de Infinita Bondade, Maior Vossa Piedade, QUE ESTAES NO CEO.	O Maçonismo se some, Acabou a impiedade, A pura Santa Verdade, VENHA A NO'S
Quem essa Carta nos deo, Grande peste nos mandou, Mas seja quem a espantou, SANTIFICADO.	Rei, e Pai nosso Sois Vós, Esperança, não Iluzoria, Por quem goza tanta gloria, O VOSSO REINO.
Para sempre celebrado, Na remota posteridade,	Bem se sabe, e eu convenho, Que Maçonica facção, Queria Républica mas não SEJA FEITA.

A fé politica liberal

A obra Vemos perfeita,
Satisfeito o Vosso povo,
Que não foi Systema novo,
A VOSSA VONTADE.

Nobreza, Povo, e Padre,
Todos teem em Portugal,
Huma alegria geral,
ASSIM NA TERRA.

Apezar da peste, e guerra,
Destes negros, e malhados,
Ficaremos descaçados,
COMO NO CEO.

Este monstro negro, e fêo,
De todo se deve extinguir,
Pois nos querem extorquir,
O PAM NOSSO.

Repemir, he dever Vosso,
Esta Corja Pedreiral,
Que he causa de tanto mal,
DE CADA DIA.

Por tão louca ouzadia,
Visto Miguel não seguirem,
O gosto de não existirem,
NOS DAI HOJE.

Já este mal vem de Longe,
He grande o rancôr que temos,
Se nisto vos offendemos,
PERDOAINOS SENHOR.

Se he obra do Vosso amor,
Que estes Pedreiros soframos,
Peguemos, Satisfaçamos,
AS NOSSAS DIVIDAS.

Ficarão sim esquecidas,
Tantas offenças malquistas,
Que teem feito aos Realistas,
ASSIM COMO A NO'S.

Tendo licença de Vós;
Para dispôr sua sorte,
O fatal golpe da morte,
PERDOAMOS.

De hum Deos castigo esperamos,
A Pedreiros infernaes,
Que derão Doutrinas fataes,
AOS NOSSOS.

Por tantos excessos Vossos,
Nossas Vidas offertamos,
Pois dellas nos confessamos,
DEVEDORES.

Vós do Throno defensores;
E vós, Ministros Sagrados,
Prégai a estes malvados,
NÃO OS DEIXEIS.

De Miguel aprendereis,
Aliás tudo he em vão.
Todos no Vapor hirão,
CAHIR.

E se alguns querem seguir,
De Miguel passos inversos,
He porque se achão submersos,
ENTENTAÇÃO.

Foi obra a Constituição,
De Pedreiros infernaes,
Desta sim, e destes taes,
SENHOR LIVRAINOS.

Por vosso amor concervainos,
Miguel Primeiro que temos,
Então nos defenderemos,
DE TODO O MAL.

Viva a Luz de Portugal
Que he Miguel Rei da Nação
E morra a Constituição,
AMEN, AMEN, AMEN JEZUS.

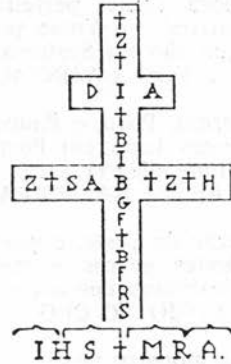
Valerosos Realistas,
Ex=hum pequeno esboço,
Para ensinar Pedreiros,
AREZAR O PADRE NOSSO.

Ou por outra, Portuguezes;
Ex=hum Deos de Nazareth,
Ensignando Carbonarios,
O QUE O PADRE NOSSO HE.

O Seu Author=P. F. C. M. Naz...
(Lisboa, Na Typ. Maignense, Anno de 1828)

REMEDIO SAUĐAVEL CONTRA A
PESTE.

FORMA DA CRUZ



Honra seja dada pois a D. Miguel, e a seu reinado, que vai ser immortal por esta receita. As épocas das descobertas das riquezas e preciosidades da India e do Brasil ficam apagadas á vista da valiosa descoberta do *saudavel remedio*, que desde a Oriente ao Occidente, pois que na India se diz oriunda a *Cholera Morbus*, vai fazer a gloria de Portugal, a honra de D. Miguel!

Medalhas vão ser cunhadas, para serem conservadas em todas as Academias publicas e privadas, em tanta estimação como tem sido as da real impigem, que inundarão Portugal. A copia deste *remedio saudavel* será perpetuada no *reverso* dellas, depois do *verso* conter as inscrições dignas da pessoa, e do caso.

E assim como nas fórmulas farmaceuticas se descobre, por meio de analyzes quimicas, quaes são os seus ingredientes, — analysando nós este *saudavel remedio*, encontramos exactamente a chave da sua composição, que vamos publicar para que se acabe a impostura *exclusiva*, e para que todos os Boticarios do mundo possam saber uzar livremente desta mais que *quinta essencia* da alquimia!

Tanta letrinha, e tanta cruzinha, querem dizer os sentimentos do usurpador, que são os seguintes:

= Por entre cruces =
= Que são as com que pezo no povo que me sustenta =

Diaria Inflexivelmente A
Bruta
Incauta
Zombada Sucia Apostolica: Busco Zeloso Hypocrita
Guardar
Fechado
Bem
Fechado
Rendoso
Segredo.
Isto He Superstição: Mas Reservada Astutamente.

(*Cronica Constitucional do Porto*, n.º 138, 13 de Junho de 1833, pp. 1281-1282).

13

CREDO PATRIÓTICO

Creio em D. Pedro IV. Todo Liberal, Criador da CONSTITUIÇÃO e da Independência, e em D. Maria II, sua filha mais velha, nossa Soberana: a Qual Foi Constituída por obra do Amor Pátrio: Nasceu de LEOPOLDINA; Padeceu sob poder dos rebeldes: por quem lhe foi negada a Legitimidade, abjurada, e substituída traiçoadamente; mas sem descer de Sua Grandeza, Ressurgiu do Brasil, Ha-de subir ao Trono: estar Assentada à mão direita de seu Esposo Todo Prudente: aonde a havemos ver julgar os servís, e os LIBERAIS. Creio na Constância dos LEAIS PORTUGUESES; na Dinastia da R. Casa de Bragança; na COMUNICAÇÃO DAS IDEIAS LIBERAIS: na Remissão da Nação: na Ressurreição do Nome Português; na sua Paz, União, e Fidelidade eterna. Amen.

(Ernesto do Canto, *Ensaio Bibliographico-Catalogo das obras nacionaes e estrangeiras relativas aos successos politicos de Portugal nos annos de 1828 a 1834*, Ponta Delgada, 1888, p. 115; inicialmente publicado em folha solta).

14

SALVE RAINHA

Salve Rainha, a Sr.^a D. Maria da Glória, mãe dos verdadeiros portugueses vida do amortecido Portugal, Esperança dos verdadeiros constitucionais, Deus vos salve na vossa viagem para Portugal.

A vós bradamos os refugiados.

Por vós suspiramos para gozarmos nossa liberdade, pois estamos gemendo e chorando no mais atroz despotismo.

Eia pois, advogada nossa, a nós volvei os vossos olhos, e depois no vosso governo, Nos mostrai com vossa sabedoria

Que somos dignos de ser vossos súbditos,

Oh! Clemente Senhora

Oh! Piedosa Rainha,

Oh! Doce Esperança

Oh! Virgem Maria II

Rogai por nós, Mãe dos Constitucionais,

Para que sejamos dignos,

Das promessas de D. Pedro. Amen.

(J. Jardim de Vilhena, *ob. cit.*, pp. 169-170)

15

AVE MARIA

CONSTITUCIONAL

Para os Cidadãos de menor idade.

*Ave Maria Segunda,
Cheia de Graça e Belleza;
O Senhor Teu Pae Dom Pedro,
E' com Tigo Alta Princeza.*

*Benta és Tu e Soberana
Entre as mulheres Primeira,
Bento é fructo vindouro
Do Teu centre, o Ceu o queira*

*Sancta Maria Te Guarde,
May de Deos Dá-lhe Sciencia,
Roga por nós que hemos sido
Peccadores de innocencia.*

*Agora ao Reino Tu volve,
E na hora de alcança-lo,
Da nossa morte politica
Amen, amen, Vem livrallo.*

(Folha solta s.l.; s.n.; s.d.)

16

ACTO DE CONTRIÇÃO DE CERTO FIGURÃO

*Meu bom senhor Jesus Cristo,
Deus e homem verdadeiro,
Dai-me empregos e dinheiro,
Qu'eu vendo a honra por isto.
Eu só para mim existo...
E também para o Josezinho...
Afastai do Rodriguinho
Tudo aquilo que não for
Deputado, Administrador
Ou antes, um Reinosinho*

(O Nacional, n.º 220, 11 de Agosto de 1835)

17

CREDO CARTISTA

Creio na Carta Constitucional da Monarquia toda poderosa, e criadora do Céu da Liberdade, e da Terra da abundância; e na Rainha sua filha, a qual foi concebida pela graça Constitucional, e nasceu do grande Pedro: padeceu sob o poder do Pôncio Pilatos do Ramalhão;

foi crucificada pela Santa Aliança; morta e sepultada no dia onze pelos três Estados; desceu aos infernos Brasileiros; ressurgiu dos mortos em França; subiu ao Céu de Portugal; está sentada à mão direita da Justiça, aonde há-de vir a julgar os facciosos, e anarquistas. Creio no Espírito que a rege; na Santa Igreja Lusitana; na comunicação dos pensamentos; na remissão dos pecadilhos Constitucionais; na ressurreição da Pátria, etc.

(O Artilheiro de 22 de Agosto de 1835; transcrito em *Escriptos humorísticos em prosa e verso do fallecido José de Sousa Bandeira*, Tomo I. Porto, 1874, p. 6).

18

PROGRAMA PARA A PROCISSÃO DOS PERIÓDICOS, PROJECTADA PARA O DIA 31 DO CORRENTE, ANIVERSÁRIO DO JURAMENTO DA CARTA CONSTITUCIONAL *

1.º

Irá na frente o ARTILHEIRO com a *Azemola* dos foguetes.

2.º

A POLICIA SECRETA vai como servindo de fagote que, em vez do rachado som a que estavam afeitos nossos ouvidos, faz retinir agudíssimas notas de sua corneta de chaves, da qual pende uma bandeirinha azul e branca (como nos antigos clarins da cavalaria) em que se acha bordada a matriz a seguinte legenda: «As minhas sete chaves em se abrindo, aterram como os sete selos do Apocalipse».

3.º

Seguir-se-á o DIABRETE a tocar o zabumba, cercado de rapazes garotos e porcos, fugidos de casa de seus pais.

4.º

Depois o MARCH MARCH, fazendo a figura do Maça; com a sua competente túnica e cabeleira de grande gala, carregado de ventosas.

5.º

Primeiro Andor

O INTERESSANTE, Santo Mártir, advogado contra a peste do Liberalismo, coberto de lancetadas: vestido de murça vermelha, batina dos 3 estados, a real effigie ao colo em fita desmaiada azul e encarnada: irá montado sobre o *Burro Lopes* e numa albarda forrada de Gazetas e Odes. Pegarão ao andor — A Mesa do Desembargo do Paço — A da Consciência e Ordens — A Inconfidência — A Suplicação — A Intendência — e o Monachismo. — Este andor será acompanhado pela Confraria dos Rotos, cantando a Jaculatória do Rei-chegou.

6.º

2.º Andor

O ECCO — Santo Confessor, de barrete vermelho, é advogado contra a lepra da liberdade. Pegarão no andor os Irmãos da Irmandade dos Dizimos: ao colo a medalha da Poeira.

7.º

3.º Andor

O NACIONAL — Figura corpulenta, adornado de quinquilharias, descomposturas e sarcasmos: levará na cabeça o *bonnet rouge*. Este

* José de Sousa Bandeira equivocou-se, pois o aniversário do juramento da Carta é em 31 de Julho, e não em 31 de Outubro.

santo é advogado contra a sarna dos ministérios monstros. Pegarão ao andor os Confrades da Irmandade da Maledicência.

8.º

4.º Andor

SANTA REVISTA — Advogada contra os campos estéreis: manto fino e transparente. Pegará ao andor a Irmandade da magreza; vai sentada sobre uma cadeira de braços, em ar de quem dorme.

9.º

5.º Andor

O DIARIO DO GOVERNO — De chapéu de plumas, faca de mato e de fivelas e meias de seda estrangeiras. Este santo de muita devoção é advogado contra os malefícios anti-ministeriais. Representa a figura de um velho sizado: na mão direita uma pena de pato; na esquerda a primeira folha do frontispício da Carta Constitucional. Pegam ao andor os irmãos maiores da Misericórdia ministerial, com os seus mantos, crachás, hábitos e penduricalhos.

10.º

Seguem-se os dois PERIODICOS DOS POBRES a cantar o Bendito Sejais.

11.º

Segue-se a DONZELA VEDETA, fazendo a figura do Santo Sudário da oposição e cantando a falta do Canoncato.

O vós omnes qui transitis per viam

attendite, et videte, si est dolor sicut dolor meus.

12.º

O CENSOR, como criancinha ainda, vai semeando os verdes.

13.º

A FOLHA COMERCIAL leva o turbulo e ofereceu-se para dar o incenso por conta do auxílio da Associação Mercantil.

14.º

O AÇORIANO ORIENTAL e a FLOR DO OCEANO vão por obséquio de capas de asperges no lugar do cabido, como ilustres representantes das cidades de Angra e Ilha da Madeira.

15.º

O RECREIO, o SEMANARIO ARMONICO, a BIBLIOTECA FAMILIAR e o JORNAL DO TEATRO levam as varas do pátio, que imita tiço de ouro em disposta simetria de todos os jornais que têm nascido e morrido depois da restauração da legitimidade em 1828: — O Diário e Folha Oficial da Junta Provisória — as quatro Crónicas da Terceira, Porto, Lisboa e Açores — a Gazeta Oficial — as Aguias do Oriente e do Ocidente — o Universal — o Jornal do Comércio — o Tempo — o Independente — as Guardas Avançadas da Semana e do Domingo — a Tribuna do Povo — o Jornal Médico-Cirúrgico-Farmacêutico — o Quinquilheiro — o Desasnador — o Cosmorama Político — o Diário do Porto — o Sol — o Arauto — e as Folhas de Anúncios de Lisboa e Porto.

Debaixo do Pátio vai a LIBERDADE DA IMPRENSA, que para poder levar o rosto descoberto exigiu ir no meio do JORNAL DAS CIÊNCIAS MEDICAS e dos ANAIS DA CIENCIA JURIDICA — levantando-lhe a cauda dos hábitos prelatícios o REPOSITÓRIO LITERÁRIO PORTUENSE.

16.º

Atrás do pátio, no lugar de honra da Câmara Municipal Tipográfica, nomeada pela urna incorruptível, vai o sr. Rio Tinto à direita como presidente; o ex-redactor do Caramurú, como fiscal; o sr. Monteiro e o vate de Narciso, conduzido pela mão do mano médico, como vereadores actuais, todos de varas alçadas, tingidas em tinta de imprensa, capa e volta de geribandas largas, da fábrica do Beco da sem

vergonha, bacalhaus e punhos de rendas dos teares do privilégio exclusivo da Maledicência, precedidos da Bandeira da Corporação, à esquerda de todos, como secretário vitalício, o sr. Sá, levando ao pescoço a medalha do Colégio do Largo de R. Roque, n.º 12, sinal de haver dado conta da lição ao seu decurião o sr. A.C. Dias e marchando com passo ufano, como quem se vai banhando em água de rosas, rosnando a meia voz: «Estou cheio de honra pela portaria assinada pelo meu presidente em que se dá por contente dos meus bons serviços durante a sua ausência!»

17.º

Fechará a procissão um destacamento de Cruzados novos e outro de Malucos à Mendizabal, com as armas à esquerda em funeral e as chumbadas tocando em surdina.»

(O Artilheiro, n.º 13, 3 de Outubro de 1835)

19

CONFISSÃO DA IMPRENSA LIVRE PORTUGUEZA

Padre-Queira fazer, menina, o signal da Cruz.

Imprensa- Isso são antigualhas sedições, que se acham banidas do grande tom; porém para o satisfazer, como isto não custa nada, farei o que pede. (E com effeito benzeu-se).

Pad.- (Mau, que a criancinha é tola!) Ora diga, Menina, não é Catholica, Apostolica, Romana?

Impr.- Eu sou tudo o que quizerem que eu seja: o Papá o que quer é que eu falle muito, e a Mamã que eu seja modernista.

Pad.- Então a Menina crê, ou não crê em Deus?

Impr.- Ai! Sim, no Grande Architecto?

Pad.- (Peior!) Ora diga-me: qual foi a última vez que se confessou?

Impr.- Em 1827, quando o meu Mestre Joaquim José Pedro Lopes me levava a confessar ao Padre José Agostinho de Macedo.

Pad.- E cumpriu a penitencia?

Impr.- O' lé se cumpri! o que elle me mandou, foi que em desconto dos meus peccados dissesse muito mal de D. Pedro, e de D. Maria dos Emigrados, dos Liberaes, e dos Pedreiros; e eu a cumpri exactamente.

Pad.- Ora diga-me, quantos são os peccados mortaes?

Pad.- Ai, não me esteja a causticar com ninharias! São sete.

Pad.- E a Menina tem Soberba?

Impr.- Muita! Eu tenho uma Irmã mais velha chamada tambem a Imprensa livre ministerial, a quem não posso vêr! O meu gosto é excedel-a em tolices, pieguices, dacterios, e chufas; e o tenho consegu' do.

Pad.- Isso é mau: deve ser prudente, e respeitar sua irmã mais velha! Ora diga-me, e tem Avareza!

Impr.- Ai, muita! O meu gosto são malucos; para os grangear não ha genero de prostituição, a que me não abalance: digo mal de todo o mundo por causa dos malucos; e não me importa que seja verdade, ou mentira: com tanto que venham malucos, o mais não me importa.

Pad.- Ora diga-me: e Luxuria? tambem tem d'isso?

Impr.- Ai! Sim Senhor, tenho uns poucos de rapazes de sucia, que vivem commigo das portas para dentro. O mais antigo é o Nacional, lindo como os amores! Gosto d'elle por que tem muito má lingua:

é uma faquinha, é o ai Jesus dos Botequins, e das Cloacas: gasta muito commigo em quinquilherias! Outro é o *Diabrete*; especie de andarilho, que me leva o indispensável! Outro é o *March-march*; homem serio, que gosta de mim por desenfado: esse falla commigo depois de jantar! O mais teimoso, e mais rendoso é o meu Capellão....

Pad.-Que é lá isso de Capellão? Pois a menina tambem tem essas fragilidades com os que cavam a vinha do Senhor?

Impr.-E é uma perola! Para me requestar, entrou-me na baldal! Mente como uma cesta rota: diz mal dos presentes, preteritos e futuros, e de todas as linguagens: gasta commigo a prestação, o rendimento do canonicato, e quantos patacos apanha: é muito boa creatura! Quando a Adozinda nas azas da socega lhe cata as sanefas da cabeça, o meu Capellão, que se chama o *Vedeta*, me beija, me affaga e me dá tudo! Não: este não deixarei eu por mais que me préguem.

Pad.-Mau é isso! Ora diga-me, e como vamos de Ira?

Impr.-S.m, padre; sou muito colerica! Quando alguém não diz tanta parvoice como eu, gr.to; esgadanho-me; bato com o pé na casa; dou nos amigos, e parentes: quebro a louça, e rasgo o fato. Verbi gratia: tenho vontade de me fazer celebre, e pilhar malucos, de dizer que o ministerio deve ir abaixo? Desgraçado de quem disser o contrario: sobe-me o sangue ás orelhas; descomponho tudo; chamo a tudo o ed.ota, e *Chamorro*.

Pad.-*Chamorro!* E isso é nome prezado?

Impr.-Sim, Padre: é muito prezado? *Chamorros* são aquellos maus homens, que gratos ao imperador, o queriam para regente.

Pad.-Tenho entendido! Ora diga-me, menina, e de Gula?

Impr.-Sim Padre: eu sou muito gulosa; e gulotona: o meu prato favorito no artigo guizados são = *Maledicencias* = o meu cosido é o prato = *Ministerio* = o assado, são = *Empregados* = Gosto muito d'azeitonas, chamadas = *Lancetadas, Chumbadas, e Quinquelherias!* O meu dôce favorito são = *Anacreonticas* = e o meu pudim = o *Mendizabal*. Tenho tido muita indigestão; mas não posso emendar-me! Uso de uma mostarda chamada = *Mentiras* = com que abro o appetite: é cousa muito barata, e da-se bem com o meu estomago.

Pad.-Sinto-lhe ruína! Ora diga-me, e de inveja?

Impr.-Ai, padre, não me falle n'isso! Arrebenito; mirro-me mesmo quando alguém se quer fazer mais esperta do que eu, ou ganha mais patacos.

Pad.-E é perguiçosa?

Impr.-Esse é o meu defeito classico! Para não cançar as faculdades intellectuaes, não me dou ao trabalho de grandes producções! Não escrevo obras de cunho, nem sobre politica, nem sobre religião! Artiguinhos, correspondencias, satiras, cópias, bijoulerias em verso, e proza.

Pad.-Com effeito; está Vmc. uma mulher das arabias! E tão criança, e já tão damninha! Ora diga-me, Vmc. jejua?

Impr.-Sim, Padre jejúo a Verdade.

Pad.-E reza o seu rosario?

Impr.-Tenho umas contas, cujos padre-nossos são ataques a todo o bicho careta que governe: rezo por elle todos os dias.

Pad.-E ouve a sua missa aos domingos?

Impr.-Depois que uma aya, que eu tive, chamada a *Guarda Avançada dos Domingos*, se despediu, e foi para Beja para ama de leite da Igrejinha moderna, nunca mais ouvi d'isso.

Pad.-Pois menina, por ora não a posso absolver! Venha cá mais vezes! Faça o seu exame de consciencia; peça perdão a quem tem offendido; e arrependendo-se dos seus peccados, póde ser que

inda vmc. seja uma menina capaz! O seu defeito principal é ser douda, e metter-se com más companhias! A culpa teve quem tão cedo lhe deu a administração dos seus bens, e lhe tirou o seu tutor! Ora adeus: vá na paz do Senhor.

(O *Artilheiro*, n.º 17, 17 de Outubro de 1835; transcrito em *Escriptos humoristicos cit.*, pp. 36-39).

20

DISPOSIÇÃO TESTAMENTARIA

DO MUITO CATACEGO. MUITO GRITADOR E MUITO ESTOUVADO
SENHOR IRRACIONALISMO DE PORTUGAL,
D'AQUEM E D'ALEM ETC.

I. M. I.*

Em nome da velhaquissima tripeça, que dirige o Club regenerador, Leonadre, Sanchilho e Barjonanto, tres pessoas distinctas e um só coração verdadeiro, em cuja fé creio e protesto morrer, assim como tenho vivido. Eu, o Irracionalismo Lusitano, achando-me em meu perfeito juizo e por ora de perfeita saude, mas sugeito aos casos fortuitos da natureza, podendo de um instante para outro, porque somos mortaes, ser attacado de parocismos da *razão* e succumbir aos ataques da *verdade*, determino fazer o meu testamento, que é o seguinte.

Primeiro que tudo encomendo a minha alma de lama, a honra da ponta do meu nariz e a minha pouca vergonha, ao poderoso desaforo; e peço á virgem da Maledicencia que seja minha advogada e protectora. Logo que o diabo seja servido de me chamar á sua infernal presença, quero ser amortalhado no habito da minha veneravel ordem terceira da guerra civil e mettido em um caixão de Sarcasmos, depositado na Torre Velha de S. Eloy aonde foi o collegio eleitoral da provincia do Douro, solar e brazão de minha illustre descendencia, Pantheon em que se me devem fazer as devidas honras funebres, pegando nas borlas do panno mortuario os meus distinctos amigos, *Nacional, Diario do Povo, Diabrete e March-march*, por cujo trabalho ordeno se lhes dê com que vão beber, por minha alma, nos dias do meu obito e enterro.

Deixo ao meu reverendo parochó, por todos os seus direitos parochiaes, a faculdade de em todas as commissões de recenseamentos, julgar habeis para usar do direito de votação a todos aquelles que o não tiverem, uma vez que sejam da minha geração, e appellidos de Irracional.

Declaro que por fragilidade, da qual peço perdão e confesso o meu arrependimento ao meu Deos e ao mundo, pelo escandalo que causei á sociedade, tive tractos e relações ill'citas com a urna corruptivel, de que houveram muitos filhos, que não perfilhei e os quaes todos deixo estabelecidos, com dotações e instrucções que pessoalmente lhes dei, uns em commerciantes de listas e outros em correctores que subornos nas eleições de toda a casta. E porque elles não digam que no lance extremo da minha ultima affeição, me não lembro

* Juro morrer irracional.

delles, deixo-lhes as honorosas cinzas das listas que negociarem por influencia dos meus fundos e credito, depois de queimadas nos seus diversos circulos eleitoraes.

Nomeio e instituo por meu testamenteiro e unico universal herdeiro do remanescente liquido de minhas deixas e disposições no presente, ao meu singular amigo e mestre na ronha jesuitica, em que me doutorei, o redactor do *1.º Campeão*: e em sua falta e repulsa da herança o substituirei o homem das chronicas Fulano Poer: e na escusa d'ambos, o redactor do actual *Diario do Governo*, antigo collaborador do *Portuguez de Portugal*.

Deixo a minha terça d'alma ao homem da expedição das laranjas do Pico, com obrigação de satisfazer uma pensão vitalicia ao seu creado sapateiro e seu Jau, esmolario dos tempos modernos: — e por uma vez sómente a quantia de cem mil parvoices á senhora Francisca, com quem o sr. Barnajo conversa em todas as discussões da camara.

Dou por saldadas as contas que nos meus assentos existirem de transacções do *Nacional* comigo, no negocio das cargas que lhe fiei, de pelles de gato que tem vendido por lebre, especialmente a respeito do Saldanha, que sendo baptizado no Rio Tinto, pelo profeta Aguia do Occidente, com o nome de um Semi-deus cá n'este mundo, foi depois chrismado na igrejinha da imprensa do largo de S. Roque, pelos bispos de Leon e de Sá, como o homem de caras de trezentos diabos.

Deixo ao *Diario do Povo* os dous valiosos unicos numeros do *Povo Soberano*, com obrigação de que se os vender, seja só para mechas de accender as fogueiras do anarchismo.

Mas, sendo o meu desejo, que entre os meus amigos se não sustentem as dissenções que eu promovo só entre os meus inimigos, recommendo ao empresario do theatro de S. Carlos que veja se pôde conciliar os interesses d'ambos estes meus caros amigos, litigantes acerca do direito com que o *Nacional* disfructa um camarote, para continuar a estar calado, e a que o *Diario do Povo* pretende ter um jus igual, por empregar os mesmos meios para os mesmos fins. Rogo, pois, ao sr. Lodi queira generosamente esquecer a brincadeira do sr. Sommeira em lhe dar o tratamento de empresa de Farropilhas e em a desacreditar manifestando as campanhas de pedradas da plateia para o palco scenico; o que de certo não é honra para a polida gente d'uma côrte, n'um theatro reputado entre os da 1.º ordem da Europa!!

Deixo muito recommendado á *Vedeta* a conservação da mangedoura do cavallinho do *Correio do Porto*, que lhe servio muito tempo de tarimba, assim como a secretaria ao Adozindão, quando compunha as suas chumbadas e Anacreonticas. E porque muitas d'ellas devem ainda existir eneditas nos livros de baptismo da abbadia de Valbom e outras no cartorio do juiz Pedaneo de St.º Ildefonso, faço-lhe plena cessão dellas, para lhe poderem ainda servir quando acabem as cortes e não hajam as sessões para encher a folha; assim como lhe cedo igualmente os manuscriptos originaes do cego poeta historiador Ambrozio Canha, minha columna encoberta e muito boa peça!

Aos *Pobres de Lisboa* deixo um exemplar do *Bufo da Mocidade* para continuar a entreter-se com as historias dos macacos a pentear bugios.

Deixo ao *Artilheiro*: 1.º o meu cabide d'armas e todos os seus pertences, inclusos os cacos de bombas que o sr. Campos apanhou no Porto durante o sitio, quando veio ajudar os bravos defensores da cidade eterna com os seus chascos e dicerios de perdidos e de loucos! 2.º o meu laboratorio chimico com todas as retortas e alam-

biques de destilar institutos e as machinas de fazer estradas doces em vez de as macdamisar, para mais commodidade das pacientes mulas dos medicos. 3.º O meu gabinete historico com todas medalhas que immortalisam os consules e senadores da minha republica nos actos do capitolio de Benfica e do forum das necessidades, incluso o caixão numistatico com os 30 dinheiros da Sinagoga, que andam vinculados nos descendentes do refalsado Judas Iscariote. 4.º O meu museu de historia natural com todos os bichos e animaes de que me fez presente o conselho da Conimbrica Veneza. 5.º O cartorio das chronicas do reino escriptas em Inglaterra, ha uma tormenta d'annos, com obrigação de deitar uma bomba a perguntar quantas resmas de papel entregou manuscriptas o chronista mor e quanto se lhe pagou a titulo de vencimentos devidos, ou de indemnizações de prejuizos soffridos: e quando seja verdade que se lhe tenha pago alguma cousa, ou haja de se pagar no futuro, inquerir do meu sinedrio a rasão porque a isto se cala e tanto grita contra outros considerados remidos de peccados de igual natureza, por bullas de composição do mesmo preço.

Aos *Pobres do Porto* exprimo os meus mais sinceros desejos de que sejam ricos e faço a confissão publica de que lhes perdão (para que tambem meus peccados sejam perdoados) todas as pirraças que a sua pobreza attrevida e honrada me fizeram, zombando sempre da minha opulencia judiciaria!

Deixo á opposição pura a justiça e boa fé, que usurpei com capa de amizade e confiança, em quanto durou a sociedade em que ao principio fomos interessados debaixo da firma de — *Opposição sinistra & C.* —; e para indemnisação dos juros das quantias de Razão que subrepticamente retive em meu poder, deixo-lhe a minha rica baixella, dadiva e presente que me fez minha sogra velhacaria, com declaração de que deverá ser entregue depois de amaçada, para mais não servirem as differentes peças de que se compõem.

Deixo aos Chamorros todas as minhas fazendas e campos da Zamguinha, com obrigação de estabellecerem uma sociedade de freires debaixo da denominação de D. PEDRO, para cujo hospicio lhes dou o souto dos Carvalhos denominado da salvação do Porto e as oliveiras que formam o morgado do Pasteleiro, Pernes e Almofter; assim como os foros da Villa que é a Flor do Systema constitucional, com os rendimentos das herdades do Coruche, quintas da praia e suas pertenças em Portugal e no Algarve, especialmente os montados da Asseiceira e suas dependencias.

Deixo aos portuenses uma lição severa para que hajam de reflectir o que resulta d'uma eleição inconsiderada! Na certeza de que se não fosse um capricho com que os Leoneis obtiveram os celebres tres — 8 — o irracionalismo não tivera nascido e não teria alistado os Barjonas, os Sanches, os Liberatos, os Campos, *et reliqua*.

Deixo aos que esperam por indemnizações o juro dos padrões do emprestimo da mangação, os quaes tenho depositado no banco de Pantana, podendo sómente receber os fundos proprios da semana dos nove dias, em dia de S. Cerejo á tarde, que é epocha que o repertorio do borda d'agua marca para a apparição do Cometa do — Quem perdeu' perdeu, quem não pilhou pilhasse.

Deixo aos migueis o gostinho e a esperanza do *tertius gaudet* que elles tem alimentado, pelas dissensões, a que o irracionalismo tem dado causa, especialmente no aso a excessos das galerias da camara dos deputados.

Recommendo aos salteadores e assassinos arregimentados no batalhão de honra, que se lembrem da minha alma com suffragios competentes, pelos embaraços que puz á suspensão do *Habes Corpus*

que a prudencia reclamava, sómente para os casos particulares e reservado, de indícios de roubos e assassinos; podendo por consequencia furtar e matar impunemente; viver sem modo de vida conhecido; tafular; jogar; frequentar lupanares; entulhar botequins e casas de pasto de dia e sómente á noite fazer alguns brincos: como diz o estafermo do Entremez do Manoel Mendes.

Por esta forma tenho findo este meu testamento e ultima vontade, que mando, ordeno e quero que se cumpra, guarde e observe tão inteiramente como nelle se contém.

Bêco de dizer mal, no dia 15 de janeiro de 1836, depois da sessão em que o ministro da fazenda deu a patada que o desferrou.

O irracionalismo.

Como sómente depois de feito e assignado este meu testamento é que tenho noticia do nascimento do independente, recommendo aos meus parentes, que tenham olho na criancinha e na sua educação; pois se elle for capaz de ser modelo do seu avoengo, o periodico do mesmo título em 1823 em que Fernandes Thomaz tinha a influencia principal, bem poderia elle impecer os interesses da minha familia! — Era ut supra etc.

(Segue-se a repetição da mesma assignatura)

(O *Artilheiro*, n.º 22, 29 de Janeiro de 1836 e *Escriptos humorísticos em prova e em verso do fallecido José de Sousa Bandeira cit.*, pp. 186-190).

21

FUNERAL

Acabamos de presenciar o funeral do illustre velho — Portugal! — Morreu de debilidade augmentada por uns vomitorios crueis que lhe receitou a junta irracional. O pobre já andava muito doente e a leites de jumenta: mas os taes seis professores deram com elle na sepultura. Eis o prestito do seu enterro.

Ia na frente a irmandade dos gatos pingados de cruz alçada.

O esquife era de papelão e pegavam ás argolas o *Nacional* — o *Diario do Povo* — o *Movimento* — e o *Censor* — em grande luto.

Entre os convidados, se viam os srs. Leonel, Barjona, Sanches, Ribeira de Saborosa, Macario, João Poêr, Rio Tinto, Somneira, Midosi, etc.

A armação do tumulo era do sr. Claudio, mas as baetas eram velhas e os galões falsos.

A musica era a canto chão e os responsos da composição dos insignes professores — *Ecco* — *Interessante* — *Farol* — e *Imparcial*.

No tumulo estavam as armas do defuncto, que eram — *um ovo choco* — com a legenda — *Carta Constitucional* — na esquerda uma — *ferradura* — na direita uma — *moela de gallinha*.

A dignidade que officia de capa d'asperges, forrada d'assignados, era o deão da esterilidade, o excellentissimo sr. Campos: seus acolitos, o Frei Luiz das Chagas da illustre familia dos Mousinhos Albuquerque, e o monsenhor Loulé.

Quando o ex.^{mo} Deão, correndo-lhe as lagrimas pelos olhos, entou — *Á porta inferi* — todo o auditorio se tornou palido; mas quando s. ex.^a abriu o relatorio, que fazia de breviarario, e entou em voz me-

lancolica — *O requiescat in pace* — desatou tudo a chorar!! Deos tenha compaixão de sua alma e seja-lhe a terra leve.

Eis o seu epitafio
Aqui jaz Portugal que denodado
Avassalou o cabo tormentorio:
Dos targines, louzãs fugindo á cura
Do Campos espichou ao vomitorio.

(*O Artilheiro*, n.º 65, 22 de Março de 1836.
transcrito em *Escreptos humoristicos cit.*,
pp. 225-226).

22

ENTERRO DE JUDAS

Este anno, para ser em tudo raro, e curioso, foi bissexto, teve os seus bailes de mascarar, e até na Quaresma, e por ultimo durou esta mais 3 dias do que de costume..—O enterro de Judas Iscario: h não foi no sabbado d'alleluia; elle morreu na terça feira d'esta semana, e foi enterrado na quarta. As cerimonias do enterro eil-as aí vão:

Na vespera do dia destinado para seu enterro mandou a irmandade dos *camellos* tirar *esmollas* por as casas principaes, e mais ricas da cidade. O vulto do Judas, montado sobre um macho *carvoeiro*, ornado com todas as suas insignias, e seguido d'alguns *gaiatos*, e *trapeiros*, com os instrumentos de sua *nobre* profissão, passeou differentes ruas. O *João Martim Alho* manencorio em sua pessoa, como quem tal gasalhado perdeu, e arrastando compridas baetas, já usadas, entoava com voz *harmoniosa*: *quanto me quereis dar, e eu vô-lo entregarei?* = algumas vezes o *pingo*, e as lagrimas lhe cortavam a voz, e enchiam os circunstantes de nojo.

A's 10 horas da noite recolheram do peditorio os *charitativos* irmãos trazendo na *alcôfa* TRINTA REAES, que logo se applicaram para as despesas do enterro, o qual foi pela maneira seguinte:

Descrição do saimento.

Rompiam a marcha duas companhias de *guardas pretorianas*, com as baionetas em funeral, e os tambores cubertos de luto: seus sons destemperados, com os dos fagotes inspiravam um sentimento profundo; as marchas funebres, *retirada dos diabos para o inferno*, *morte de Judas*, &c. compostas expressamente para esta occasiam, chamaram muitas apupadas, e vaias dos circunstantes.

Seguiram-se quatro individuos, trajando longas roupas de papel pintado com tinta d'imprimir, traziam largos chapéus desabados, á moda dos antigos jesuitas, mostrando em suas pessoas para quanto eram; montavam burros *ribeirinhos*, cubertos com gualdrapas pretas, onde se liam em disticos differentes = o *Nacional*, a *Vedeta*, *Diario do Povo*, o *Movimento*: cada um destes cavalleiros levava os seus pagens, armados de *ganchos*, a um lado, e outro.

Logo a poz seguiam-se os Presidentes do club dos *Camellos*, e do club *Maratista*, com as suas respectivas deputações; um e outro iam montados em odres de vinho, com a differença porem que o primeiro arrancava as *barbas*, e o segundo tocava *cacos*, e ia comendo *lagosta*, para fazer *bico*.

Em seguida iam differentes personagens, vestidos á antiga, á moda de *Pares*; o primeiro destes fazia gestos, caretas, e contorsões

taes que desafiavam as gargalhadas dos espectadores; os outros iam mais absorvidos em sua dor, e tanto que um tinha esquecido *lavar-se*, o outro trazia algumas *contas*, sem ser de rezar, para as quaes olhava com attenção &c.

Atraz destes iam dois doidos tocando descompassadamente em sua *caldeira* velha, á maneira dos *bonzos*, e *lalaponezes*.

Seguia-se a irmandade dos brutos *irracionaes*, com archotes de *palha*; o pendão era levado pelo ex-escrivão da mesma irmandade *Paulo Mido*; as insignias pelos Sr.^s Sancho Pança, Fieschi, Cabra da Costa, Barjano &c.: dous *andadores*, os Sr.^s Galófuro, e J. Martim Alho levavam dous grandes cartazes, em que se lia, n'um = Os 3.^{os}, os 4.^{os}, e os 5.^{os} =, e n'outro = BANCARROTA. O Reverendo Capellão P. Galvão, sustentando uma *palma*, e resando o *memento* ia junto ao caixão, a seu lado, com a *caldeirinha* ia o *nobre commendador* Sá.

No fim vinha o *Judas*, n'um caixão d'aluguel, por *economia*, cheio d'*urzella*, sobre a qual descansava o corpo: pegavam ás argolas do caixão os Srs. Barão dos cacos, filho, e Barão de cócoras, e os jesuitas-heróes da Ilha do Pico, e de Villa Franca: todos estes Srs. iam de preto.

O *Somneira*, e o *João Paulo* carregavam ás costas uma *grande peça*, onde davam tiros d'intervallo a intervallo.

Acompanhava esta procissão funebre um povo numerosissimo, que mostrava o seu sentimento pela perda de tão *grande* homem, lançando pedras, e lama á cara de todos os que a compunham.

Em diferentes sitios se havia mandado levantar um estrado, tambem armado de preto: em todos os logares, onde elle se achava subia o sujeito, que montava o *burro Nacional*, e cantava:

Que m'importa o orçamento
Pr'a pagar ao Analista?
Quem nisso tiver interesse
Pague, não seja *chupista*.
S'eu acceitasse a empreza
Que me propoz o Judeu...
Ah! meu rico dinheiro
Quem no perdia era eu!

O homem do *burro Vedeta*, subia depois, e *fanhava* o seguinte:

Ah! meu pobres foguetinhos
Q'inda devo ao fogueteiro!
Agora é q'eu digo, = é certo;
Lá se vai todo o dinheiro.

Seguia-se a este o do *burro Diario do Povo*, o qual dizia:

Qu'hei de fazer ao salitre
Que me não *tarda* a chegar?
Ah! meu querido parente,
Agora vou-me *enforcar*!

Por fim subia ao tablado o sujeito do *burro Movimento*, e com voz sepulchral clamava:

Ai! meu Priminho do Porto
Vais perder o teu commando,
Que consegui alcançar-te

Sempre com *elles* votando:
Não tinha *movido* as massas?...
Não tinha tantos serviços?
Agora = contra mim, *feito*,
Vão voltar-se os meus feitiços. =

Depois descia, e todos quatro fazendo primeiro uma profunda reverência, cantavam a choro = *bchu! bchu! bchu!* =

O cortejo parou no caes da lama, á Boa-Vista, onde se enterrou o *Judas*, voltando todos para suas casas, excepto alguns que ficaram cahidos no caminho, uns de bebedos, e outros de cançados.

H.

(O Raio, n.º 4, 9 de Abril de 1836)

23

TE DEUM

Se governa o *Junot*, na Sé se entõa
TE DEUM apparatuso, e reluzente:
E se triunfa o *Principe Regente*
Politico TE DEUM na Sé lá sôa.

Tem o *Lord* TE DEUM, se despovõa,
Se arraza, assola o Portugal gemente;
E se o *Douro* dá leis á Lusa gente,
Apressado TE DEUM na Sé ecõa.

Temos TE DEUM se a *Liberdade* assoma;
E se morre, ha TE DEUM: se surge a triste
De devotos TE DEUMS que immensa somma!

Té se ha sangue, ha TE DEUM! Porém tu riste
Não vês que da *Christã* moderna Roma
A santidade nos TE DEUMS consiste!

(O Artilheiro, n.º 110, 21 de Maio de 1836)

24

PADRE NOSSO POLITICO

A'lerta, lusos, á'lerta,
Com um patife de marca.
Que vem ser o Patriarcha
Padre.

Vêde bem o estado vosso,
Os transes de Portugal,
Reflecti hoje o mal
Que estaes.

Finja-se embora compadre.
A todos nos põe em p'rigo.
E' disfarçado inimigo
Nosso.

Batei os monstros fataes
Com furor, fogo e lança.
Ponde sempre a confiança
Nos ceos.

Inglezes não querereis, Fingindo alto moreis, Throno, povo, portuguezes, <i>Santificado.</i>	El-rei foi envenenado, Foi presa sua mulher, Mas se o diabo quer <i>Seja.</i>
...
Quer-se dar fim á Egreja. Nas lojas se dá o despacho, E lá vae por agua abaixo <i>O vosso nome.</i>	Os Pares querem renome, E pelos nossos peccados Ouviremos os deputados: <i>Venha a nós.</i>
...
E é tal a carga feroz, Que co'os seus malvados planos Embaralham ha tres annos <i>O vosso reino.</i>	O mesmo systema temo, E é voz já hoje publica, Que querem uma republica <i>Seja feita.</i>
...
A policia foi desfeita, E talvez haja exterminio, Para nunca ter dominio <i>A vossa vontade.</i>	Promette-nos felicidades, Abrantes intima ordens. Nunca se viram taes desordens <i>Assim.</i>
...
Inda ha coisa mais ruim, Depois de levar Cascalho, Ver Zé da Silva Carvalho <i>Na terra.</i>	Sem 'Stuarde de Inglaterra, Garceda e outros maganos. Ficarão os lusitanos <i>Como no ceo.</i>
...
Borges Carneiro foi reu, Todos sabemos quanto fez, Já vem outra vez comer <i>O pão nosso.</i>	Lusos meus, calar não posso Supprimirem os papeis, Vêde imposturas crueis <i>De cada dia.</i>
...
Oh Deus da monarchia! Libertae povo fiel, Carlota ou D. Miguel <i>Nos dae hoje.</i>	Raio terrivel se arroja Contra os tyrannos peitos, Tolerae nossos defeitos <i>E perdoae-nos.</i>
...
Do Bispo-Conde livrae-nos, Pois das Côrtes passadas Ficaram mais augmentadas <i>As nossas dividas.</i>	Vi de susto caras livres, E vi ultrapor el-rei, E não manda a vossa lei <i>Assim.</i>
...
Dos honrados dá-se fim, Bons militar's desligados, Quem foi já sevandijado <i>Como nós.</i>	Esta guerra mais atroz Dos taxados irmãos Quando forem bons christãos <i>Perdoâmos.</i>
...
Muitas coisas suspeitamos Dessas taes naus inglezas, Sempre ficaram portuguezes <i>Devedores.</i>	Não falo dos eleitores, Por ser materia mui vasta, E com gente de tal casta <i>Não nos deixeis.</i>
...
São inimigos do rei, No governo muitos são, Porque lhes vem nas mãos <i>Cair.</i>	Os males nos veio ferir, Padece o reino e a c'roa, Acha-se uma Lisboa <i>Em tentação.</i>

A fé política liberal

Vêde Deus a expressão
De um povo que vos adora,
Soffra-se muito embora,
Mas livra-nos.

Oh Rei dos Reis valei-nos!
De ladrões avarentos
Para ficarmos isentos
Do mal.

(A. Thomaz Pires, *Cancioneiro Popular Político*, Elvas, 1906, pp. 40-44)

25

SIGNAL DA CRUZ D'UM CHAMORRO

Infames, vis anarquistas,
Não damnais a Portugal,
Já todos sois conhecidos
Pelo signal.

D'um mais ditoso futuro
Já a aurora reluz;
Ao Amparo recorremos
Da Santa Cruz.

... ..
Dos Sanches, dos Leoneis,
Dos embustes de judeus,
D'uma nova usurpação
Livre-nos Deus.

... ..
Os Portuguezes não querem
Do despotismo o rigor—
Nem Miguel será, nem Pedro *
Nosso Senhor.

... ..
Os empregos da Nação
Só os quereis para os vossos;
Desejais beber o sangue
Dos nossos.

... ..
Porém havendo união
Sendo os liberaes amigos,
Desprezar podem tão baixos
Inimigos.

... ..
Tenha o Governo energia,
Boas providencias tome;
Nós lh'o pedimos, da Patria
Em nome.

... ..
Tenha a traição, tenha o crime
O castigo que lhe quadre,
Não se oução mais blasphemias
*Do Padre.***

... ..
Do contrario os impios vencem;
Jogarão o mata, o *filho*;
Mandarà Loulé em nome
Do Filho.

... ..
Não venha nossa desgraça
A causar ao Mundo espanto;
Peçamos a Deus o auxilio
Do Espirito Santo;

... ..
Para se firmar o Throno,
E a liberdade tambem;
Para que prospera a Patria,
Amen.

(O Raio, n.º 52, 6 de Agosto de 1826)

* O filho do ex.^{mo} Marquez de Loulé, ao qual alguém da montanha trata desta maneira, e a quem faz saudes quando tem a honra de jantar com o reizito de copas.

** José Liberato, que nunca abriu a boca senão para proferir heresias e blasphemias em politica; não bastão as que nós lemos no *Civilisador*, em que elle e o Assiz da *Aguia* tanto se esmerão?

CREDO D'UM FARROUPILHA

Creio em Ambrosio Lamela, malvado jesuita, e promotor de tumultos: que elle ha de um dia ser ministro, e dar boas pechinchas aos pobres rotos.

Creio nos seus dous acolitos o Ze das mantas, e o larapio da imprensa;

O qual vive em muito boa harmonia com a creada Zabel, canal seguro por onde todo o fiel patife póde alcançar as graças do amo.

Creio que elle é o homem mais patriota, e o mais sabio, pois que deu conselho a um súcio para se desfazer do trambolho do velho que não tinha pressa de morrer para lhe deixar a herança.

Creio que as promessas do Lamela se hão de verificar a nosso respeito,

Sendo nós os herdeiros forçados desses malditos chamôrrros, cujos bens passarão para nós:

Que depois disso, se hade proclamar a republica, onde teremos o gosto de o ver trabalhando na sua e nossa felicidade,

E que depois desse grande dia virá a ordem de serem todos estes malhados enforcados n'uma forca bem alta para regosijo de todos os patriotas farroupilhas.

Creio que os redactores do *Nacional*, do *Portuguez*, e de todos os outros jornaes anarquistas são inspirados pelo espirito do Mal, que só folga com desgraças:

Na Igreja Republicana, onde não haverá templos, altares, nem ministros especiaes:

Na resurreição que havemos de gozar no Inferno, onde deporemos o diabo, e acclamaremos o Lamela — por ser muito mais digno d'aquelle trono:

Na grandeza, e brilhantismo em que então viveremos, podendo la fazer tudo quanto nos vier á cabeça, conforme neste mundo tivermos feito. Amen.

H.

(O Raio, n.º 53, 9 de Agosto de 1836)

SERVIÇO FUNEBRE

Passando pela capella de Bacho no dia 7 do corrente, e ouvindo uma vozeria desentoadada, acompanhada de lamentos, levado da curiosidade entrei, e vi que se fazia o serviço funebre d'alguem; cheguei-me a um dos expectadores, e perguntei-lhe o que era que se estava fazendo, ao que me respondeu que a irmandade da Anarchia celebrava umas exequias pela morte d'alguns dos mais *conspicuos* de seus membros: esperei para vêr o que isto dava de si, e poucos momentos depois entrou toda a malta, a que se seguia um homem, que se assimilhava ao Conde da Taipa, o qual vi que era o *Officiante*. Então uma musica burrival acompanhou as seguintes

A fé política liberal

Lamentações.

Lá do imperio dos mortos
Aonde folgando estás
Escuta, sob'rana Deusa,
Nossas preces pelos Sás.
Mui pouca vida
Elles gosarão,
Porém *limparão*
O que poderão.
Côro.

Nunca mais os vereis:
Orate pro eis.

Brava raça dos Camelos
Não tenhaes olhos enchutos,
Pois não saiu deputado
Gordo *barão dos charutos.*
Depois de gastar
Tanto dinheiro,
Ficou sendeiro
Como era d'antes.
Côro.

Deus o tenha no Ceo:
Orate pro eo.

... ..

Quem poderá consolar
O pae que vende *tabaco*,
Depois de ter empenhado
Até ao ultimo *caco*?
Vamos depressa
Vêr a *giboia*,
Nova tramoia
Vamos armar.
Côro

Deus o tenha no Ceo:
Orate pro eo.

Calou-se a musica; e um sacripante que me estava *fronteiro*
atrapalhou a seguinte

Lição 1.ª

Perdoa-lhes, porque elles não tinham mais que fazer: o que havia
para roubar, tudo estava debaixo de cuberta. — O contracto não dava
logar a que estes fizessem mais despezas: tambem eu sou culpado,
porque lhes chupei o que pude, mas eu *filo* porque os meus bens
estão reduzidos a nada com o acabamento dos dizimos, e tenho minha
casa empenhada por causa das bambuchatas.

Delim, dim; delim, dim; delim...
Quem me dera mais para mim!

O nosso João Bernardo
Ahi anda aos trambulhões;
Já não temos quem se off'reça
P'ra fazer accusações!
Que triste vida
Tem Martim Alho!
Só com trabalho
Póde comer.

Côro
Deus o leve pr'o Ceo:
Orate pro eo.

O Vieira jesuita,
Sempre rouco, atrapalhado
Só com facas, e com tiros
Se nomeou deputado:
Pouca ventura
Tem o fradinho!
Ah coitadinho!
Elle arrebenta.

Côro
Deus o leve pr'o Ceo:
Orate pro eo.

... ..

Os dous *valentes* Pizarros,
Um alvar, outro assassino,
Não mostrarão aos camelos
Seu rizo traidor ferino.
Elles viverão

Poucos momentos;
Como jumentos
São no monturo.

Côro
Nunca mais os vereis:
Orate pro eis.

Um leigo chamado *Nuno*, esfregando-se muito, zurrou esta

Lição 2.ª

Os seus dias passarão como a area do deserto agitada pela marcha dos camelos, e delles não ficou vestigio, senão na execração dos povos á custa de quem querião engradecer-se. Eu bem lhes dizia que não se mettessem em camiza d'onze varas, porém olhos fitos em ti, julgavão que era melhor roubar por uma vez, do que ir sugando pouco a pouco como eu fazia: eil-os ahí estão como cadaveres de cães de quem ninguem faz caso se não para tapar o nariz por causa do fetido!

Delim, dim; delim, dim; delim...
Quem me dera mais para mim!

Do financeiro Judeu
A *sciencia* nós perdemos:
Uma falta tão crescida
Todos nós chorar devemos.
Que essa eleição
Lá de Vizeu
Não lhe valeu;
Oh que mofina!
Côro
Deus o tenha no Ceo.
Orate pro eo.

A seus e nossos *parentes*
Deu empregos, e deu ouro;
Que será de nossos filhos
Se não embeixa o Thesouro?
Adeus contracto!
Adeus urzella!
Olhar p'ra ella
Só poderemos.
Côro
Deus o tenha no Ceo:
Orate pro eo.

... ..
Como fez seu avô Judas
Foi inforçar-se o coitado;
Deixando o que mais estima
Neste mundo abandonado!
Pobre Franceza,
Que vás de novo
Ligar c'o povo
Velho commercio.
Côro
Deus o tenha no Ceo:
Orate pro eo.

Seguiu-se um chorista fanhoso, que soube depois chamar-se *Sommeira*, o qual engrolou como pôde a seguinte

Lição 3.ª

Todas as esperanças d'indemnizações se esvaecerão, e bifarão; e queria este asno de meu contraparente fazer-me acreditar que o *salitre* me bastava! bem lhe dizia eu que tudo passa, e o dinheiro fica — que vale mais um passaro na mão que dous a voar — mas teimoso como um burro pannelheiro dizia que em quanto o meu *diario* apparecesse não havia que temer. Os diabos o levem, e não levão boa

A fé política liberal

joia; que o inferno seja seu descanso, que satanaz seja seu pae, e os demoninhos seus irmãos.

Delim, dim; delim, dim; delim...
Quem me dera mais para mim!

O farfalhudo Caldeira
Verdadeiro bonifrate,
Já não pôde mais dizer
Se quer um só disparate!
Que nos importa
Que tome a mona,
Se o grande Pona
Não vai falar?

Coro
Deus o tenha no Ceo:
Orate pro eo.

O Luiz, moço das mulas
Q'em *gestos* era tão forte,
Tambem não pôde eximir-se
De pagar tributo á morte.
Bellas loucinhas
Que sabio empalma,
Lições de Talma
Não lhe valerão.

Coro
Deus o tenha no Ceo:
Orate pro eo.

... ..
O pobre Zevitorino
Ha pouco morreu de fome,
Quando a ração lhe tirarão;
Pois que só moscas não come.
Já não dá coice,
Não tem alento,
Está prostado,
Sem *movimento*.

Coro
Deus o tenha no Ceo:
Orate pro eo.

En seguida o celebrante entoou, gaguejando, o seguinte
Oremus.

Grande Anarchia, a quem estes teus servos tanto respeitáram em vida, querendo que o teu imperio se extendesse por todo o mundo; permite que depois de sua morte nunca lhes falem pragas e maldições. Amen.

Tendo-se prostado um breve espaço levantou-se o celebrante, e disse

Celeb. Para sempre nos valla.
Esta ruim canalha,
Coro. Amen.

Então um ex-frade já velho, e que, segundo disserão os circumstantes, foi *campeão* de todas as suas poucas vergonhas, subiu a cima d'uma capoeira, e recitou um discurso em honra dos mortos, findo o qual continuou o celebrante

Celeb. Apesar de feras serem,
E como burros morrerem,
Nunca lhes córou a face;
Requiescant in pace.
Coro. Amen.

Assim terminou a função, e eu vim-me safando; porque como estavam todos bebados andavão quebrando as cabeças uns aos outros.
H.

(O Raio, n.º 54, 11 de Agosto de 1836)

NECROLOGIA

No dia 10 de Setembro de 1836 foi Deus servido levar da vida presente a muito Alta, e muito Excelente Senhora *Dona Carta Constitucional*, filha segunda do muito Alto, e muito Poderoso Senhor *Dom Pedro, Duque de Bragança já defuncto*. Tinha nascido em 29 de Abril de 1826, baptisado em Lisboa em 31 de Julho do mesmo anno, tendo por isso dez annos completos, e cinco mezes. Esta Senhora tinha passado a sua infancia pela França, Inglaterra e Belgica, onde ganhou huma molestia, a que os facultativos derão o nome de *Febre opposicionista*, da qual nunca pôde restabelecer-se, além de ter sido primeiramente assaltada de *maleitas miguelistas*, por cujo motivo tinha hido tomar ares estrangeiros. Voltando ao seu paiz em 1832 residio na Cidade do Porto, onde se restabeleceu algum tanto, tomando pilulas de chumbo e ferro, cataplasmas de sangue, e choques electricos na Foz, no Covêllo, nas Antas, e em outros sitios: com isto, e com huma dieta rigorosa de arroz, e açucar pôde dar alguns passeios até o Algarve, e de lá a Lisboa, cujos ares lhe fizeram muito mal. Sobrevierão-lhe as bexigas; a estas a exaltação da tal febre opposicionista, depois fastio mortal, e quando andava passeando pelo braço da Legitimidade, foi assaltada da Colera morbus, e n'hum momento deu a alma ao Creador. A Colera a atacou pela cabeça: perdeu logo os sentidos: os Medicos quizerão sangra-la, mas foram tantas as lancetas que a pobrezinha não resistio á debilidade. No dia = 11 = se procedeu á Autopsia do cadaver, e se lhe encontrárão signaes de morte violenta, o que se attribue a hum cansasso que soffrêra, correndo a passos accelerados em certa noite que hia para o Lumiar, e passando pelo portão da Quinta do Bandeira, julgára que o feio leão de marmore, que tem ás grades, era alguma embuscada que a esperava! Era robusta, os olhos vivos, azues e brancos, musculos e membros grossos, e dava grandes esperanças de fecundidade. Morreu ab intestato, e por isso hum bando de famintos criados, que tinha, se lançárão ao despôjo, e lhe roubárão muitos diamantes de valor: o grande anel do Veto, os dous brincos, chamados as duas Camaras, tudo cahio nas mãos dos Devoristas: aos seus herdeiros apenas fica hum titulo de dívida pública para se indemnisarem das luminarias, e foguetes, que tinham gastado com ella. Os seus Crédores, que são 50 \$ vidas, ficão sem ter por onde se paguem, pois deixou em dividas perto de 100 milhões. Sobre o seu entêrro tem havido questões: os seus parentes do Porto querião que ella viesse a enterrar á Lapa, ao lado do Coração do seu Páe; mas os parentes de Lisboa, que se envergonhãõ de semelhante parentesco, levantárão que ella não [era] legitima, mas filha de cóito damnado, e de mais a mais que não fôra baptisada, e a não quizerão enterrar em sagrado! A desgraçada, que tamanha figura fez neste mundo, foi embrulhada em hum sacco, que por caridade lhe deu hum gallego, e levada em huma maca ao Cemiterio dos Inglezes, d'onde resuscitará no dia de Juizo. Tal ha sido o fim desgraçado de huma Senhora, que tanto nos custou, que foi namorada de Portuguezes, Inglezes, Francezes, Hespanhoes, Belgas, Americanos, e Suecos, que promettia tantas venturas, e tantos bens! Altos juizos de Deus!!

— // —

Sucessivo ao dia da sua morte appareceu e ainda se conserva pelas esquinas o seguinte

ANNUNCIO

A Irmandade de Nossa Senhora da Esperança convida a todo o Sacerdote que queira dizer missa por alma da defuncta, a comparecer na respectiva Igreja, a fim de que Deus nosso Senhor livre a defuncta quanto antes das penas do Purgatorio, e a chame á sua presença. O mesmo annúncio faz a Irmandade do Senhor dos Afflicios.

(O Artilheiro, n.º 216, 3 de Outubro de 1836)

29

A PROCISSÃO DOS PASSOS Á MODERNA

Na Quaresma estamos, e é bem que se comece com as couzas do tempo: — mas emquanto arranjo o Espelho explicarei a VV. SS.^{as} (menos de S.^a não compete ao *Povo Soberano*: — Ex.^{as} não; que cheira ao *anachronismo da nobreza*, como lá diz o Sr. *Leonel*); — explicarei pois a VV. SS.^{as}, que suppondo que o nosso muito alto, muito poderoso, muito sabio; e muito dezabuzado *Triunvirato*, tendo conhecido que o *Povo Portuguez está assás civilizado para pressindir da Religião*, assentásse na sua alta Sabedoria acabar com a *Suprestição do Sr. dos Passos da Graça* não consentindo que elle saisse mais em procissão; — mas para enterter a attenção do Povo, acostumado a taes divertimentos, e í-lo afazendo aos extremos oppostos tivesse imaginado pôr na rua em lugar dessa — a *Procissão dos Passos da Desgraça* — em estillo profano e dramatico, e com symbolos e vestuarios accommodados ao tempo e occasião, assim a modo de triumpho Romano, guia do pella invenção do Sr. Garret, que tem um gosto muito particular tanto nas attitudes heroicas, como na *bôa escolha das Sêdas*. Nesta supposição, digo, uma Prespectiva que descreva a tal *Procissão* terá o duplicado fim de fazer esquecer ao povo a *velha Religião*, e inspirar-lhes o maior respeito pelos *Varoes* condignos, que ali se vêm reunidos, a quem elle deve o estado de *prosperidade* que hoje está gozando, e a inappreciavel descoberta de que — «um Povo em se proclamando *Soberano* pode passar *sem dinheiro*, porque *tem quanto ha mister*.»

Vamos, meus Senhores! — Queiram chegar-se aqui para defronte do Espelho!... Então, que tal?... Não é uma vista soberba?... Ora eu passo a explicar as figuritas.

O que vai adiante, servindo de arauto, vestido de armas com capa á Romana, tocando a Trombeta, e cercado de garotos, é o Sr. *Freineda*, pregoeiro do dia 9.

Aquelle que leva a *Bandeira* n'um braço só, como não tem mascara, já os Srs. vêem quem é: — arrêa-se com a farda de Visconde, a murça d'arminho e na cabeça o *bonet rouge*, para mostrar, que é nobre por si, plebêo por seus avós, de que todavia quer honrar os ossos e a tripeça, apoiando os *plebeicitos*, mas sem descer de suas altas pertenções.

Os dous que vão ao lado d'elle pegando aos guiões do *Senatus Populus Que Ridiculus* são o General *Palmeirim*, o qual leva pendente uma enorme medalha da *Real Efigie* circulada da legenda ALGARVE em letras vermelhas, que se diz serem escritas com o sangue de *Cha-teauneuf* — e o Coronel *Lucotte* com manto de Commandador e sobre a farda o Crachá circundado da lenda OBIDOS em letras de Ouro.

Agora lá vão os tropheos. Aquelle primeiro que marcha vestido de furtadores, todo ajoujado sob o pezo de um grande Cofre vazio,

que tem por fora o letreiro = THESOIRO = é o Sr. *Zé das Bouças*, que aguenta, como diz o Mano, com toda aquela carga... Olhem que já é ser alarve!... Ainda o que lhe vale é o bom do Cunhado que vai ao pé, o qual de quando em quando lhe deita a mão a indereitar a carga, ou lhe compoem o chourico.

Lá se segue atraz delles o Sr. *Intendente da Policia* vestido com a fardas das *Milicias ressuscitadas* e na cabeça uma Coroa de louros salpicados de Vinho: — vai arrastrando com a mão esquerda uma bandeira azul e branca onde se lê = RAINHA E CARTA = e leva na direita um *Sceptro quebrado dentro n'um prato de estanho*.

Agora aquelle que vai agachado mesmo apezar da mascara de que usa sempre, bem se vê ser o que chamam *Barão de Cócoras*, e dizem que está para ser *Visconde do Maranhão*. Tambem vai vestido de *furtas cores*, que anda muito em moda naquelle rancho e com o barrete republicano. Aquella fitinha que leva ao peito junto á *medalha* da poeira é a insignia dos *Vingadores d'Alibeau*. Na mão esquerda tem o rôlo dos pergaminhos da sua *antiga linhagem*, e o *Contracto Social de Rousseau*, e na direita a Enxada, com que se preza de ter aberto a sepultura a D. PEDRO. A' cinta leva o punhal da porta de S. Carlos, á espera de uma boa occasião.

O outro emascarado, que se segue, tambem com *bonet rouge* logo se vê pela *burjaca*, sobre a qual leva posto o avental da *Joven Lizia*, ser o nosso Plenipotenciario junto á Corte de Cadiz, ou *Explorador de Gomes* o muito popular Dezembargado *Dom Leonel Tavares*. Lá se lhe vê na mão direita um jugo de prata, umas algemas de ouro, e a bandeira *Hespanhola* com as Estrellas da *Federação Iberica*; — e na esquerda so-peza a *Chronica de Sandoval*, em que vai lendo a *rebelião dos Comuneros*.

Aquella figurinha insignificante, que leva arvorada na ponta d'um chuço a farda d'*Agostinho José Freire*, apezar da sua *gaucherie*, não é por ahi qualquer quidam — é o *Bruto* Commandante do Batalhão 15.º; o heroe de *Alcantara*; o terror dos *Chamorros*; o grande *Mantas*, hoje *guarda mor dos Contrabandos*.

Agora começam as Danças (os Srs. bem vêem que tudo isto não é á moda antiga) — A primeira é a das Regateiras da *Ribeira nova* e Donzellas da *Rua dos Mastroz* com os Marinheiros, Algarvios, Carpinteiros, e Calafates da Ribeira das Nãos. A dança é regida pelo "Inspector eleito, Deputado á *falta delles*, o Commendador *Fança*. As Ninphas vão vestidas de *Bachantes* (invenção do Sr. *Garret*), e os machacazes disfarçados em *Satyras*; — e todos vão cantando a *Constituição* no estilo do — *Oh minha alma!*... O grupo é lindo, e as exclamações que devem ir soltando accomodadas á qualidade das personagens.

A outra dança que vai logo atraz regida pelo Sr. *Soneira* é das *Colarejas da Praça da Figueira* com os Trabalhadores e agentes subalternos das Fabricas do Tabaco, uns e outros vestidos á Turca com fitas encarnadas e medalhas da *Real Effige* — vão cantando um Hymno em louvor do Ministerio (composição do Sr. *Claudio*) no estilo do = *Rei chegou*. =

Lá vai outra. Aquella é a mais açada de todas: — é composta de todos os Histrões e Histrionas dos Theatros que hão de vir; e prezidida pelo seu Chefe, o Sr. *Garret*. Vão elles vestidos de *Sybaritas*, e ellas á *Pastora* (gosto do Sr. *Garret*) fazendo muitas voltas e meneyos, que alegam á Vista; — e entoando em vozes mui bem concertadas um Poema Epico pequenino, no qual se descrevem as façanhas de 9 e 10 de Setembro, e 4 e 5 de Novembro em versos pomposos e retumbantes, com Episodios muito bem trazidos, taes como — a descrição

A fé política liberal

da machina infernal de *Fieschi* e o elogio de *Alibeaud* e *Meunier*, incitando a mocidade a imitar tão nobres exemplos sem fazer caso da força, e promettendo um eterno renome nos fastos da Historia ao *Miguelista* que assassinou *Agostinho Jose Freire* e ao Alfreres *Mercier*", que com tanto denodo soube acometer um Principe: — no ultimo Canto representa-se o *Pantheon* abrindo as suas portas a todos estes heroes, e *Melpomene* e *Thalia* recolhendo á porfia os seus nomes para os eternizar sobre a scena Luza... Muito sinto, meus Senhores, que o papel não possa representar aos ouvidos estes deliciosos Corêtos; — pois é mesmo *um Ceo aberto*... e bem se pode dizer que é

Suave a letra, angelic'a soada.

As danças acabaram-se; e agora lá vem no meio de toda aquella multidão o Sr. *dos Passos de Bouças*. Vem mesmo ao vivo; enquanto o não matarem; — e não vem em andor, mas sim n'um Carro triumphal feito da Carreta de uma Bomba; porque elle, gosta de imitar antes a Roma antiga que a moderna. Vai em pé trajando a purpura de *Dictador Romano*; na cabeça um capacete de *papelão* forrado de *Decretos* impressos envernizados de *talco*, adornado de plumas de Pavão, tendo por cima um Falcão com este distico nas garras...

Já das unhas a rapida fereza
A rapina segura, e n'um momento
Bebe-lhe o sangue, a carne lhe devora,
Espalhando furiozo ao leve vento.
As penas arrancou garra traidora.

Leva a vizeira cahida por não ver o Sr. *Juão Poér*, e o Sr. *Barreto Feio*, que estão acolá de longe fazendo-lhe f'igas. Na mão direita sopeza em vez de lança *uma aguilhada*, com uma bandeirinha em que se lê = SUSPENSÃO DAS GARANTIAS = e com ella vai acenando a todos quantos lhe fazem carêtas. Passado no braço esquerdo lançado ao desdém vai o Escudo Romano, no qual algum devoto sincero lhe escrevêo estes versos de bom auctor...

Nunca uma alma infiel, peito aleivozo,
Em estado seguro permanece;
Porque já mais amado, antes odioso
A seus mesmos amigos abborrece:
He sempre ao mundo todo suspeito,
Nem no que affirma credito merece.

Na mesma mão esquerda estão os Snr.^s vendo aquella grossa Pasta abarrotada de papeis com o rótulo = *Encyclopedia Legislativa para entreter basbaques*. = Ora reparem com que mansidão vai deitado no Carro aos pés do *Santo* aquelle medonho *Tigre*, que chamam *o Tigre dos Pares*, ou *o Tigre da Taipa!*... Aquelle é o maior milagre que tem feito o *Senhor de Bouças*; — pois convem saber, que aquelle *Tigre* soltando-se em 1823 na Tapada de *Villa-Franca* executou estragos horrorozos nos devotos da *Santa Constituição*, e até entrando na Igreja della poz por terra todos os altares, e fez pedaços as banquetas e Castiças, e se o Sr. *de Bouças* lhe escapou nesse tempo é porque então ninguem fazia cazo delle. Mas hoje o mesmo *Senhor* por um milagre da *sua omnipotencia* não só o fez ir beijar reverente os degraus do Altar da mesma *Santa*, mas até ali o leva no Carro manso como um borrego, lambendo-lhe as plantas, e em o assulando contra

algun de seus adversarios logo o *Tigre* ronca, e amostra as prezas... Louvemos a Deos por tudo!

Agora vejamos os Senhores a muita gente que vai puchando ás Cordas do Carro (que são as mesmas com que os Galegos tiram a bomba em occaziões de fogo.) Os dous da frente são o Sr. Commendador *Rio Tinto*, e o Sr. *Mendanha*, ambos arreados da Libré da Caza, e com corças de pennas de perúm; — o primeiro leva ao pescoço a fita da Commenda e vai olhando para traz em ar de *retrospecto* — o outro, como ainda não tem Commenda leva ao pescoço *uma meada de linhas*, e vai cantando a *Adozinda*. Apoz estes segue-se a chusma dos 44 (menos alguns que vão adiante) todos vestidos de *Eunucos* os quaes vão entoando em voz baixa...

Juramos, e prejuramos;
Fazemos, e desfazemos;
Nenhuma Lei acceitamos;
Nenhum Cavaco daremos.

A letra canta-se ao som da Musica do *Conservatorio* que lá lhes vai ao lado.

Logo atraz do carro segue-se o *Corpo Ecclesiastico moderno* que já tem *Dizimos* com seus Capelães e Cantores, e á frente delles o *Padre Antonio Vieira* que vai rezando em canto chão alguns Capitulos da *Arte de Furtar* em honra do seu illustre *homonimo*.

Ahi vai agora o Cortejo literario de todos as *v* Academias e Liceos de nova invenção; — a *Universidade* antiga, a *Polytechnica* moderna, o *Athenéo*, os *Jardins Botanicos*, as *cem Bibliothecas*, tudo ali vai representando por algumas personagens, e até o *Pantheon* representado no figura do Sr. *José Liberato*.

Aquelle immenso tropel de gente que se segue é o Cortejo das *Commissões*, que tem sido creadas por este Ministerio, e que comprehende uma terça parte dos habitantes machos de Lisboa de 12 annos para cima. Todos elles vão pensativos a *cuidar* (queira Deus que não morram!) como hão de volver Portugal aos tempos felizes do *Pae Adão*; e á frente de todos se destingue o Sr. *Franzini* relendo com complacencia o seu Plano Estatistico, o Congresso parece apoiar, de fazer pagar um cruzado por cabeça a todo o folego vivo Portuguez &c. &c. assim a modo de emprestimo.

Logo depois segue-se o grupo dos *Contrabandistas* vestidos de gala dando vivas á nova *Pauta das Alfandegas* e a poz elles os *Rebatedores* e *Maltezes* celebrando a lembrança do novo *Papel-Moeda*. Uns e outros vão dando apupadas aos Negociantes e Capitalistas (que acolá estão de lado cabisbaixos vendo a função) dizendo-lhes *chufas*, e chamando lhes *Chamorros*.

No couce da Procissão lá vai a mula dos *foguetes* — e com ella servindo de azemel o Sr. *Pinto Basto* vestido n'umas roupas *cor de Tabaco*. Vai carrancudo e merencorio (e com o nariz muito vermelho por cauza dos esgares, que o Sr. *Pimenta* lhes está fazendo lá do pé do carro, a que vai aliviando as rodas); e de tempos em tempos leva as mãos ás barbas, assim como quem diz = "Por estas que hão de pagar-mo!" =

Atraz da procissão vão marchando a toque de caixa os *marcas* da Guarda Nacional, pedindo a Deos um *dia bom* para metter em caza; — e finalmente segue a Guarda Municipal, commandada pelo Sr. *Cezar de Vasconcellos*, o qual vai encolhendo os hombros a tudo quanto vê, e dizendo com os seus botões = "Com que sucia eu estou mettido!... *Ou são doudos ou velhacos; ... e talvez que sejam tudo!*"

O resto da Perspectiva não têm que explicar — Representa os differentes grupos da populaça embasbacada neste spectaculo maravilhoso, e fallando nos objectivos do dia, — uns praticando com mêdo ácerca do *Remechido*, que ameaça invadir o Reino com *sessenta homens*, a que não falta quem aconselhe — que mande lá o Sr. *Leonel* explorar as forças delle como foi a *Cadiz* explorar as do *Gomez*, — outros tratando do *Emprestimo dos dois mil contos que se hade realizar em parcelas de trezento e sessenta réis* por individuo de porta em porta pelas cazas particulares, dando-se a cada Chefe de familia um Bond de tantos — *dezoito vintens e meio* quantas forem as pessoas, que tiver de familia: — outros dizendo, que ninguem já hoje é capaz de pôr a direito as nossas finanças a não ser a *notabilidade financeira* do Sr. *Barão de Canavezes*, ao que acode do lado um Ginja com fumos de poeta gritando:

Macario é notabilidade
Litteraria e financeira!!...
Resoltou-lhe da *Poeira*
Tamanha celebridade?!

E todos os *circumstantes* applaudem com uma gargalhada; — outros já vão cuidando em se ir estabelecer para *Oliveça*, quando ella for nossa pelas diligencias e protestos do Sr. *Midossi*. Em fim cada um vai discorrendo no que mais o interessa; — e eu, meus Senhores, não gosto de me metter com as vidas alheias em quanto trato de ganhar a minha.

Agora, meus illustres freguezes, resta-me sómente dar a Vossas Senhorias a satisfação de que tudo quanto se vê neste Quadro é uma ficção de pura imaginação do Pintor que o fez. Pode muito bem ser que nada disto passasse ainda pela cabeça dos nossos mandadores (e graças a Deos, ainda por este anno tivemos *Procição dos Passos á antiga*); — mas o que não é por agora pode ainda vir a ser de futuro; — e como neste tempo todos fazem Projectos, o meu amigo Pintor não quiz ficar atraz; — e se lhe havia de dar para pintar um destacamento do *novo batalhão naval* passando «Revista em ordem de marcha» na tolda de uma Escuna de guerra, ou alguma outra babozeira semelhante, deu-lhe para imaginar e pintar a *Procição dos Passos á moderna*.

(*Camara Optica com vistas modernas*, n.º 1,
1.ª perspectiva, Lisboa, Typografia Trans-
montana, 1837).

30

O PANTHEON

Eu já disse que a imaginação do meu pintor abrange com facilidade o passado, o presente, e o futuro: e até não poucas vezes arrojando-se no *espaço imaginario*, vastissimo dominio do sr. *Passos Manoel*, corre par a par com elle pelos *intermundios de Epicuro*, e o seu pincel se compraz em debuxar sobre um papel mais grosso os *entes de fantasia*, que aquelle sr. estampa com caracteres em um papel mais delgado. Parece que entre muitas outras criações da *Phantasmagoria* Passista, lhe dêo no gôto — o *Pantheon* —: e razão teve para isso, porque é ella a que mais retumba no timpano, e avulta á imaginação.

Metteu pois o pintor mãos á obra, e saltando de um pulo ao occaso da geração actual, pintou o *Pantheon* tal qual elle deve mostrar-se então, magestoso em monumentos e estatuas, e rico em Epitafios simplicios mas explicativos, que elle tambem poz *de sua casa*, valendo-se do *pictoribus alque poetis*. Cheguem se os srs. todos um pouco para traz porque esta soberba vista faz muito mais effeito de longe, do que ao perto. Então?! — Não é de encher o olho? — Ora vamos a ella por partes. Lá está no centro um fantasma Mausolèo construido de *tijolo* da fabrica do defunto, adornado de simbolos maçonicos em relevos feitos de *barro e cal*, sobre o qual se eleva uma Estatua de estatura mediana, feita de *louça de alguidares*, primor d'arte de um artista de *Bouças*: representa um mancebo com roupas roçagantes, e na cabeça uma côroa civica de *carqueja* (porque o *Carvalho* já não é moda); aos pés uma enorme *pasta* bem cheia de papeis com o rotulo = *Hotel de Ville* = em letras relevadas no barro; na mão direita um a modo de *Sceptro* tosco com sua choupa no cabo á feição de *aguilhada*; e na esquerda o escudo, no qual se deviza em campo de *goêlas* um *Sendeiro* pintado com um feixe de *palha* às costas, e de roda a tenção = *Ma quest'asino son'yo* =; por baixo dos pés na peanha tem a seguinte letra de *Casti* (talvez preferida por ser no idioma dos *Romanos modernos*)...

Governo instituí che in apparenza
 Inver poteasi dir republicano,
 In tal guisa però, che nell'essenza
 Il supremo poter fosse in sua mano.

Na face dianteira do tumulo está escrito com letras que parecem de carvão um bem longo Epitaphio biographico. Vamos a elle. — Diz assim

Sendeiro Bouçainho
 Sahi do patrio ninho
 Para ir apprender Leis:
 Tomei quezilia nos Reis,
 E a quanto delles vinha,
 Por não ser obra minha:
 Jámais a Patria amada
 Defendi com a espada;
 Mas seus Libertadores
 Sentiram meus furores;
 Quando liberta a vi
 Na cara lhes cuspi:
Chamorros lhes chamei;
 Contra elles arenguei;
 Fingi-me independente
 Para me ver *Regente*:
 Chegou tão fausto dia;
 Cahio a Monarchia;
 O throno derrubei;
 Nas ruinas me assentei:

Essa outr'ora RAINHA
 Ficou pupilla minha;
 Tirei-lhe os Conselheiros;
 Offertei a Estrangeiros
 O throno a ella herdado;
 Nenhum digno Prelado
 Deixei junto aos Altares;
Apunhalei os Pares;
 Dissolvi o Thesouro;
 Em vez de prata e ouro
 Dei a toda a Nação
 CAPITALISAÇÃO:
 Foram meus bellos fructos
 PAUTAS — FOME — TRIBUTOS.
 Em pomposas promessas
 A todos pedi messas:
 Atardoei os povos
 Com mil decretos novos:
 Mas alfim accordaram,
 E aqui me pespegaram

Logo ao pé, do lado esquerdo está um tumulosinho de ferro da fórma de uma *burra*, ou *Cofre forte*, e sobre elle uma Estatua quasi quadrada, feita de chumbo cobreado por um eximio artista de *patacos falços*, vestida como a antecedente, com uma côroa de *Valisiana*, na mão direita uma penna de *pato*, e na esquerda o Escudo no qual se

A fé política liberal

vê em campo verde *um porco* escavando a terra, com a atenção em de redor = *Por mais que foce não acho* =, e na face do moimento tem este Epitafio bem simples...

Quem quizer saber quem sou
Pergunte ao *Mano Manoel*;
Pois elle me doutorou
Financeiro de Papel:

Porém se co'as taes finanças
Me viram tão ajoujado
E' porque (deixemos chanças)
Eu era *um tolo chapado*.

Estes dois tumulos estão ambos encerrados dentro de uma gradaria de vime, assim a modo de sebe, na qual se lê escrito em grandes letras = *Quando fratres sunt boni, sunt BONIFRATES* = Se-gue-se ali mais para a direita um mausoléu bem lindo: é todo fabricado de conchinhas, busios, *Vieiras*, algas, caramujos, e outras producções da *marinha*, em meio das quaes resplendece a *concha de Venus*. Sobre elle se eleva a estatua de um *Pontifice* feita de *folhas de cobre velho* pelo fundidor do Arsenal. Tem na cabeça em vez de Mitra *umas balanças sem fiel, umas dellas pesando ouro*. O Epitafio está escrito em Latim um pouco macarrónico, como se vêem alguns Epitafios antigos, o que dá a vantagem de melhor se entender. Ei-lo ahi

Hèc jacet profanus
Sacerdos publicanus,
Subditos rebellatus,
Clericus maritatus,
In omni rê perversus,
Religioni aversus.

Justitiae violator,
Nauticorum Governator,
Sed in utroque idiota,
Irrisus, odiatus:
Sit in genere remota
Nomen ejus execratus!

O tumulo que lhe está proximo pela sua magnificencia se vê encerra sугейto pecunioso. E' um rico monumento de basalto, mas a sua riqueza contrasta com a insignificancia da Estatua que tem em sima, a qual parece ser feita de *papelão*. Representa um homem que não se pode bem saber se é moço ou velho, com uma farda d'Estado-maior muito coberta de poeira: na cabeça uma corôa de *Hortensias* (ou *Metamorphoses*); e nas duas mãos sopesando uma *maromba*, pintada uma ponta de *azul e encarnado*, e outra de *azul e branco*. Tem aos pés um Escudo d'armas com um *thirso* em facha, e por timbre a *mão sanguinolenta de Baronet* (ou *Barãozinho*) da *Estranja*. O Epitafio em letras vermelhas diz assim

Eu, fui, sou e serei
Em toda a eternidade
Adverso a qualquer Ley,
Que firme a Liberdade
Co'os feros me hão herdado
Os ascendentes meus =
= «Que a todo o nobre é dado
«Esmagar os plebêos =»
Vio-me um calmoso Junho
Na fresca mocidade
Correr co'a espada em punho
Contra a *vil Liberdade*.
Villa Franca o dizia,
Dizia-o *d. miguel*
Ao qual na ardua porfia
Não fui nunca infiel.

Troquei sem muita pena
As margens do *Boroza*
Pela do ricco *Sena*
Vivenda tão formosa
De lá me ri dos *loucos*
Que o meu *Rei* combatiam,
Suppuz, porque eram poucos
Que victimas seriam.
Folguei; mas o folgado
Bem pouco me durou:
Foi tal o desenredo
Qual nunca se esperou.
Volvo á patria de novo;...
Mas que vim eu achar!!
Tudo a favor do povo!
E os *foros* a voar!

Lançar tudo por terra;
Trazer o absolutismo,
Fazendo á CARTA guerra,
Banindo o Patriotismo...
Foi este o arteiro plano
Que concebi então:
Fiz-me *republicano*,
E fui logo *Barão*.
De punhaes rodeado
Fiz, desfiz eleições;
Julgaram-me a seu lado
Patriotas toleirões.

Essa *mijada* gente
Oh! quanto se enganava
Meu fito era somente
Volvê-la a *ser escrava*.
Baldei minha fadiga...
O meu plano abortou.
Mas nunca o mundo diga
«Que um nobre apostatou =»
Fingime democrata
Fingime *Setembrista*;
Mas era *aristocrata*,
E audaz *Villafranquista*.

Seguem-se ao pé dous jazigos, tão cobertos de *poeira*, como o precedente. O primeiro é fabricado de *taipa* com fino estuque á feição de uma grande *Caixa-militar*, e está sustentado sobre uma formosa *parelha de cavalos* de barro preto ajaesados de Chaireis *azuis-e-encarnados*. Ergue-se sobre elle a Figura de um militar fazendo uma *Catana* núa, no braço esquerdo um *Escudo d'armas com seus cintos* e por novo timbre uma *cabeça de Tigre* com a tenção = TÃO FERÓZ E TÃO ARTEIRO = Está calcando aos pés um laço semelhante ao que tem ao peito. O Epitafio consta de duas partes. Na primeira tem este Quartêto

Fui o chamado *Tigre Tartamudo*
Que os excessos toquei em poucos annos:
Quem quizer decifrar os *meus enganos*
Lêa estes versos, que lh'explicam tudo.

E logo abaixo tem a seguinte oitava bem escolhida de *author de boa nota*.

A' maneira do Tigre, que astucioso
Encontrando no bosque ao feroz Pardo
Abaixo logo o cólo, e caviloso
Mostra ceder movendo o passo tardo:
Mas n'um momento rapido, e furiozo
Salta sobre elle, faz da força alardo;
E afferrando-lhes as garras tanto o aperta
Que em mil feridas lhe dá morte certa.

O outro tumulo *empoeirado* que lhe está ao lado não se pode saber de que materia é construido, porque está todo embrulhado n'uma capa de *linhagem* muita rôta, mesmo talvez por ser *antiga*. Sobre elle se vê uma *Estatua militar* deburçada sobre o cabo de uma *enxada*, que têm na mão sinistra, mostrando na dextra uma *espada ferrugenta*, e um *punhal nos dentes*. Tem na cabeça uma corôa de *cravos de defunto*, e aos pés o *Escudo d'armas* tambem ornado da *mão sangrenta de Baronet*. O Epitafio não se pode lêr por causa da cobertura do jasigo: apenas pelos buracos da *linhagem rôta* se podem perceber algumas palavras soltas, como são — Maranhão = *Despoitismo* = *Beresford* = *Villa-franca* = *Paris* = *Cova* = D. Pedro = *Inimigo* = *Fidalgo* = *Sans-culotte* = *Barão* = *Chicote* = *Sant'Anna* = *São Carlos* = *Punhalada* = *Remechido* = *Suspensão* = *Poeira* = *Olhos* = *Povo* = *Logração* = e varias outras d'espaco a espaco.

Cá do outro lado dos dous tumulos *dos bonifrates* se vê um muimento fabricado de *pedra vulcanica* em fórma de um pico, com

muitos *Simbolos* cercados de *Estrellas* e em cima uma figura d'estanho de horrenda catadura com uma longa tunica parda, na cabeça uma corôa de *Cicuta*, na dextra um *Caducêo* com *duas serpes enleyadas*, na sinistra um pomo a modo de uma *Laranja* (ou talvez o pomo da discordia), e nos pés os *Talares de Mercúrio*: debaixo delles na peanha tem esta letra

Já subindo a *montanha*, já descendo
Padece sem cessar supplicio horrendo.

O Epitafio, que está no frontespicio do tumulo diz em *letras gordas* o seguinte...

Eu fui desde que nasci...	Quiz vender a <i>Patria terra</i> ...
Olhem!... a <i>Zabel</i> que o diga!...	Chéol... Que baldou-se a trapaça...
Mas não... paremos ahí!...	Quiz affrontar a Inglaterra...
Deixemos a rapariga!...	Ora, aquillo era chalaça...
Fui um traidor... Alto lá!...	Fui <i>blasphemo</i> ... Pois embora?...
Não ouçam os da <i>Saudade</i> ...	Que temos nós cá com <i>Deos</i> ?!...
Fui um <i>perjuro</i> ... Isso vá!...	Fui <i>versatil</i> ... Se o não fora,
Que não era novidade.	Frustravam-se os Planos meus...
Fui <i>venal</i> ... Que ninharia!...	Fui <i>malvado</i> ... Assim nasci...
Fui <i>anarchista</i> ... Inda bem!...	Fui <i>cubiçoso</i> ... Assim era;
Fui <i>pedante</i> ... Pois seria	Mas com taes artes vivi,
<i>Manhoso</i> ... Como ninguem.	E morri como vivera.

Junto deste lá se vê um tumulo de *pedra insôça*, rebocada e pintada a fingir marmore, aonde se vêem misturados os attributos das *nove musas* com os *emblemás maçonicos*, — as *balanças de Themis*, — o *Galero de Mercurio* etc. Do meio de toda esta trapalhada ergue-se uma Estatua de *pó-de-pedra* brunida da fabrica do *Cavaco* muito empertigada, com uma *cota de malha* semelhante a um espartilho, e o pelote e capa, como costuma pintar-se o Poeta-Guerreiro *Garcilasso de la Vega*, ou *Alonzo d'Ercilla*; na cabeça sobre um chinó uma corôa de louro; na mão esquerda uma trombeta; na direita uma *Chuça* brava; e nos pés *coturnos dramaticos*; e entre as duas pernas se vê um *Cupidinho* jogando as escondidas. Lá se lhe lê um Epitafio E'pico. Ei-lo ahí:

Eu aquelle, que ousei, novo *Agramanto*,
Provocar a certame a *Europa inteira*,
E embocando atrombeta (oh! féro encanto!)
Fiz tremer de terror gente estrangeira,
Dessa, que outrora com noventa espanto
* De mim dissera em phrase chocarreira
«= *Pardieu! voilà Monsieur l'Ambassadeur*
«*Marchand de soies, et Restaurateur!* =»

Musa! Reconta ao Seculo *Vindouro*
Como a penna votada á atrocidade
Comprada por fulgente metal louro
Fez pôr por terra as *Leys da Sociedade*:
Depois vendida ao *despota Calouro*

* Vid. *Chronica escandalosa moderna* — Artigos — *Sêdas da Belgica* — *Almoço diplomatico* — *Bolça esquecida*.

Da *Imprensa* guerreou a *Liberdade*...
Mas ah! — Se a *Europa* levantasse a luva,
Que gloria para um *filho da viuva!*...

A' frente dos *Magriços*, dos *Leonardos*,
E d'outros taes valentes *Paladinos*,
Eu iria açaimar esses *Leonardos*
C'o a lança em riste: e com meus sons divinos
Faria emudecer todos os *Bardos*....
Uma *Pastora* de olhos peregrinos
Pagara meus trabalhos de sobejo,
Compondo-me o *Chinó*, dando-me um beijo.

Perto deste está um *Mauzoleo* bem bonito de *pedra branca d'Ilhavo* com filetes d'ouro, e sobre elle uma luzente *Estatua de porcellana cor de tabaco* feita na grande fabrica da *Vista-Alegre*. Mostra um velho com cara de *flamengo bebado*, tendo na cabeça uma coroa de *parras*, na mão direita uma grande *caixa de tabaco* aberta; na esquerda um *foguete*; e aos pés um sacco de dinheiro com este le-treiro por fora = QUEM SE QUER HABILITAR? = O *Epitafio* é bem curto.

Festejei o *Rey-Chegou*;
E a *PEDRO* recém-chegado;
Fiz muita festa ao *Mijado*;
Mas nenhum me contentou.

Se fiz tamanha embrulhada
Com dinheiro e caramunhas,
Foi por não largar das unhas
Tão excellente *pilada*.

Que jazigo será aquelle que lá lhe está ao pé tão cuberto de lixo, de côdeas, e de môscas, que parece *um monturo*? — Elle parece ter sido feito de *pedra commua*, mas está mui gasta: tinha varios emblemas, de que apenas se destingue em relevo *um GAVIÃO* com uma *PALMA* nas garras. Sobre elle eleva-se a figura *barrenta* de um *Sacerdote* velho com olhos de doudo; na cabeça sobre um *chinó* ridiculo uma coroa de *dormideiras*; na esquerda um *Sudario* enrolado; e na direita um manuscrito, onde se lê = Homilia =. O *Epitafio* diz assim:

Chorai sobre a *campa fria*
D'um triste *Santeio* moderno
Que baixou ao negro *Averno*
Coberto de porcaria!...
Mas em quanto elle *prégava*
Fazia a todos dormir;
Se mais altos soluçava,
Entravam todos a rir.

Se não *pregava* o *Evangelho*,
Prégava a *Revolução*:
Chorava o tolo do velho,
Que mettia *compaixão*.
Descança em paz: mais não
[venhas
Suscitar *Excomunhões!*...
Perpétuo *descanço* tenhas,
Patrono dos Porcalhões!

Um pouco desviado daquelle está um *Sepulchro* fabricado de *tufo arcento e broeiro*, e sobre elle uma *Estatua* á feição de pote com, bochechas roliças, vestido de *diplomata*, coroado de *goivos*, e sostida nas mãos ambas uma *rede varredoura* em acção de a arranjar. O *Epitafio* limita-se a uma *Quadra*

Sybarita na *Inglaterra*,
Cynico em *Portugal*
Fiz ao *Luxo* estulta guerra....
Sómente por fazer mal...

A fé política liberal

Mais para traz de todos estes tumulos; como que envergonhado de se achar ali com elles, se vê um Mauzoleo de *marmore em bruto*, no qual se notam *tropheos militares*, e entre elles *uma bandeira de furta-côres*. Ergue-se de sobre a campa a Estatua de um *Guerreiro* manêta, tendo na cabeça uma coroa de *Hera* (erva que arruina o edificio a que devêo a sua elevação), e aos pés desmanchada uma coroa de *louros murchos*, e uma murça *d'arminho* amarrotada; na mão direita um *punhal*; e na esquerda uma *vibora*. Tem por baixo este conciso Epitafio

A um *Visionario* seduz
Sómente o *bello* ideal;
Por isso de *Anjo de Luz*
Me tornei *Anjo do Mal*.

Seguem-se agora no fundo uma fileira de sepulchros que mal se podem distinguir por estarem todos *na sombra do Quadro*: apenas entre estes avulta um pela maior massa de *negrume*, que sobre elle peza, por baixo de cuja *escura Estatua* se lê em *letras negras*

O Filho da Regateira,
Escritor regateiral,
Opprobrio de *Portugal,*
Commendador da Ribeira.

Ora deve-se confessar, que o tal PANTHEON, se vier a ser tal qual o Pintor *fecit*, ha-de ser ainda mais interessante, que o *Muzeu*, e o *Pateo dos Bixos*. — Adeos! meus Senhores?

(*Camara Optica cit., 7.ª perspectiva*)

31

MANDAMENTOS CARTISTAS

«= 1.ª = Pagar os *dividendos* da divida Estrangeira no 1.º de *Junho* = 2.ª = Satisfazer pouco mais ou menos *um anno* de pagamentos atrasados a todas as Classes que vivem do *Thezouro* = 3.ª = Levantar o crédito publico, que se acha reduzido a Zero dentro e fóra do Reino = 4.ª = Reanimar o *Commercio* que se acha estagnado = 5.ª = Promover a industria Nacional, que cada vez se vê mais decahida a despeito das protectoras *Pautas* = 6.ª = Restabelecer o socego das Provincias onde ninguem vive seguro = 7.ª = Segurar as Colonias quasi a fugir-nos = 8.ª = Abrir consummo aos productos da lavoura Nacional totalmente definhada = 9.ª = Fundar a instrucção publica cada vez mais abandonada, apezar dos Lycêos, Athenêos, Academias, Polytechnicas, Escólas de Capelães, Bibliothecas, e Conservatorios = 10.ª — Diminuir o *deficit*, que se acha ser hoje maior 400 *contos*, do que o ultimo *deficit* dos *devoristas* = Quem se achar nas circunstancias de occorrer a todas estas exigencias, e de affrentar as *hostilidades de um Sendeiro aos Couces*, dirija-se a *Cythera* ao presidente do *Congresso dos Amores*» =

Desviados daquelle tropel vêem-se varios grupos de diversas pessoas de todas as classes, uns em ar de quem faz perguntas, e outros encolhendo os hombros; e mais perto da meia laranja dous gingas, um delles apontando com a bengalla para o Edital, e sahindo-

-lhe da bocca estas palavras = «Aquelles dez mandamentos encerram-se em *dous* = CARTA com Leys poucas e boas = RAINHA com Ministros sensatos e firmes. = Da bocca do outro está sahindo a resposta seguinte = Isso é bom de dizer para os que tem que *perder*; mas para os que querem *ganhar*, tudo isso é *contra os principios*; — fallar na CARTA é crime, — acatar a RAINHA é infamia, — e *ser sensato é chamorrice*» =

(*Camara Optica cit.*, 14.^a perspectiva)

ANEXOS

RELATÓRIO E DECRETOS DO SECRETÁRIO DE ESTADO
DOS NEGÓCIOS DO REINO (PASSOS MANUEL)
SOBRE A CRIAÇÃO DO PANTEÃO

SENHORA = A Nação Portuguesa tem sido notada como ingrata para com os seus melhores Cidadãos. Não me queixaria eu se depois de serem perseguidos em vida, ao menos quando mortos fossem honradas as suas cinzas, e abençoada sua memoria. Os estranhos não cançam de nos lançar em rosto o pouco apreço que fazemos do Principe dos nossos Poetas, o insigne Camões, e de muitos outros Varões excellentes; mas não foi aquelle grande engenho o único que na vida e depois della experimentou as ingratidões da Patria; e talvez dahi procedesse não querer o Immortal Dom Pedro, Duque de Coimbra, que se levantassem Estatuas que cedo lhe podiam ser derribadas.

Porém uma nova Era se abriu em Portugal, e Vossa Magestade já principiou a pagar uma divida, que Vossa Magestade e a Nação deviam ao Generoso Infante Dom Henrique, Pai da Civilização moderna. Assim ninguem deixará de ter disposto o animo para grandes empresas, sabendo que debaixo do venturoso Reinado de Vossa Magestade não ficará nunca o merecimento sem o devido galardão. E' para animar os felizes engenhos e os corações generosos que me atrevo a propôr a Vossa Magestade a creação de um Monumento Publico consagrado á Memoria dos grandes Homens, que bem mereceram da Patria. § Eu poderia desde logo apresentar a Vossa Magestade o Nome do Augusto Pai de Vossa Magestade, duas vezes Libertador da Nação Portuguesa, Principe Magnanimo, que generosamente cortou pelas Prerogativas da Corôa para alargar a Liberdade Publica, e que tão valente se dignou desembainhar sua espada contra o feroz tyranno, por tanto tempo opprimiu a Nação Portuguesa; mas entendo seria melhor que o Grande Principe recebesse tão merecida honra do voto livre dos representantes da Nação, do que do Amor Filial de Vossa Magestade, e por isso tenho a honra de propôr a Vossa Magestade o seguinte Decreto. Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, em 26 de Setembro de 1836. = Manuel da Silva Passos.

TOMANDO em consideração o Relatorio do Secretario d'Estado dos Negocios do Reino: Hei por bem Decretar o seguinte:

Artigo 1.º Um dos Edificios deverá ser destinado para receber as Cinzas dos Grandes Homens, mortos depois do dia vinte e quatro de Agosto de mil oitocentos e vinte.

Art. 2.º Só o Corpo Legislativo poderá Decretar as honras do Pantheon.

Art. 3.º Nenhum Cidadão poderá receber esta honra senão quatro annos depois da sua morte.

Art. 4.º Só o Corpo Legislativo poderá Decretar as excepções a favor dos Grandes Homens, mortos antes do fausto dia vinte e quatro de Agosto de mil oitocentos e vinte.

O Secretario d'Estado dos Negocios do Reino assim o tenha entendido, e faça executar. Palacio das Necessidades, em vinte e seis de Setembro de mil oitocentos trinta e seis = RAINHA = *Manuel da Silva Passos.*

(*Diário do Governo*, n.º 230, 28 de Setembro de 1836)

TENDO Eu creado por Decreto de 26 de Setembro do presente anno um Pantheon destinado a perpetuar a memoria dos Varões Illustres, que por suas virtudes, e feitos gloriosos se tornaram credores do reconhecimento nacional, engrandecendo o nome Portuguez, e grandecendo-lhe a admiração e respeito de todos os Povos da terra: E bem assim a servir de estímulo aos que nos seculos futuros se possam fazer merecedores de semelhante honra: Ouvido o parecer da Commisão, nomeada por Portaria do Ministerio do Reino, de 3 de Outubro, com o fim de escolher entre os Templos da Capital o mais apropriado áquelle nobre destino, e M'o propôr com as demais providencias necessarias para a prompta execução do mencionado Decreto; Conformando-Me com o seu parecer, Hei por bem Decretar o seguinte:

Artigo 1.º: O Pantheon Portuguez, creado por Decreto de 26 de Setembro do presente anno, será estabelecido na sumptuosa Basilica de S. Vicente de Fóra, comprehendido o Claustro contiguo, que faz parte do edificio do extincto Mosteiro dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho.

Art. 2.º Nenhumas alterações se farão na referida Basilica, nem no seu actual destino, senão as absolutamente necessarias para a collocação dos tumulos, inscripções, e quaesquer outros monumentos funerarios, que nella houverem de erigir-se para recolher as cinzas, ou conservar a memoria dos Varões Illustres, a que as Côrtes tiverem decretado as Honras do Pantheon.

Art. 3.º A mesma Basilica continuará a servir de Jazigo dos Reis e Principes da Augusta Casa de Bragança: os seus tummulos, que se acham amontoados em um lugar improprio, serão mettidos em decorosos mausuleos, acompanhados das respectivas Inscripções, e convenientemente distribuidos pelos lados da Capella-Mór, que se denominará = Capella dos Reis de Portugal. =

Art. 4.º A inspecção, policia, e governo do Pantheon pertencerá ao Secretario d'Estado dos Negocios do Reino, o qual Me proporá os Empregados que julgar indispensaveis para o serviço e guarda do Pantheon; e o orçamento da despeza para o seu estabelecimento e conservação, a fim de ser submetida á aprovação das proximas Côrtes.

O Secretario d'Estado dos Negocios do Reino o tenha assim entendido, e faça executar. Palacio das Necessidades, em vinte e um de Novembro de mil oitocentos trinta e seis. = RAINHA. = *Manuel da Silva Passos.*

(*Diario do Governo*, n.º 280, 25 de Novembro de 1836)

PEQUENO VOCABULÁRIO DOS GRUPOS POLÍTICOS
ENTRE 1820-1836

Satiricamente ou de forma séria os vários grupos políticos que se confrontaram em Portugal nos anos da instauração do liberalismo e mesmo depois, recorreram ao uso de expressões muito peculiares para se designarem. Aqui ficam registadas as mais vulgares e que encontramos nos textos transcritos:

- CARTISTA** — Partidário da Carta Constitucional de 1826, fiel a D. Pedro IV e a D. Maria II. Conhecidos também sob o nome de *Amigos de D. Pedro* ou *Amigos da ordem*.
- CHAMORRO** — Em 1826 os miguelistas chamavam aos liberais *chamorros*. Em 1836, os setembristas usam também o nome de *chamorro* para designar os cartistas. O nome pode ter origem no modo como os castelhanos designavam os portugueses fiéis a D. João I (*chamorros ou tosquiados*).
- CORCUNDA** — Ou *servil*. Nome usado pelos liberais para designar, desde 1820 até 1828, os absolutistas e os miguelistas. De 1828 em diante os liberais passam a designar os miguelistas por *burros* e em 1832 por *caipiras*.
- FARROUPILHA** — Nome com que os cartistas designavam os setembristas. Outros nomes similares então também usados profusamente pelos cartistas para designar os seus opositores, foram: *irracionais*, *camelos* (porque pertenciam ao clube político dos Camilos), *maratistas* (porque faziam parte do clube do Arsenal) e *mijados*.
- LIBERAL** — ou *Constitucional*, *Mação* e *Pedreiro-Livre*. Nomes com que os absolutistas e depois os miguelistas, designavam os que eram partidários dos princípios e doutrinas liberais proclamadas em 24 de Agosto de 1820 e sancionados na Constituição de 1822. A partir de 1832 os miguelistas vencidos passam a chamar aos liberais *cacarras*.
- MALHADO** — ou *Negro*. Nome com que os absolutistas e depois os miguelistas passaram a designar os liberais a seguir à Vilafrancada (1823).
- MIGUELISTA** — Partidário da facção política que apoiou os projectos de poder absoluto do infante D. Miguel e da rainha Carlota Joaquina entre 1823 e 1832.
- MIJADO** — Desde 1836 os cartistas usam o termo de *mijado* para designar os setembristas. *Mijado* era a alcunha do pai de Manuel da Silva Passos (isto é, Passos

Manuel) que, como é conhecido, veio a ser a principal figura dos setembristas (o «rei» Passos). Em 1836-1837, os cartistas chamavam *mijados* aos setembristas; e estes retribuíam chamando àqueles *chamorros*.

PEDRISTA — Partidário da facção política que apoiou os projectos liberais e cartistas do Regente D. Pedro IV.

SETEMBRISTA — Partidário dos princípios políticos liberais triunfantes com a Revolução de Setembro de 1836 e herdeiros do ideário vintista.

VINTISTA — Partidário dos princípios políticos liberais, proclamados desde 24 de Agosto de 1820, e que em Portugal foi responsável pela introdução do constitucionalismo e do sistema parlamentar. Daí que o vintismo seja considerado como a origem do setembrismo e mais tarde do próprio republicanismo.

A fé política liberal

MINISTÉRIOS ENTRE 1834 E 1836

M. CARTISTAS							
PRES. CONSELHO	REINO	JUSTIÇA	FAZENDA	GUERRA	ESTRANGEIROS	MARINHA E ULTRAMAR	
DUQUE DE PALMEIRA (24 de Set. de 1834 a 28 de Abril de 1835)	D. FRANCISCO S. LUIZ (16 de Fev. de 1834 a 10 de Fev. de 1835)	A. B. FERREZ DE VASCONCELOS (24 de Set. de 1834 a 28 de Abril de 1835)	JOSE DA SILVA CARVALHO (18 de Maio de 1834 a 28 de Maio de 1835)	DUQUE DA TERCEIRA (24 de Set. de 1834 a 20 de Março de 1835)	CONDE DE VILA REAL (24 de Set. de 1834 a 16 de Fev. de 1835)	AGOSTINHO J. FREIRE (16 de Fev. de 1834 a 28 de Abril de 1835)	
CONDE DE LINHARES (4 a 27 de Maio de 1835)	AGOSTINHO J. FREIRE (16 Fev. a 27 de Maio de 1835)	MANUEL D. LEITAO (28 de Abril a 27 de Maio de 1835)	FRANCISCO A. DE CAMPOS (27 de Maio a 18 de Nov. de 1835)	CONDE DE VILA REAL (20-Março a 26-Maio-1835)	DUQUE DE PALMEIRA (16 de Fev. a 28 de Abril de 1835)	CONDE DE VILA REAL (16 de Fev. a 28 de Abril de 1835)	
MARQUES DE SALDANHA (18 de Nov. de 1835)	JOAO DE S. PINTO DE MAGALHAES (15 de Julho de 1835) RODRIGUEZ DE NESSICA MAGALHAES (15 de Julho a 18 de Nov. de 1835)	MANUEL A. DE CARVALHO (28 de Abril a 27 de Maio de 1835) JOAO DE S. PINTO DE MAGALHAES (15 de Julho a 18 de Nov. de 1835)	JOSE DA SILVA CARVALHO (15 de Julho a 18 de Nov. de 1835)	MARQUES DE SALDANHA (26 de Maio a 18 de Nov. de 1835)	CONDE DE VILA REAL (28 de Abril a 27 de Maio 1835) MARQUES DE LOULE (27 de Maio a 25 de Julho 1835) ANTONIO FERREZ DE ATOUGUA (18 de Nov. 1835) (25 de Julho a 18 de Nov. 1835)	CONDE DE LINHARES (28 de Abril a 27 de Maio 1835) MARQUES DE LOULE (27 de Maio a 25 de Julho 1835) ANTONIO FERREZ DE ATOUGUA (18 de Nov. 1835) (25 de Julho a 18 de Nov. 1835)	
JOSE JORGE LOUREIRO (25 de Nov. de 1835 a 19 de Abril de 1836)	VISC. DE SA DA BANDEIRA (18 a 23 Nov. 1835) LUIZ DA S. MOURZINHO DE ALBUQUERQUE (25 de Nov. 1835) SA. D. V. MOURZINHO DE ALBUQUERQUE (30 de Nov. a 20 de Abril 1836)	MANUEL A. VELEZ CALDEIRA CASTELO BRANCO (18 de Nov. de 1835 a 20 de Abril de 1836)	F. A. CAMPOS (18 Nov. de 1835 a 6 de Abril de 1836) JOSE JORGE LOUREIRO (interimio) (de 6 a 19 de Abril de 1836)	JOSE JORGE LOUREIRO (18 de Nov. 1835 a 19 de Abril de 1836)	MARQUES DE LOULE (18 de Nov. 1835 a 20 de Abril de 1836)	VISC. DE SA DA BANDEIRA (18 de Nov. 1835 a 20 de Abril de 1836)	
DUQUE DA TERCEIRA (19 de Abril de 1836)	A. J. FREIRE (20 de Abril de 1836 a 10 de Set. de 1836)	J. A. DE AGUIAR (20 de Abril de 1836 a 10 de Set. de 1836)	J. DA SILVA CARVALHO (10 de Set. de 1836)	DUQUE DA TERCEIRA (19 de Abril de 1836 a 10 de Set. de 1836)	CONDE DE VILA REAL (20 de Abril de 1836 a 10 de Set. de 1836)	M. GONCALVES DE MIRANDA (20 de Abril a 10 de Set. de 1836)	

(Fonte: Índice Alfabético e Remissivo dos trabalhos parlamentares, das Cortes Gerais da Nação Portuguesa, Tomo III, Lisboa, 1905)

MINISTÉRIOS DE 1836

M. SETEMBRISTAS

PRES. CONSELHO	REINO	JUSTIÇA	FAZENDA	GUERRA	ESTRANGEIROS	MARINHA E ULTRAMAR
CONDE DE LUMIARES (10 de Set. a 3 de Nov. 1836)	PASSOS MANUEL (id.)	P.º VIEIRA DE CASTRO (id.)	SÁ DA BANDEIRA (id.)	CONDE DE LUMIARES (id.)	SÁ DA BANDEIRA (id.)	CONDE DE LUMIARES (id.)
VALENÇA (3 a 6 de Nov. de 1836)	VISC. DO BANHO (id.)	OLIVEIRA (id.)	PORTO COVO (id.)	LEIRIA (id.)	VALENÇA (id.)	LEITE (id.)
SÁ DA BANDEIRA (6 de Nov. de 1836 a 27 de Maio de 1837)	PASSOS MANUEL (id.)	P.º VIEIRA DE CASTRO (id.)	PASSOS MANUEL (id.)	SÁ DA BANDEIRA (id.)	SÁ DA BANDEIRA (id.)	P.º VIEIRA DE CASTRO (id.)

(Fonte: O. Martins, *Portugal Contemporâneo*, 2.º vol., Lisboa, 1977)

JORNAIS CONSULTADOS ENTRE 1834 E 1836

TÍTULO	LOCAL	IMPRESSÃO	DURAÇÃO	REDAÇÃO	OBSERVAÇÕES
O NACIONAL	Lisboa	Liberal	3 de Nov. de 1834 a 31 de Dez. de 1842	Paulo Mídosi Vicente Gonçalves Rio Tinto Leonel Tavares Cabral	Diário. No período de 34-36 foi um dos mais importantes órgãos da oposição aos ministros carlistas. Succedeu a «Águia do Occidente» e em 1843 foi continuado pelo «Patriota».
O ARTILHEIRO	Porto	Gandra e F.*	22 de Ago. de 1835 a 14 de Julho de 1837	José de Sousa Bandeira e J. Nogueira Gandra (colab.)	Diário cartista e de crítica satírica aos opositores do cartismo. Em 1838 fundiu-se no «Periódico dos Pobres do Porto».
O RAI0	Lisboa	Galhardo e Ir.	30 de Março a 6 de Set. de 1836	Dámaso Joaquim L. de Sousa Monteiro e P.* Joaquim M. Moura Lampreia	Trissemanal (segundas, quintas e sábados) Periódico cartista escrito em tom satírico.
CHRONICA CONSTITUCIONAL DO PORTO	Porto	Gandra e F.*	11 de Julho de 1832 a 31 de Dez. de 1834	J. Nogueira Gandra (colab.)	Semanário. Periódico oficial do governo constitucional. Substituiu a «Cronica da Terceira» e foi continuado pelo «Diario do Porto».

(Fontes: — Cunha, Alfredo da, *Elementos para a história da imprensa periódica portuguesa*, Lisboa, 1941
— *Dicionário Bibliográfico Português*, Lisboa, 1896
— Pereira, A. X. da Silva, *O Jornalismo Português*, Lisboa, 1897
— Tengarrinha, José Manuel, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, Lisboa, 1965)